

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
E DO MEIO AMBIENTE

KELLY SILVA TEIXEIRA

SOCIALIDADE, TRIBOS URBANAS E O COTIDIANO DOS(AS) CICLISTAS DE
VOLTA REDONDA

VOLTA REDONDA

2022

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
E DO MEIO AMBIENTE

SOCIALIDADE, TRIBOS URBANAS E O COTIDIANO DOS(AS) CICLISTAS DE
VOLTA REDONDA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde do Meio Ambiente do UniFOA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Aluna:

Kelly Silva Teixeira

Orientador:

Marcelo Paraíso Alves

VOLTA REDONDA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária: Alice Tacão Wagner - CRB 7/RJ 4316

T266s Teixeira, Kelly Silva

Socialidade, tribos urbanas e o cotidiano dos (as) ciclistas de Volta Redonda./ Kelly Silva Teixeira. - Volta Redonda: UniFOA, 2022. 118 p.

Orientador (a): Prof. Marcelo Paraíso Alves

Dissertação (Mestrado)-UniFOA/ Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, 2022.

1. Ciências da saúde - dissertação. 2. Mobilidade ativa. 3. Tribos urbanas. 4. Ciclismo - cotidiano. 1. Alves, Marcelo Paraíso. li. Centro Universitário de Volta Redonda. Ili. Título.

CDD-610

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluna: Kelly Silva Teixeira

SOCIALIDADE, TRIBOS URBANAS E O COTIDIANO DOS(AS) CICLISTAS DE VOLTA REDONDA

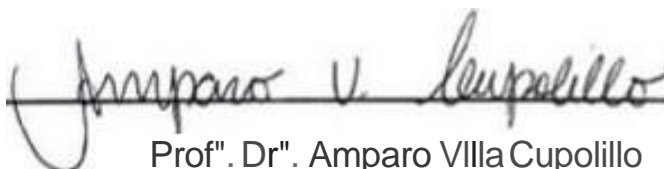
Orientador.

Prof. Dr. Marcelo Paraíso Alves

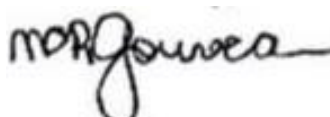
Banca Examinadora



Prof. Dr. Marcelo Paraiso Alves



Prof. Dr. Amparo Villa Cupolillo



Prof. Dr. Maria Aparecida Rocha Gouvêa

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo da minha vida.

Ao Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA), pela oportunidade de fazer o Curso de Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, seu corpo docente e funcionários.

A meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Paraíso Alves, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas correções e incentivos. Muito obrigada por sua dedicação, paciência e confiança ao longo da orientação deste trabalho.

A todos os meus professores (as) do Curso de Educação Física UniFOA, pelo incentivo durante todo percurso, assim como aos meus alunos, que me motivam a buscar sempre o melhor.

Aos meus pais, que sempre me ensinaram o caminho certo que deveria percorrer, mas como teimosa que sou, buscava atalhos. Sem eles não teria chegado onde estou. Eu tenho muito orgulho de ser filha de vocês e muita admiração pelos pais que tenho.

Meus agradecimentos aos amigos, companheiros de trabalhos, que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

O presente estudo emergiu de duas questões centrais que se complementam: primeira, a mobilidade ativa e a educação para o trânsito; segunda, a mobilidade urbana e a educação socioambiental. Ao considerar as questões mencionadas e o cenário da pesquisa, município de Volta Redonda, alguns questionamentos nos direcionaram: como se desenvolve o processo de socialidade das tribos urbanas vinculadas ao ciclismo no município de Volta Redonda? Será que os grupos de ciclismo produzem práticas educativas no cotidiano do município de Volta Redonda? Quais os problemas enfrentados pelos ciclistas no trânsito de Volta Redonda? Desse modo, a pesquisa objetivou investigar as práticas socioculturais da tribo urbana *Bike Anjo*, propondo a criação de uma HQ para crianças de 6 a dez anos. Inicialmente foi realizada uma revisão integrativa na intenção de investigar as produções referentes ao ciclismo e aos movimentos articulados a mobilidade ativa. Posteriormente, o estudo se debruçou no mapeamento dos grupos de ciclistas da cidade de Volta Redonda, na tentativa de conhecer as práticas socioculturais desenvolvidas no município. Desse modo, optamos pela sociologia compreensiva, o que permitiu a utilização dos seguintes instrumentos para produzir os dados empíricos do estudo: a roda de conversa, a entrevista e a análise documental. Os resultados obtidos nos permitem tecer as seguintes assertivas: a) apesar de haver, no município de Volta Redonda, outros grupos que atuam na perspectiva da comunidade emocional, a tribo urbana *Bike Anjo* se destaca pelos projetos de inserção social; b) a comunidade *Bike Anjo* atua coletivamente a partir de valores que direcionam suas ações para a sociedade; c) os projetos sociais desenvolvidos pela tribo urbana investigada contribui com a disseminação dos valores vinculados à mobilidade ativa, de modo a contribuir com a educação no trânsito, com a mobilidade urbana e com as questões socioambientais.

Palavras-chave: Mobilidade Ativa; Tribos Urbanas; Ciclismo; Cotidiano.

ABSTRACT

The present study emerged from two central questions that complement each other: first, active mobility and traffic education; second, urban mobility and socio-environmental education. When considering the mentioned issues and the research scenario, the municipality of Volta Redonda, some questions directed us: how does the process of sociality of urban tribes linked to cycling in the municipality of Volta Redonda develop? Do cycling groups produce educational practices in the daily life of the municipality of Volta Redonda? What are the problems faced by cyclists in traffic in Volta Redonda? In this way, the research aimed to investigate the sociocultural practices of the urban tribe Bike Anjo, proposing the creation of a comic book for children from 6 to ten years old. Initially, an integrative review was carried out in order to investigate the productions related to cycling and movements articulated with active mobility. Subsequently, the study focused on the mapping of groups of cyclists in the city of Volta Redonda in an attempt to know the sociocultural practices developed in the municipality. Thus, we opted for comprehensive sociology, which allowed the use of the following instruments to produce the empirical data of the study: the conversation circle, the interview and document analysis. The results obtained allow us to make the following assertions: a) although there are other groups in the municipality of Volta Redonda that work from the perspective of the emotional community, the urban tribe Bike Anjo stands out for its social inclusion projects; b) the Bike Anjo community acts collectively based on values that direct its actions towards society; c) the social projects developed by the investigated urban tribe, contribute to the dissemination of values linked to active mobility, in order to contribute to traffic education, urban mobility and socio-environmental issues.

Keywords: Active Mobility; Urban Tribes; Cycling; Daily.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	10
2. INTRODUÇÃO	13
3. METODOLOGIA	17
2.1 Sujeitos e local da Pesquisa.....	17
2.2 Métodos e Instrumentos da Pesquisa	18
2.3 METODOLOGIA DO PRODUTO	22
4. TRIBOS SOCIAIS E AMBIVALÊNCIA	25
5. É POSSÍVEL <i>ENSINAR</i> APRENDER COM A HISTÓRIA EM QUADRINHOS? POSSÍVEL DIÁLOGO COM EDUCOMUNICAÇÃO	30
4.1 Estruturação da HQ.....	37
4.2 Roteiro da HQs.....	38
6. TRIBOS SOCIAIS E O CICLISMO E VOLTA REDONDA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	45
5.1 <i>Clube Bike Adventure, Voltaço MTB e Bike Anjo</i>	47
7. BIKE ANJO E A COMUNIDADE EMOCIONAL: UM MERGULHO NA CARTA DE VALORES	57
8. POTÊNCIA E PODER: A VISIBILIZAÇÃO DOS PROJETOS SOCIAIS DO <i>BIKE ANJO</i>	76
7.1 – <i>Projeto Bike Para Todos</i>	78
7.2 – <i>Projeto Escola Bike Anjo</i>	83
9. PRODUTO EDUCACIONAL	91
8.1 APRESENTAÇÃO	91
8.2 PÚBLICO-ALVO	93
8.3 <i>LINK PARA ACESSO AO PRODUTO EDUCACIONAL</i>	93
8.4 Aplicação/Validação do Produto.....	95
10. CONSIDERAÇÕES	99
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	109
APÊNDICE A	118

1. APRESENTAÇÃO

Eu Kelly Silva Teixeira ao longo dos anos venho desenvolvendo ações vinculadas à diversas áreas, como vôlei, futebol, basquete, entre outros esportes. Dentre as diferentes práticas que cercam a esfera da cultura corporal de movimento, foi a prática de esporte que escolhi para ser desempenhada durante a minha infância e adolescência.

Devido a falta de recursos na cidade em que residia, não cheguei a participar de campeonatos de nível estadual e nacional, mas pratiquei o vôlei por mais de 15 anos, chegando no adulto com 13 anos. Porém, o futebol jogava conciliando com o vôlei, participando de torneios, copas entre outras, pelo prazer que prática me oferecia.

A identificação com as modalidades era tanta que eu, ainda nova, sonhava em participar de uma olímpiada e ser atleta profissional. Porém, tinha a convicção da dificuldade desse feito, então, tinha como opção de profissão no futuro: ser professora de Educação Física, era o que me aproximava dessas áreas. O esporte me trouxe muitos benefícios e minha vontade era estar ligada a ele para sempre e passar aquilo para outras pessoas.

Terminei os estudos na formação Inicial e ingressei no curso de Educação Física, no Centro Universitário de Volta Redonda, em 2014. Nesse momento, aos 21 anos, tive que conciliar os estudos, os estágios e os treinos. Em 2018, voltei ingressei novamente no curso de Educação Física, só que na área da Licenciatura, para atuar na escola.

Durante o período de formação docente, conheci a ginástica artística (GA), o que passou a estar presente na forma de estágios. Tais estágios foi desenvolvido na Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL) e Barra Mansa Vôlei Clube (BMVC), o que me permitiu acompanhar o trabalho de professores diferenciados, oportunizando o contato práticas e linhas de trabalho com objetivos distintos: treinamento de alto nível, escolinhas e iniciação esportiva. Além disso, fiz cursos na área em diferentes locais para aprimorar esses novos conhecimentos.

Essa aproximação da GA, fez com que durante o período de docente, entre os anos 2015 e 2018, a oportunidade de ser monitora na disciplina de Ginástica

Geral, que atualmente passou a ser chamada de Ginásticas e Atividades Rítmicas Expressivas. Nesse período, tornou-se importante enquanto instrumento de aprendizagem para a formação e desenvolvimento acadêmico. Representando um grande desafio, por ser uma experiência nova, além de uma postura diferenciada. É importante ressaltar que a monitoria, passou ser importante no começo, apenas para agregar o currículo acadêmico e profissional, em busca de um simples título, porém, o novo, foi se tornando algo imprescindível, bem como estímulo e ensaio para a futura prática docente.

No final da faculdade, pesquisei para os trabalhos de conclusão de curso no Bacharel sobre: “A Inclusão de Deficientes Físicos Amputados por meio da Ginástica Artística” cujo o objetivo era investigar se a GA é um esporte possível para ser trabalho com deficiente físico amputado, já na licenciatura “As Ginásticas e as Dimensões do Conteúdo no Contexto Escolar”, que tinha como objetivo discutir a ginástica enquanto conteúdo da educação física escolar e destacar a importância das três dimensões do conteúdo: conceitual, procedimental e atitudinal, de forma a garantir o ensino por meio do esporte em vez de limitar a Educação Física a ensinar esporte. Ambos os trabalhos foram desenvolvidos com a orientadora professora Me. Thais Vinciprova Chiesse de Andrade Melo.

Ao concluir a graduação, já sabia o que queria para minha trajetória profissional: trabalhar com esporte e me tornar docente no ensino superior.

No ensino Superior, iniciei minha trajetória como professora voluntária no ano de 2019, ao lado de incríveis profissionais Regina Celi e Thais Vinciprova. Que tinha como objetivo apoiar o professor nas atividades teóricas e práticas, auxiliar os alunos orientando individual e coletivamente, construir a relação necessária do monitor da disciplina com os alunos, entre outras atividades. Dessa forma, me possibilitou um crescimento pessoal e profissional na área, além de me permitir uma vivência das atividades docentes.

Paralelamente, em 2019 aceitei um convite para trabalhar no Studio especializado em treinamento funcional, no Studio Topus Performance, sobre a direção de Livia Mieterhofer. Que agregou novos conhecimentos e aprendizagem, e um grande crescimento profissional. Assim como, nesse mesmo período passei para o concurso público de Volta Redonda, onde comecei a trabalhar como professora na

Secretária Municipal de Esporte e Lazer (SMEL), com a iniciação esportiva em ginástica artística.

E por estar como professora voluntária resolvi ingressar no programa de mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente no Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA).

Ao adentrar no programa, o projeto inicial era sobre: A inclusão de deficientes físicos amputados por meio da ginástica artística. Porém, durante as primeiras conversas com o orientador professor Dr. Marcelo Paraíso Alves resolvemos adentrar nesse espaço que não é do meu costume, que é o ciclismo. Um tema desafiador, com conceitos novos, o que me motivou. Diante disso, a pesquisa se deu ao observamos o número de pessoas que utilizavam a bicicleta em Volta Redonda e o número crescente de grupos de ciclistas no município, cujo a temática é a Sociabilidade, Tribos Urbanas e o Cotidiano dos (as) ciclistas de Volta Redonda.

2. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como centralidade uma proposta de dissertação para o Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, especificamente na linha de pesquisa vinculada às práticas corporais e cultura corporal de movimento.

O referido estudo dialoga com a temática fundada nos grupos de ciclistas e em seus processos de socialidade¹, bem como nas produções constituídas pela referida comunidade. Cabe frisar que, neste trabalho, optamos por denominar tais associações como tribos urbanas (MAFFESOLI, 1998). Para esse autor, tribo urbana é a partilha de um gosto: “tribo sexual, tribo musical, tribo esportiva, tribo cultural, tribo religiosa etc. Partilha de um gosto no sentido simples da palavra gosto” (MAFFESOLI, 2011, p. 528-529).

Ao nos aproximarmos de tal temática (ciclismo), nos deparamos com a limitada produção de estudos, cujo objeto dialogasse com as produções socioculturais urbanas, pois, em sua maioria, priorizavam o alto rendimento (NETO *et al.*, 2001; PEREIRA, 2019), a mobilidade urbana (MAGAGNIN, 2011; CARLI, 2012) e a saúde (DIEFENTHAELER; VAZ, 2008; CARITA; GRECO; PESSOA FILHO, 2013; TAVARES, 2018).

Outra evidência que nos permitiu perceber a ausência de trabalhos científicos que contemplem a temática de ciclismo e tribos urbanas emergiu de uma pesquisa sistematizada a partir da perspectiva bibliográfica, no intuito de buscar informações sobre o assunto. Na investigação, utilizamos os descritores tribos urbanas e cotidiano; tribos urbanas e ciclismo; e ciclismo e cotidiano. Cabe frisar que o operador *booleano AND* foi usado para formar os conjuntos de descritores, facilitando a busca e a obtenção mais objetiva das informações de pesquisa.

As plataformas utilizadas foram as seguintes: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e US National Library of Medicine National Institutes of Health (PubMed). Os critérios de inclusão que definiram a

¹ O uso da noção de socialidade emerge, neste estudo, por se remeter “a uma concepção mais holística do vínculo social, ou seja, ela integra o sonho, o jogo e o imaginário” (MAFFESOLI, 2011, p. 17).

permanência dos artigos na pesquisa foram: a) artigos escritos em português; b) ano de publicação dos artigos (2010 a 2018); c) revisado por pares.

Na busca inicial das investigações, foram encontrados 529 artigos, a partir das combinações entre os descritores. Após o refinamento dos dados, em que se utilizaram os critérios para seleção e exclusão automática e manual e a leitura dos resumos, restaram apenas 15 artigos. Embora, inicialmente, se tenha encontrado 529 artigos, após a leitura dos resumos, verificamos a baixa produção de conhecimento referente a essa temática, bem como à dimensão e à realidade da inserção desse saber no campo acadêmico e científico.

Para isso, foi utilizado o referencial teórico Michel Maffesoli. No primeiro capítulo, discutimos o mergulho sobre as tribos urbanas e suas ambivalências. Nesse momento, Maffesoli (2002) foi o autor que nos permitiu problematizar as transformações sociais características da sociedade pós-moderna, apresentando uma discussão teórica que relaciona a noção de socialidade e ambiência emocional.

No segundo capítulo, é possível *ensinaraprender* com a História em Quadrinhos (HQ)? Possível diálogo com a educomunicação onde a discursão subsidia tribos urbanas que privilegia o encontro com alguns valores, mediados pela comunicação e instrumentos tecnológicos, que auxilia na construção do produto educacional, por meio da estruturação e do roteiro da HQ.

Posteriormente, no terceiro capítulo, destacamos as primeiras aproximações dos grupos de ciclistas da cidade de Volta Redonda –, apresentando as especificidades de cada coletividade articuladas às proposições de Maffesoli (2002) e Magnani (2010).

No quarto capítulo, optamos pelo mergulho na tribo urbana *Bike Anjo*, sendo possível investigar os modos de sentir, pensar e agir. Nessa parte do estudo, a Carta de Valores emerge como centralidade, pois o documento revela detalhes da concepção de mundo construída coletivamente pelas *personas* que o compõem.

Com relação ao quinto capítulo, a pesquisa permitiu apresentar em detalhes os projetos sociais do *Bike Anjo* e, em, por conseguinte, o modo singular de como o grupo intervém no social, privilegiando a noção de potência oriunda das discussões de Maffesoli (2011, p. 17). Desse modo, partindo das noções de poder e potência e do

pensamento de Arroyo (2014), foi possível articular a ideia de que os espaços formativos ultrapassam os muros da escola, tendo em vista que os movimentos sociais são espaços formativos em potencial.

Assim, a justificativa do presente estudo emerge de duas questões centrais: primeira, as lacunas existentes em relação à temática investigada, devido ao baixo número de publicações a respeito; segunda, ao significativo impacto social no município de Volta Redonda-RJ, desenvolvido pelas tribos urbanas de ciclismo e, em decorrência, à potência desse movimento como coletivo que se mobiliza para conquistar suas demandas sociais, políticas, esportivas, de lazer, de saúde, dentre outras, conforme preconizado pelo artigo 6º da Constituição Federal brasileira: “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988).

Na direção da segunda questão supramencionada, consideramos que o impacto social promovido pelas tribos urbanas nos remete à discussão de Arroyo (2003) que, ao refletir sobre as pedagogias que estão em movimento, oriundas dos movimentos sociais, nos remete a pensar em que dimensões e em que aspectos tais movimentos contribuem para as teorias pedagógicas e, em decorrência, para o *pensarfazer*² educativo, tanto das propostas desenvolvidas no cotidiano escolar quanto as que são produzidas para além dos muros da escola: “o aprendizado dos direitos pode ser destacado como uma dimensão educativa. Os movimentos sociais colocam a luta pela escola no campo dos direitos” (ARROYO, 2003, p. 30).

Parece-nos óbvio que o autor, ao se reportar aos movimentos sociais, articula as práticas educativas e de transformação social aos coletivos e lutas pelas condições de produção da existência, principalmente ao movimento operário e aos movimentos sociais que despontaram nas últimas décadas: movimento feminista, movimento negro, Movimento dos Sem Terra, dentre outros. Para o autor, essa matriz pedagógica se aproxima de uma constituição formadora de cidadãos participativos. Porém, devemos considerar que a sociedade atual se organiza sob outras condições, em outro contexto. Dessa forma, questionamos: Como ficam, no atual contexto, esses

² A opção pela junção de palavras se aproxima da proposição teórico-metodológica de Alves (2003). Para a pesquisadora, a reinvenção de outras tantas palavras busca romper com a dicotomia implantada pela ciência clássica: teoria/prática, ensino/aprendizagem, natureza/cultura, dentre outras.

vínculos entre movimentos sociais e os de caráter educativo? Como se desenvolve o processo de socialidade das tribos urbanas vinculadas ao ciclismo no município de Volta Redonda? Será que os grupos de ciclismo produzem práticas educativas no cotidiano do município de Volta Redonda? Quais os problemas enfrentados pelos ciclistas no trânsito de Volta Redonda?

Diante do exposto, o objetivo geral da pesquisa é investigar as práticas socioculturais da tribo urbana *Bike Anjo*, propondo a criação de uma HQ para potencializar a ação educativa da Escola *Bike Anjo*. Especificamente, as ações se desenvolveram a partir dos seguintes objetivos específicos: mapear as especificidades dos grupos (faixa etária, classe social, gênero, orientação sexual) de ciclistas; identificar quais os objetivos dos grupos e as práticas de cunho educativo desenvolvido no cotidiano da cidade; criar uma HQ para potencializar as práticas educativas desenvolvidas pelo *Bike Anjo*, no município de Volta Redonda.

3. METODOLOGIA

2.1 Sujeitos e local da Pesquisa

Volta Redonda é um município que se encontra no eixo Rio-São Paulo, estando localizada no interior do estado do Rio de Janeiro, região Sudeste do país e, mais especificamente, no Sul Fluminense do referido estado. O município também é reconhecido nacionalmente pela denominação de “Cidade do Aço”, por alojar a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), atualmente a maior da América Latina.

O município é cortado pelo Rio Paraíba do Sul, sendo a principal fonte de estabelecimento de água do município, assim como responsável pelo seu nome, devido a uma das curvas do rio. Com relação ao impacto na referida região, a cidade possui uma população estimada em 273.012 habitantes e uma área de 182,105 km², tornando-a a maior cidade do Sul Fluminense e a terceira maior do interior do estado (IBGE, 2019).

Os sujeitos que se pretende estudar são os grupos de ciclistas do município de Volta Redonda, subdivididos em três grupos: *Clube Bike Adventure*, *Voltaço MTB* e o *Bike Anjo de Volta Redonda*.

O *Clube Bike Adventure* foi fundado em 23 de novembro de 2003 por um grupo de 10 amigos. Atualmente, seus criadores possuem 75 anos, com exceção de Márcio Aurélio Lemos, um dos membros responsáveis pelo *Clube Bike Adventure* e membro do Conselho Municipal de Transporte e Mobilidade Urbana (COMUTRAN) do município, representando um grupo de ciclistas composto, aproximadamente, por de 2 mil participantes, espalhados em subgrupos e várias cidades.

Outro grupo existente na cidade de Volta Redonda é o *Voltaço MTB*. O grupo foi criado a partir de diversos casais que iniciavam na prática do ciclismo. De acordo com Lúcio Thadeu Saar Araújo (um dos fundadores), o nome - *Voltaço MTB* – surgiu dos passeios de longas distâncias que o grupo realizava, pois utilizavam um aplicativo que monitora o treinamento de corrida ou *bike* com GPS para mapas e rotas, e a nomenclatura utilizada era o *Voltaço MTB*. Daí, quando o grupo foi criado, resolveram mantê-la. Atualmente, o grupo possui, aproximadamente, 256 participantes.

Já o grupo *Bike Anjo de Volta Redonda* difere-se dos demais devido ao modo como mobiliza e auxilia as pessoas por meio do uso da bicicleta no seu cotidiano: transporte urbano, lazer e esporte. Vicente Sacramento e Magna de Fátima Miguel Moraes, são uns dos fundadores do “Bike Anjo”, ativistas da bicicleta em Volta Redonda, e participam do movimento desde 2015. A atuação do grupo constituiu a Associação Acíclica, mobilidade sustentável com papel fundamental de lutar por benefícios para a cidade, dialogando com órgãos públicos e com a sociedade para divulgar o ciclismo no município.

2.2 Métodos e Instrumentos da Pesquisa

Na intenção de atingir os objetivos propostos, optamos pela aproximação aos Estudos do Cotidiano, que privilegiam o mergulho nas práticas socioculturais de grupos sociais. Portanto, neste estudo, o Cotidiano é entendido como uma possibilidade metodológica de decifração do social (PAIS, 2003). Para Pais (2003), tal metodologia propicia “um olhar seletivo e sensibilizado (...) com uma dupla preocupação: a ver a sociedade a nível dos indivíduos e, ao mesmo tempo, a de ver como o social se traduz na vida deles” (PAIS; LACERDA; OLIVEIRA, 2017, p. 307).

Nessa linha de pensamento, ao mergulhar no cotidiano da comunidade de ciclismo *Bike Anjo*, optamos pela Sociologia Compreensiva (MAFFESOLI, 1988), que privilegia o cotidiano e as maneiras singulares de cada *persona* sem desprezar o coletivo: “existe, efetivamente, um ‘conhecimento’ empírico cotidiano que não pode ser dispensado” (MAFFESOLI, 1988, p. 195).

Tal perspectiva sociológica rompe com a imagem especular preconizada pela razão moderna que relega à empiria uma condição subalterna, pois, ao contrário, defende o equilíbrio entre a erudição (crítica, razão) e a paixão (sentimento, imaginação), de modo a permitir uma compreensão da vida cotidiana. Assim, ao contrapor o racionalismo estático, concede e privilegia uma racionalidade fluída, que apela para a paixão, para o instinto, denominada de razão sensível (MAFFESOLI, 1988). Considerando tal proposição, buscamos acompanhar as práticas das *personas* que compõem a comunidade investigada, intencionando compreender o que os mobiliza e o que os identifica como coletividade emocional.

Desse modo, a sensibilidade relativista, um dos pressupostos da sociologia compreensiva, acentua a socialidade, visto que possui um procedimento que “forma” por “aproximações concêntricas, por sedimentações sucessivas, tudo maneiras que são respeitadoras das incompletudes e das lacunas que, por um lado, são observáveis e que, por outro lado, são estruturalmente necessárias à existência (...)” (MAFFESOLI, 1988, p. 22). Portanto, o que buscamos ressaltar é o privilégio concedido à heterogeneidade do social, pois, ao contrário da razão moderna, a sociologia compreensiva procura operar a partir de uma perspectiva “eteroscópica” (MAFFESOLI, 1988). Tal ótica se coloca em contraposição à visão monocular ao contemplar a pluralidade: “para cada objeto de análise, referenciamos diversos ângulos de ataque, o que se aproxima mais do contraditório que está em acto na socialidade” (idem, p. 22).

Assim, é importante explicitar que não estamos aqui em busca de um comportamento homogêneo entre seus membros ou comprovar que caminham em uma única direção, mas entender como o coletivo investigado constrói suas ações de socialidade em torno do ciclismo.

Desse modo, emerge outro pressuposto da sociologia compreensiva, a prioridade à complexidade do social. Se de um lado há uma perspectiva que procura transitar a partir de uma paradigma determinista, por outro lado, há os que buscam uma ação interacionista, visto que essa perspectiva sociológica – compreensiva – ao contrário de projetar um sentido, busca introjetar, pois descreve a vivência e não se contenta em trabalhar a partir de uma imagem especular, abstrata e universal, mas acompanha os trajetos realizados pelos atores sociais, conforme nos chama atenção Maffesoli (2008, p. 6):

o fundamento da sociologia compreensiva é esse trajeto; o retorno à perversidade polimorfa; ao sagrado do sincretismo; ao politeísmo. É algo que nos remete a uma espécie de paganismo. O termo latino *pagannus* corresponde a camponês (*paysan*, em francês) aquele que ama a terra (amor-múndi) Esta terra. Este mundo. É isso a compreensão.

Nessa direção, não há uma dicotomia entre o pesquisador e seu fenômeno de investigação, muito menos se abstrai dele assumindo uma condição de neutralidade, pois “ele faz parte daquilo que descreve, ele está no interior” (MAFFESOLI, 1988, p. 16). Não há separação, pois o investigador não coloca de lado sua subjetividade, visto ser esse o protótipo do cientificismo.

Daí que esse modo de compreensão nos remete a outro pressuposto: o formismo: “não sou eu que crio o que nomino, mas ressalto o que é destacado. Primeiro a existência e depois, a formação. Formismo é interação” (MAFFESOLI, 2008, p. 8). Ao trazer à tona essa questão – forma –, que nos aparenta ser uma posição de equilíbrio entre a razão e o cotidiano, a vida comum, o autor ressalta que a sociologia estuda as formas da vida social, portanto, deve descrever os contornos, na sua interioridade, suas necessidades e representações.

Outrossim, cabe ainda ressaltar que a sociologia compreensiva se articula à pesquisa estilística que sugere (...) “não recorrer às formas estruturantes e facilitadoras, que organizam o discurso e o método, mas se valer de uma gramática adequada e capaz de não encarcerar o saber” (...) (TEJERA; HAUSSEN, 2009, p. 360), pois mais vale o percurso do que o ponto de chegada. Para Paiva (2004), a sociologia compreensiva realiza uma oposição frente ao mero cientificismo, pois prescinde das categorias e conceitos fechados em si mesmos para ceder espaço às imagens, metáforas e conceitos provisórios no intuito de compreender os acontecimentos: “para isso, recorre à tradição, não àquela fixada nos anais, museus e cartórios, mas à tradição da cultura popular que fora oculta pela lógica dominante da modernidade racionalista” (idem, p. 31).

Desse modo, salientamos que nos esforçaremos para entrelaçar a discussão teórica à socialidade dos ciclistas que forjam cotidianamente os gestos, as palavras, as ações educativas da comunidade emocional investigada, pois procuramos conceder à pesquisa um caráter estilístico “mais aberto, polifônico, e que ao mesmo tempo reflete sobre si mesma” (MAFFESOLI, 1988, p. 24).

Seguindo a lógica sociológica supramencionada, a produção de dados se desenvolveu por intermédio de dois instrumentos: diário de campo e roda de conversa.

O diário de campo foi escolhido por compreendermos que permite apreender de modo imediato as relações, pois acessa os sujeitos da pesquisa em ação. O diário de campo auxilia o pesquisador que se interessa pelo cotidiano, visto que esse procura se integrar ao conhecimento que está próximo, salientando seus fragmentos, visibilizando os detalhes, “situações minúsculas, banalidades que, por sedimentação, constituem o essencial da existência” (LALANDA, 1998, p. 872).

Outrossim, o referido instrumento de pesquisa nos auxilia, porque nos interessamos pelo cotidiano, pelo mergulho no espaço da socialidade, conforme nos incita Maffesoli (1984): “é nesse sentido que podemos falar de encarnação da socialidade que necessita de um solo para se enraizar. Do mesmo modo que a casa da infância permanece o paradigma de todas as raízes (...)”, o espaço local é a gênese do “estar-junto”, é a origem da comunidade. Portanto, no intuito de compreender o modo como são formadas – “formismo”³ – as práticas educativas, em seus detalhes, nas minúcias, utilizamos o diário de campo, pois esse instrumento permite no acontecimento imediato anotar as ocorrências do cotidiano. A esse respeito, Maffesoli (1984, p. 57) nos chama a atenção para o fato de que a “espacialidade é o tempo em retardo, é o tempo que tentamos frear e daí a importância da ritualização na vida do dia a dia que, pela repetição, representa e mimetiza o imutável”.

O segundo instrumento se constitui por meio das rodas de conversa, pois o referido procedimento permite que as *personas*⁴ “expressem, concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre o tema proposto, assim como permite trabalhar reflexivamente as manifestações apresentadas pelo grupo” (DE MELO; DE CARVALHO CRUZ, 2014, p. 32). Desse modo, a roda de conversa permite, por seu caráter informal e descontraído, o compartilhamento de percepções e o complemento das percepções de determinados fenômenos a partir da narrativa de outro participante.

Por fim, utilizamos a entrevista, caso haja dificuldades de reunir algum integrante do grupo investigado. Nessa linha de pensamento, o referido instrumento se constituirá por intermédio de perguntas semiestruturadas, visto que, para Gil (1999, p. 120), “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para sua retomada”.

³ O formismo aqui é entendido a partir de Maffesoli (1988), que entende que a “sociologia estuda as formas da vida social como continentes opostos aos seus conteúdos. A noção de formismo já não permite os contrasensos (...); esta parece-me, justamente, a adequada para descrever os contornos por dentro, os limites e a necessidade das situações e das representações que constituem a vida quotidiana”.

⁴ Silva, Guareschi e Wendt (2010, p. 443), ao se reportarem a Maffesoli (2000), mencionam que “ao despontar a lógica da emocionalidade, surge a pessoa, por referir-se etimologicamente a *persona*, máscara social, que são os diversos papéis que a pessoa atua nas várias dimensões da vida e nos grupos de pertença. Na Pós-modernidade, a pessoa atua em um mundo como se fosse uma grande teatralização, sendo uma personagem que encarna um pouco dela mesma em cada espaço de atuação, mas não a sua totalidade”.

Cabe ressaltar que a narrativa, neste estudo, foi concebida a partir do desperdício da experiência de Santos (2004), enredado ao pensamento de Benjamin (1994, p. 197). Tal proposta parte do pressuposto de que a “arte de narrar está em vias de extinção”, pois estamos perdendo a faculdade de intercambiar experiências.

Salientamos que, no intuito de resguardar as identidades dos participantes da pesquisa, optamos por utilizar apenas as iniciais dos nomes. Em caso de nomes que tenham a mesma inicial, utilizaremos a inicial do sobrenome.

2.3 METODOLOGIA DO PRODUTO

A construção do conteúdo para a proposta das HQ/aplicativo ocorreu seguindo o percurso metodológico descrito a seguir: primeiro, a pesquisa de campo realizada no município de VR, que resultou na exploração do assunto que levou ao primeiro capítulo do projeto, o qual mergulha sobre as tribos urbanas e suas ambivalências.

Nesse momento, Maffesoli (2002) foi o autor que nos permitiu problematizar as transformações sociais características da sociedade pós-moderna, apresentando uma discussão teórica que relaciona a noção de socialidade e ambiência emocional.

Desse modo, a presente pesquisa produziu dados empíricos que nos auxiliou na compreensão dos entraves apontados pelos ciclistas no trânsito, bem como das estratégias desenvolvidas pela referida tribo urbana para intervir no social e na construção do produto educacional.

Um aspecto observado com a pesquisa de campo foi a identificação dos problemas encontrados: falta de educação no trânsito, falta de campanhas e ações educativas, e a ausência de estrutura física do município.

Dentre tantos motivos citados, o que nos chamou mais atenção e que levou à escolha do tema foi a preocupação central com a falta de educação no trânsito, pois percebemos, em diversos momentos da pesquisa, a menção à falta de respeito com os ciclistas no trânsito e a ausência de espaços específicos (ciclovias), dificultando a mobilidade no trânsito: uma aproximação às proposições de Freire?

Considerando que Freire (2013) nos aponta a necessidade do enfrentamento das situações-limites, conforme ressaltamos no item relacionado à teoria *freireana* que subsidia este Produto Educacional (PE), o tema gerador é o caminho para possibilitar que o sujeito histórico compreenda a realidade em que está inserido e, desse modo, a investigação temática é o percurso metodológico para se acessar tal universo temático: “(...) se realizada por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem o mundo” (FREIRE, 2013, p. 97).

Portanto, ao pensarmos a investigação realizada com a tribo urbana *Bike Anjo*, a concebemos como um caminho para chegarmos ao PE (HQ), o que nos permitiu concebê-la como uma pesquisa socioantropológica que apresenta evidências de temáticas possíveis de serem problematizadas. Do mesmo modo, a presente HQ também é concebida como uma ação preventiva, na tentativa de formar *personas* preocupadas com as suas responsabilidades no trânsito e com a mobilidade ativa.

Desse modo, a arte de contar histórias por meio de diversas mídias é compreendida, neste trabalho, como *strorytelling*, que é específico das plataformas midiáticas, pressupondo a interatividade e o compartilhamento de histórias. Segundo Massarolo (2013), a palavra *storytelling*, no sentido etimológico, significa (*story*-histórias; *telling*-contar), ou seja, ato de “contar histórias”.

As histórias sempre existiram e é por meios delas que nos são apresentados os mistérios do mundo, como também a transmissão do nosso legado cultural para gerações futuras. Assim, contar histórias nos leva a uma série de discussões e anseios que reconfiguram e atualizam o modelo narrativo fazendo uma nova ferramenta de inovação e de mudanças (SILVA, 2016).

Nessa direção, o *Storytelling* opera como uma estratégia direcionada ao aprendizado, pois trabalha na perspectiva que intenciona incorporar elementos pedagógicos motivantes, criativos, além de proporcionar a construção de empatia com outros contextos (VALENÇA; TOSTES, 2019).

Se o primeiro passo metodológico emergiu por intermédio da pesquisa de campo, nos remetendo à temática ora enunciada – Educação no Trânsito –, o referido tema nos auxiliou na escolha do público-alvo, pois consideramos que os(as)

estudantes na fase inicial dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental estão em momento propício para a aprendizagem do ciclismo, favorecendo a intervenção educativa com possibilidades efetivas no aspecto atitudinal.

Assim, pensando que a HQ se configura como uma possibilidade educativa pela característica do público-alvo, tornou-se necessário pensarmos metodologicamente o desenvolvimento do PE, que seguiu as etapas conforme disposto (FERNANDES, 2008):

- **Argumento:** aquilo que antecipa ao roteiro, que é o esboço do conteúdo da história, prevendo detalhes de seu começo, meio e fim;
- **Roteiro:** compreende como o planejamento e elaboração das HQs, organizando as informações, as narrativas, as imagens;
- **Layout:** é o planejamento visual, que organiza os tipos de quadros, a quantidade de elementos e a organização visual;
- **Desenho:** é a fase de formalização, com o traço das perspectivas, e posicionamento dos personagens que já possuem proporção e características físicas;
- **Arte-final:** é o momento definitivo de correção dos erros cometidos na fase anterior;
- **Colorização:** é nesse momento em que os quadinhos ganham vida, com recursos de texturas, traços e fundos.

4. TRIBOS SOCIAIS E AMBIVALÊNCIA

O presente capítulo se propõe, a partir de Maffesoli (2002), a problematizar as transformações sociais características da socialidade pós-moderna, apresentando uma discussão teórica que relaciona a noção de socialidade e ambiência emocional articulada às práticas dos grupos de ciclismo do município de Volta Redonda.

Considerando o imaginário social, o autor sugere a sistematização das mudanças singulares da sociedade contemporânea, a partir de ações metodológicas que privilegiam as reflexões sociológicas, diferenciando-se daquelas adotadas pela sociologia tradicional, pois privilegiam as interações que moldam os arranjos sociais.

Nesse contexto, diversos autores consideram a modernidade como um projeto social complexo que determina e modifica comportamentos, relações sociais, econômicas, políticas, culturais, dentre outras (SIMMEL, 1976; GIDDENS, 1991; NAJMANOVICH, 2001; BAUMAN, 2003; SANTOS, 2018).

Contextualizar a modernidade e a pós-modernidade não é uma tarefa fácil, pois não existem limites temporais determinados que possam alternar, quando uma se inicia ou a outra termina. A modernidade, como momento histórico, caracteriza-se pela “antitradição”, pelo abatimento das convenções, dos costumes e das crenças, pela saída do particularismo e entrada do universalismo, ou ainda o acesso à idade da razão (ARAÚJO, 2007).

Diante do exposto, ressaltamos que entendemos a modernidade como um projeto social instaurado a partir do século XVI na Europa, reforçada, nos séculos XVII e XVIII, com seu ideal de liberdade e igualdade, afirmada durante todo o século XIX, com os ideais da distinção, diferença e interioridade (SIMMEL, 1998b).

Portanto, o início da era moderna está associado ao surgimento do Renascimento, a partir do século XVI, e que, devido a sua influência, configurou-se de modo complexo e multifacetado, influenciando os aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais, articulado ao capitalismo como símbolo da modernidade. Tais mudanças provocaram impactos visíveis no modo de vida das pessoas, induzindo na maneira como vivem, trabalham e se relacionam diariamente.

Araújo (2007) ressalta que a “antitradição” é uma das características da modernidade, que se baseia na consolidação do indivíduo a desligar-se do

pensamento tradicional. As sociedades tradicionais são marcadas pelo coletivismo, enquanto, nas sociedades modernas, predomina o individualismo. Para o autor, nas comunidades pré-modernas, os indivíduos deveriam obedecer às regras e leis impostas pela igreja sem contestar e discordar, ou seja, o homem devia obedecer ao pensamento teocêntrico, pensando na sua vida espiritual e deixando de buscar as coisas do mundo. Porém, com o advento iluminista, as pessoas passaram a se desenvolver socialmente por meio de saberes científicos, deixando os saberes religiosos, os quais eram repassados tradicionalmente, em segundo plano. Assim, a razão passa a ocupar o lugar central na elaboração da verdade e os princípios religiosos não deixam de existir, mas se tornam mais discutíveis aos olhos do homem.

Na modernidade, esse embasamento fundado na conduta coletiva – comuna – dá lugar ao ideal iluminista de progresso, a diferenciação estrutural, a integração funcional e o determinismo, conceitos centrais na base do que veio a ser conhecido como modernidade. O desencantamento do indivíduo deriva da falta de perspectiva, do fracasso ou da desesperança na felicidade, devido a certos progressos agressivos da máquina tecnológica.

Nesse sentido, Giddens (1991) afirma que, nas sociedades pré-modernas, a identidade social dos indivíduos é limitada pela própria tradição – parentesco e localidade. Para o autor, a modernidade se caracteriza pela ruptura com preceitos preestabelecidos, dando ênfase às potencialidades individuais e configurando uma identidade mutável ao indivíduo, portanto não é mais a comunidade que se responsabiliza pelo indivíduo, reduzindo sua ação, visto que essa passa a ser responsável por si mesmo e pelo planejamento da sua vida.

Já na perspectiva de Simmel (1987), a modernidade pode ser entendida por intermédio de dois aspectos principais: o dinheiro e a metrópole. O autor considera que esses elementos são consequências do desenvolvimento histórico e produzem juntos, dinheiro e metrópole, o que há no comportamento do indivíduo moderno, pois traz consigo o aumento do individualismo e, simultaneamente, o aumento da impessoalidade (MOCELLIM, 2007).

Nessa linha de pensamento, o dinheiro permite que as relações sociais se libertem da dependência de pessoas específicas e/ou de uma comunidade. Por outro

lado, essa independência nas relações sociais específicas torna o contato humano apenas um contato comercial, visto ser o dinheiro o meio de troca universal.

E ambas as direções são transportadas pela economia do dinheiro que possibilita, por um lado, **um interesse comum**, um meio de relacionamento e de comunicação totalmente universal e efetivo no mesmo nível e em todos os lugares à personalidade, por outro lado, uma reserva maximizada, permitindo **a individualização** e a liberdade (SIMMEL, 1998, p. 28-29).

Assim como o dinheiro, a metrópole também produz como consequência a **impessoalidade**. Juntos, a vida da metrópole e o uso do dinheiro propiciam uma maior mobilidade aos indivíduos modernos, permitindo um encurtamento das distâncias e a possibilidade de estabelecer um número significativo de laços sociais, trazendo mais liberdade individual, contato humano e tornando as relações sociais mais objetivas e impessoais, portanto, mais superficiais, sendo esse um comportamento que apresenta a principal ambiguidade da modernidade (MOCELLIM, 2007): comportamento *Blasé*.

Outrossim, Simmel ressalta que o dinheiro, ao se tornar o meio de troca universal, permite uma aproximação superficial entre diversas pessoas, pois a via do comércio aproxima pessoas que nunca estariam próximas de outro modo, mas, paradoxalmente, ele também as afasta, em detrimento da hierarquia social (ibidem).

Nessa ótica, Simmel (1987) considera que o comportamento mental do homem urbano é marcado pela especialização que se caracteriza pelo afastamento aproximado do indivíduo em relação aos estímulos oriundos da cidade, ocasionando contatos superficiais e indiferentes, no intuito de proteger o pensamento de um número significativo de estímulos. Para Gomes (2013), esse comportamento apresenta, como consequência, uma relação de sociabilidade caracterizada pela razão, que possibilita agir com os sentimentos e afeto, características efetivas do período pré-moderno.

De outro modo, Araújo (2007) salienta que a modernidade, acompanhada da audácia que emancipa e proporciona a liberdade, dissolve o encantamento exercido pela tradição clássica. Constituiu-se a partir da solicitação de rejeitar a tradição, submetendo tudo ao exame crítico da razão e à experimentação. Assim, a antitradição, como característica da modernidade, em virtude do novo contexto social, possibilita novas formas institucionais do capitalismo e da industrialização,

diferenciando a estrutura social das sociedades tradicionais: se de um lado a modernidade amplia a liberdade individual, por outro lado, traz consigo a promoção do individualismo e a perda da segurança da coletividade – comunidade.

Nessa linha de pensamento, Bauman (2003) ressalta que o consenso no período pré-moderno se constrói por intermédio de um acordo que se revela pelo *entendimento* compartilhado por todos, uma compreensão que já está lá pronta, acabada, portanto, na medida em que os modos de vida nessa tipificação de comunidade significam a perda da liberdade, esse processo acaba por gerar alguns dos dilemas mais significativos para se compreender as dinâmicas sociais da contemporaneidade: se de um lado almejamos a segurança coletiva, por outro lado, resistimos a ela em prol de nossa liberdade individual.

É nesse sentido que o segredo pode ser considerado como uma alavanca metodológica para a compreensão dos modos de vida contemporâneos, pois, para retomar a fórmula lapidar de Simmel, a essência da sociedade secreta é a autonomia, que ele aproxima da anarquia. A esse respeito, basta lembrar que, inicialmente, a anarquia está à procura de uma ordem sem o estado. De certa maneira, é o que se esboça na disposição que atua no interior dos microgrupos (neotribalismo), e entre diversos grupos que ocupam o espaço urbano de nossas megalópoles (MAFFESOLI, 2002), no caso desta pesquisa, estão os grupos e associações de ciclismo de Volta Redonda.

Para Maffesoli (2002), o relevante é revelar algumas formas que estão invisibilizadas, mas que se organizam a partir da sabedoria, no sentido forte do termo, da multiplicidade de circunstâncias de experiências, de ações lógicas possíveis na interioridade do tribalismo, que se encontram no centro do trabalho coletivo, portanto, precedidas pelas noções de comunidade emocional, de potência e de socialidade que a fundamentam.

De fato, ao oposto da estabilidade levada pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é determinado pela espontaneidade, pelas junções pontuais e pela separação. E é por isso que podemos contar a cena da rua nas megalópoles modernas (MAFFESOLI, 2002).

Por meio das ambiências urbanas, o autor salienta que, eventualmente, podem ocorrer as “condensações instantâneas”, fruto das interações estabelecidas entre as

peças com um forte componente emocional: “tão frágeis, mas que, no seu momento, são objeto de forte envolvimento emocional” (MAFFESOLI, 2010, p. 107).

Partindo do pressuposto de que, atualmente, os grupos sociais estão se organizando em uma perspectiva vitalista, quer dizer, um retorno aos vínculos estabelecidos a partir da “(...) emoção e a dimensão afetiva” (idem, p. 27), fica-nos evidente que esse é um modo de romper com um comportamento individualista e solitário, isto é, a busca por uma ação coletivista no interior de uma tribo social; entretanto, isso não quer dizer que esse movimento ocorre a partir de uma ótica linear; ao contrário, possui um deslocamento multifacetado e fronteiro, pois não está restrito a uma única identidade: “(...) como nebulosas de pequenas identidades locais” (MAFFESOLI, 2010, p. 36).

Nessa direção, poderíamos afirmar que a pós-modernidade é marcada por esse complexo movimento das pessoas no emaranhado das diversas tribos urbanas. E tudo isso porque “cada pessoa se difrata infinitamente e pode, num lapso de tempo muito curto, irromper em outro território, em outra tribo, em outra ideologia” (MAFFESOLI, 2010, p. 202): um comportamento pessoal que nos remete a indivíduos uniformes, sem interesse pela vida comum ou que demonstre interesse pelos outros.

5. É POSSÍVEL *ENSINAR/APRENDER* COM A HISTÓRIA EM QUADRINHOS? POSSÍVEL DIÁLOGO COM EDUCOMUNICAÇÃO

Atualmente, a sociedade tecnocrática prioriza os aspectos relacionados à exacerbação do consumo, privilegiando valores preconizados pela ordem do Capital, o fetichismo da mercadoria e o narcisismo (JAPPE, 2022).

Desse modo, estamos cada vez mais nos afastando de valores que, em outros momentos, nos foram fundamentais: a cooperação, a participação na sociedade, a interação com outras pessoas e com o ambiente, em resumo, a socialidade.

De outro modo, mas não menos importante, salientamos que o contexto atual também se reconfigurou por intermédio do impacto ocasionado pela pandemia da Covid-19, provocando múltiplas transformações na interação das pessoas e, especificamente em relação à escola, acarretando a suspensão das aulas que passaram do modo presencial para o formato virtual: síncrono e/ou assíncrono.

Nessa linha de pensamento e fundados na discussão da pesquisa que subsidiou este trabalho – tribos urbanas –, salientamos a necessidade de privilegiar o encontro com alguns desses valores, fundamentalmente mediados pela comunicação, portanto, as tecnologias – instrumentos da Educomunicação – que se apresentam no Produto Educacional (PE) desenvolvido nesta pesquisa, com uma forma basilar de interação e aprendizagem.

A esse respeito, Maffesoli (2003, p. 13) salienta que a comunicação é o que permite a religação: a “(...) comunicação é o cimento social”. Em outro momento, o autor (MAFFESOLI, 2003) nos chama a atenção para o fato de que a comunicação na contemporaneidade se articula à “(...) velha forma arquetípica de comunhão em torno de um totem (...) seja pelas lembranças de família, pelo desejo de criação de um grupo a partir de um elemento comum, por exemplo, a identificação sexual”. No caso específico deste trabalho, se articula com as questões de trânsito e a mobilidade ativa.

É importante salientar que não estamos perdendo de vista as transformações ocorridas no século XXI relacionadas à passagem caracterizada pela ascensão de um imaginário que exalta o poder das tecnologias. Tal ressalva se aproxima das considerações de Da Fonseca (2019, p. 8), quando afirma que essa ideologia é

marcada pela devoção dos “(...) consumidores às tecnologias e às marcas [que] parecem seduzir as novas gerações com a promessa da elevação dos seres humanos à condição de semidivindades a partir do consumo físico e simbólico de produtos e de serviços”.

Partindo desse cenário, Maffesoli (2018) nos chama a atenção para a relação da cibercultura com o reencantamento do mundo, a maneira de um retorno ao arcaísmo, privilegiando o encontro, o *estar junto*. Para Maffesoli (2018, p. 6), “essa estrutura antropológica lúdica, isto é, a estrutura com raízes profundas e antigas, encontra a ajuda do desenvolvimento tecnológico”.

Ao considerar o exposto, o autor salienta que pode parecer paradoxal a discussão das redes sociais/internet como um espaço plural, visto que há um domínio da tecnociência no mundo, entretanto ressalta que, nas dobras do cotidiano, existem outras esferas produzidas pelas *personas* e suas tribos, promovendo transformações na sociedade: a tribo *Bike Anjo* nos concede evidências dessas práticas socioculturais.

Pensar a partir da lógica supramencionada (Arcaísmo, tribos urbanas e internet/redes sociais) nos permitiu aproximar a HQ à proposta da Educomunicação, pois a comunidade *Bike Anjo* se articula principalmente pelas redes sociais.

É importante considerar que, neste trabalho, vamos entender a Educomunicação referindo-se à relação complexa que emerge entre educação e comunicação. Para Soares (2011, p. 15), a relação estabelecida entre a comunicação e a educação opera

a partir de um substrato comum que é a ação comunicativa no espaço educativo, ou seja, a comunicação inter-pessoal, grupal, organizacional e massiva promovida com o objetivo de produzir e desenvolver **ecossistemas comunicativos** através da atividade educativa e formativa (grifos nossos).

Nessa direção, a Educomunicação apresenta-se como o lugar em que é possível pensar os projetos e intervenções teóricas/práticas que se estabelecem para além dos tradicionais muros escolares, visto que as novas tecnologias nos permitem ampliar as relações espaço/tempo de aprendizagem (SOARES, 2011).

Desse modo, o conceito de Educomunicação indica um campo de ação emergente na interface entre as tradicionais práticas pedagógicas de sala de aula, isto

é, uma brecha que permite reinventar as práticas sociais com vistas à ampliação das condições e expressões da sociedade (MOREIRA, 2020).

A esse respeito, Moreira (2020, p. 6), ao discutir a chegada da Educomunicação no sertão baiano, salienta que a perspectiva de Paulo Freire foi a principal referência pedagógica de comunicação popular na década de 1980, utilizando o rádio como um recurso metodológico, possibilitando a “(...) formação de lideranças políticas com estudo crítico da História, valorização dos saberes populares e do trabalho na roça”.

Com relação ao uso das tecnologias e, respectivamente, sob a ótica da Educomunicação no sertão, o rádio funcionou como mediador das relações de produção de conhecimento: “na experiência de Juazeiro (...), os repórteres traziam o problema de suas comunidades gravado em fitas cassete e aprendiam as técnicas como tática pedagógica de compartilhamento de experiências” (MOREIRA, 2000, p. 6).

Nessa linha de pensamento, Martín-Barbero (2014) salienta que o diálogo ultrapassa a mera constituição da fala, pois esta não é somente o uso da língua para se comunicar, mas realizar o encontro com o outro a partir da experiência concreta no mundo.

Diante do exposto, salientamos que, na elaboração do presente PE, nos aproximamos do pensamento *freireano*, pois entendemos que a História em Quadrinhos (HQ) digitalizada possui a potência para mediar o diálogo com as diversas *personas* (MAFFESOLI, 2000) que participam das oficinas da *Escola Bike Anjo* (EBA).

Outrossim, trazer Freire (2013) como centralidade do referido PE se deve por algumas razões, conforme dispostas a seguir: primeiro, por ser uma teoria forjada para além dos muros da escola e; segundo, porque o círculo de cultura é a maior expressão do que estamos defendendo.

A esse respeito, Henz, Freitas e Silveira (2018, p. 838) ressaltam que o Movimento de Cultura Popular iniciado em 1960, por uma equipe de professores da Universidade de Pernambuco, sob a supervisão de Paulo Freire, representa uma experiência significativa desenvolvida a partir das palavras geradoras e, respectivamente, do processo de problematização, “(...) tornando vivos, primeiro, os

sentidos e, depois, o entendimento dos vocábulos, das letras, das sílabas, e aí se tinha a palavra como leitura de si e do mundo”.

Nesse sentido, é importante que se perceba que a educação problematizadora apresenta, como aspecto indispensável, o diálogo, entendendo que este se configura na sua relação com o mundo: “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2013, p. 78).

Pensar na educação dialógica proposta por Freire e no caráter mediador estabelecido pelo mundo, isto é, o universo temático e o modo como percebemos a realidade nos remete ao segundo motivo de trazer a proposta freireana para o PE.

O diálogo com a realidade local foi outro aspecto relevante para a aproximação ao pensamento de Freire (2013), pois, ao considerar que estamos produzindo um material didático para a *Escola Bike Anjo* (EBA) e que tais oficinas propõem uma primeira aproximação com a mobilidade ativa, trazer à tona aspectos relevantes da realidade local foi fundamental para a elaboração do roteiro da HQ.

Com relação ao caráter dialógico, Freire (2013) nos chama a atenção para o fato de que o educador problematizador deve impregnar o conteúdo de temas significativos, retirando a característica de um programa como um conjunto de informes a ser depositado nas *personas* envolvidas no processo de aprendizagem.

No que alude à proposição de Freire (2013, p. 87), a investigação temática é o caminho apontado para que se estabeleça uma educação dialógica: “é o momento em que se realiza a investigação do que chamamos o universo temático do povo ou o conjunto de seus temas geradores”, daí o roteiro elaborado para a HQs ter como ponto de partida as entrevistas e rodas de conversa realizadas no transcorrer da pesquisa que subsidia o presente trabalho. Tal proposição – roteiro – procurou apreender aspectos relevantes dos projetos desenvolvidos pelo *Bike Anjo* e os problemas que os ciclistas enfrentam durante a sua mobilidade no trânsito de Volta Redonda: “e este enfrentamento com a realidade para a superação dos obstáculos só pode ser feito historicamente, como historicamente se objetivam as situações-limites” (FREIRE, 2013, p. 91).

Assim, o terceiro aspecto que justifica a aproximação ao pensamento *freireano* emerge do diálogo entre as *personas*, a realidade local em que estão inseridos e, conseqüentemente, pela necessidade de, a partir do universo temático, provocar a problematização para uma possível tomada de consciência da realidade histórica para nela intervir, o que Freire (2013, p. 90) denomina de “situações-limites”.

Nessa linha de pensamento, tomar consciência de tais situações é fundamental, porque, para Freire (2013, p. 90), as situações-limite não são geradoras de desesperança, “(...) mas a percepção que os homens tenham delas num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar”.

Diante do exposto, entendemos que a HQ permite a aproximação aos problemas enfrentados pelas *personas* que utilizam a bicicleta em suas múltiplas formas de uso – trabalho, transporte, lazer, esporte, dentre outros – no trânsito de Volta Redonda e, simultaneamente, possibilitam momentos de reflexão em relação às tensões e aos conflitos que envolvem a mobilidade ativa, bem como a necessidade de mudança de comportamento no trânsito, independente de estar como ciclista, pedestre ou à frente de qualquer outro tipo de transporte.

Tendo em vista os dados apresentados na pesquisa e a significativa aproximação das *personas* envolvidas (tribos urbanas) com as redes sociais, visto que, facilitaram o acesso das pessoas às práticas desenvolvidas pelos grupos envolvidos, salientamos a aproximação da presente proposição aos pressupostos da educomunicação via HQ digital.

Ao considerar o exposto, Fernandes (2018) se baseia no processo de realização dos quadrinhos, pois esta possui uma característica calcada nas novas tecnologias de informação e comunicação.

A esse respeito, Soares (2002) já nos apontava para a necessidade de que as tecnologias na educação adentrassem no campo das experiências educacionais, por intermédio da virtualidade tecnológica. Em outro momento, o autor (SOARES, 2014) nos chama a atenção para o fato de não existir um modelo único de se promover a Educação Midiática, contudo aponta a existência de um conjunto de conceitos e noções que convergem para três conjuntos de proposições: moral, cultural e o midiático.

O moral remonta os anos de 1930 e tem sua relação estabelecida a partir do caráter religioso. A intenção era promover atividades educativas, “(...) contra os perigos representados, inicialmente, pela produção cinematográfica, e, na sequência, pela “invasão” da mídia, que adentrou com muita rapidez o interior dos lares, a partir dos anos de 1950 (SOARES, 2014, p. 17).

Já a perspectiva cultural, considera que as tecnologias da informação e comunicação compõem a cultura da sociedade contemporânea, merecendo a devida atenção, principalmente, por intermédio de estudos. Com relação a essa vertente, Soares (2014, p. 18) salienta que a característica principal da referida vertente “(...) é seu foco na relação dos educandos com os meios de comunicação e as novas tecnologias ou, simplesmente, com a mídia”.

Por fim, a vertente midiática se caracteriza pela sistematização recente e sua relação com as singularidades da América Latina, nos anos 1980. Para Soares (2014, p. 18), se articula ao “(...) Movimento Social pela universalização do direito à comunicação, trabalhando para garantir a todos os sujeitos sociais, pela educação, o acesso à palavra, tradicionalmente negado aos mais pobres e excluídos”. No caso do presente estudo, é a corrente que subsidia nossas discussões, pois (...) “preocupa-se fundamentalmente com o fortalecimento da capacidade de expressão de crianças e jovens” (SOARES, 2014, p. 18).

Nessa perspectiva, a incessante produção de conhecimentos inovadores, articulados à velocidade e, simultaneamente, às formas de interação e comunicação do mundo contemporâneo são os novos desafios enfrentados nas organizações (LIVINGSTONE, 2000).

Diante desse cenário, torna-se necessário o estudo de novas técnicas que possam conquistar a atenção das *personas* (MAFFESOLI, 2000), gerando maior engajamento. O advento dessas ferramentas de interação humana, como as redes sociais, as plataformas de vídeos e aplicativos, aumentam a necessidade de se buscar formatos narrativos diferenciados (VASCONCELOS, 2019).

Outrossim, é importante que se perceba o avanço tecnológico e o aumento de aparelhos eletrônicos que contribuíram significativamente para a produção de diversas possibilidades de práticas de ensino que, atualmente, estão transformando

os modos de ensinar e aprender em múltiplos espaços formativos, incluindo aí a educação formal.

Assim, ao considerarmos os dados encontrados na pesquisa de campo realizada com a tribo urbana (MAFFESOLI, 2000) *Bike Anjo*, na intenção de conhecer o seu *modus operandi* e, em consequência, as suas ações de intervenção no município de Volta Redonda, decidimos pela construção de um Produto Educacional (PE) para potencializar e ampliar a inserção de campanhas e ações educativas voltadas para o trânsito e para a mobilidade urbana do município de Volta Redonda (VR), cuja temática central se volta para a Educação no Trânsito.

O PE, sob a forma de aplicativo, possui a sua materialidade na constituição das Histórias em Quadrinhos (HQ) Digitais, por permitir a abordagem de conteúdos de modo divertido, com esquemas e linguagens que podem complementar a *aprendizagemensino*⁵ das crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A justificativa para a utilização das HQ/aplicativo como material didático se dá por considerarmos o cenário atual em que a internet permitiu outros processos de socialidade – para além daqueles estabelecidos em décadas anteriores ao seu surgimento e simultaneamente potencializada pela pandemia da Covid-19 –, colocando as redes sociais⁶ e o aparato científico e tecnológico com potência nunca antes vista em nossa sociedade, de maneira a alterar o modo como os processos de *aprendizagemensino* se efetivam, visto que também transfigurou as maneiras de comunicação, pensamento e intervenção no mundo.

Diante do exposto, entendemos ser necessário o esclarecimento de alguns aspectos referentes à HQ. Inicialmente, gostaríamos de salientar a possibilidade de se diferenciar os estilos e/ou formato dos quadrinhos: *comic books*, charges, tiras cômicas, gibis, dentre outros (FERNANDES, 2018).

⁵ O uso da grafia em itálico dialoga com as ideias de Alves (2008) que indicam “(...) a necessidade de superar processos hegemônicos na construção da ciência: a dicotomização, a generalização e a abstração. Assim, reunimos os pares da dicotomização em uma só palavra, pluralizando os termos e algumas vezes invertendo-os: *espaçostempos*, *prácticasteoriaspráticas*, *dentrofora* (da escola), *localglobal*, *aprendizagemensino* etc. (destacadas com itálico, sempre)”.

⁶ Acreditamos que exista uma diferença “(...) entre Sites de Rede Social que são: Facebook, Orkut, Fotolog, Flickr, MySpace, Twitter e Rede Social que é uma metáfora utilizada para descrever a conexão em rede dos atores sociais, que seria assim uma apropriação dos Sites de Rede Social, como ferramenta de socialização” (RODRIGUES; MOTA, 2015).

A esse respeito, Fernandes (2018) salienta a necessidade do(a) professor(a) conhecer tais gêneros, pois esse reconhecimento faz significativa diferença no momento de orientar o trabalho com os(as) estudantes e/ou escolher o momento para utilizar os estilos mencionados.

No presente estudo, em decorrência da especificidade do PE, HQ no formato de aplicativo, nos aproximamos da perspectiva mencionada por Franco (2016): HQtrônicas.

Em relação à denominação HQtrônica, Franco (2016) menciona que essa se deve pela abreviação de Histórias em Quadrinhos (HQ) em junção com o termo eletrônicas. Desse modo, o autor nos chama a atenção para o fato de que tal nomeação “(...) inclui efetivamente todos os trabalhos que unem um (ou mais) dos códigos da linguagem tradicional das HQs no suporte papel, com uma (ou mais) das novas possibilidades abertas pela hipermídia” (FRANCO, 2016, 458).

Assim, pensando na tribo social (*Bike Anjo*), centralidade na composição da investigação que subsidia o presente material didático e, a intencionalidade do uso da presente HQ na Escola *Bike Anjo* – oficina que ensina diversas *personas* a andar de bicicleta -, salientamos que o aplicativo facilita o acesso a informações que auxiliam no esclarecimento de aspectos fundamentais àqueles(as) que intencionam a inserção na mobilidade ativa. Diante do exposto, passaremos a expor a estruturação do PE no formato de HQtrônica.

4.1 Estruturação da HQ

As intervenções didático-pedagógicas, por intermédio da HQ, têm se tornado uma opção para aqueles que se propõem a atrair a atenção dos(as) estudantes bem como de motivá-los aos estudos (MAIA *et al.*, 2011; IANESKO *et al.*, 2017), pois “(...) além de auxiliar na compreensão de diferentes conteúdos/conceitos da disciplina, também proporciona intertextualidade pela relação com outras disciplinas” (IANESKO *et al.*, 2017, p. 108).

Nessa linha de pensamento, ao considerar os dados obtidos no processo investigativo que emerge junto aos ciclistas do município de Volta Redonda (TEIXEIRA; PARAISO ALVES, 2021), especialmente àqueles oriundos dos problemas

socioambientais – poluição ambiental, mobilidade urbana, desrespeito aos ciclistas no trânsito – optamos pelo desenvolvimento da temática Educação no Trânsito, viabilizada pela seguinte metodologia: roteiro da história; descrição dos personagens e cenários; esboço da distribuição dos quadros; diagramação; definição da plataforma e publicação.

4.2 Roteiro da HQs

Sabedores de que as HQ não são meramente uma história aleatória, mas que resguardam significativo potencial de aprendizagem, optamos por contextualizar o roteiro, seguindo a proposição *freireana*, pois “não há história sem homens, como não há história para os homens”, mas uma história construída pelos homens (FREIRE, 2014, p. 127).

A esse respeito, Freire (2014, p. 92) ainda salienta que os seres humanos, “(...) através de sua ação sobre o mundo, criam o domínio da cultura e da história” e, ao fazê-lo realizam a sua intervenção no mundo, de modo a enfrentar as “situações-limites”, isto é, aspectos históricos que, na percepção da sociedade, não podem ser ultrapassados (idem, p. 91).

Nessa linha de pensamento, o roteiro considerou o contexto sócio-histórico e as problemáticas oriundas das tensões e conflitos referentes ao município de Volta Redonda, em especial às questões que impactam o ciclismo na referida cidade: “quando falamos de educação, estamos nos referindo a pessoas, em especial às crianças, que possuem certa visão de mundo e de realidade” (PALHARES, 2008, p. 11).

Assim, o roteiro e sua temática relacionada ao trânsito seguem a lógica do tema gerador, um assunto que possibilite a decodificação da realidade, permitindo que os sujeitos percebam que as situações-limite não são determinantes históricos e que podem ser enfrentadas, transformando a realidade na qual estão imersos.

Dessa forma, o roteiro da HQ ficou definido da seguinte maneira: em um primeiro momento, a apresentação da rede *Bike Anjo VR*, seus projetos e ações; posteriormente, conhecimento sobre a importância da bicicleta e o desenvolvimento dela na saúde, educação, sociedade e meio ambiente. Em acordo com o Código de

Trânsito Brasileiro (CTB), pretendemos demonstrar algumas regras, direitos e deveres dos ciclistas, assim como conhecer algumas curiosidades, dados e benefícios do uso da bicicleta no município de VR.

O roteiro inicial foi encaminhado a seis professoras e ao grupo de voluntários que atuam na *Bike Anjo*, para a avaliação da linguagem utilizada e o contexto da história, bem como a análise da adequação da HQ ao público-alvo: crianças com idade compreendida entre seis e dez anos. A intenção foi permitir que elas fizessem adaptações no roteiro e na linguagem da HQ. Cabe frisar que optamos por apresentar as questões do questionário na plataforma *Google Forms*, além de enviar o link de acesso ao esboço da HQ com roteiro para a primeira avaliação.

Ressalta-se também que as docentes participantes do referido processo avaliativo atuam na rede pública de ensino e possuem experiência profissional acima de dez anos de trabalho em sala de aula, especificamente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

As narrativas a seguir representam sugestões das docentes para o roteiro da HQ:

P1: Claro que dependendo da realidade da escola pública temos dificuldades de leitura nos alunos de 4º e 5º ano. Mas sendo trabalhado junto, não vejo problemas.

P2: O projeto elaborado para apresentar a HQs para crianças de 10 e 11 anos não ficou claro se a proposta é despertar o interesse e a motivação para a prática do ciclismo ou engajá-las no EBA.

P3: (...) no transcorrer, a história foi sendo apresentada numa narrativa por diversos personagens, utilizando um vocabulário muito elaborado para a faixa etária a que se destina.

P4: Não é que não esteja adequada, pode ser mais jovial, com um pouco da linguagem usada por eles... Mais coloridos, conter mais imagens e talvez algumas onomatopeias, despertem mais atenção para esse público-alvo.

P5: Em algumas caixas de diálogo existe o uso de palavras não tão comuns para a faixa etária.

As avaliações das docentes – expressas em suas narrativas – nos auxiliaram a ressignificar o roteiro, pois as professoras foram nos apontando algumas contradições no roteiro da HQs, a necessidade de reescrita dos diálogos em decorrência da faixa etária, o aumento do número de imagens e diminuição de textos, dentre outras sugestões.

Desse modo, posteriormente à análise do roteiro da HQs pelas docentes e *Bike Anjo*, retornamos ao roteiro no intuito de alterar a HQs e atender às questões apontadas pelo grupo de avaliadores.

Tendo definido o roteiro, buscamos o auxílio de um designer gráfico para o desenvolvimento de um roteiro-piloto com, aproximadamente, 20 cenas e 6 personagens, além das ambientações descritas no roteiro.

Inicialmente, o trabalho consistiu no desenvolvimento dos *sketches*, esboços dos personagens para geração de um *setup* (*Model Sheet* – que é uma folha de modelo, na qual o mesmo personagem é feito repetidas vezes, mas de diferentes ângulos, assim como desenhado em outras poses, de caracterização dos seis (6) personagens da HQ.

Posteriormente, ocorre a produção dos *sketches* dos ambientes onde a história vai se desenrolar, conhecido também como cenário. Eles representam o mundo por meio da reconstituição de lugares históricos, de aperfeiçoamentos, nos valores simbólicos, em que se coloca uma ponte entre o universo da irrealidade e o nosso universo, o real (PALHARES, 2008).

Nesse sentido, passamos a construir o cenário, que contou com os elementos que reproduzem o contexto dos personagens principais, isto é, as características dos membros da rede *Bike Anjo VR*.

FIGURA 1: Sketchs dos Personagens



Fonte: Designer Gráfico

Tal aproximação com o cenário da comunidade *Bike Anjo* objetivou o envolvimento do público-alvo, ou seja, foi uma tentativa de possibilitar uma identificação com os personagens da HQs. Para isso, os personagens são apresentados da seguinte maneira: a) personagens principais e secundários; b) seus posicionamentos na cena; c) as expressões faciais e corporais; d) no cenário; e) na perspectiva; f) no enquadramento; g) no jogo de sombra, luz e cores.

Assim, os *sketchs*, para aprovação, foram apresentados em baixa definição e em preto e branco. Após aprovação desses *layouts* em P&B⁷ – ver figura 1 –, as artes foram finalizadas e apresentadas para uma segunda rodada de aprovações, já com as cores utilizadas no processo final da HQ.

Em seguida, a preocupação se direcionou para a distribuição dos textos no espaço, no intuito de promover uma boa visibilidade. Outro aspecto a ressaltar nesse momento – distribuição das caixas de textos – é a relação com a disposição das figuras no espaço da página, pois, às vezes, é melhor criar outra página do que prejudicar a leitura da HQ com a poluição visual – ver figura 24.

Figura 2: Sketchs com as falas e balões



Fonte: Designer Gráfico

⁷ São os *sketchs* que servem de base para a arte final, que permitem que o designer faça mudanças necessárias: do traço com cena em preto e branco para depois um segundo ensaio de cores. Nessa etapa, o designer pode errar e ajustar, evitando o retrabalho ou desperdício de tempo em desenhos refinados que não serão usados na finalização do trabalho.

Outrossim, cabe ressaltar que as falas dos personagens são apresentadas nos balões que também estabelecem uma relação com a linguagem verbal da HQs, compondo as articulações com as figuras e falas dos personagens (VERGUEIRO, 2014).

Conforme podemos perceber nas figuras 25, 26 e 27, os balões concedem ao leitor uma informação para além do texto escrito, reforçando o conteúdo contido nesses espaços. Segundo Vergueiro (2014), o balão e sua posição conferem informações, do mesmo modo que os seus contornos também as fornecem, conforme disposto a seguir:

Figura 3: Linhas Tracejadas – indicam que o personagem está falando sozinho ou em voz baixa



Fonte: Colombo Gonçalves (2016).

Figura 4 - Formato Nuvem – emite o pensamento, fala que é pronunciada por ele



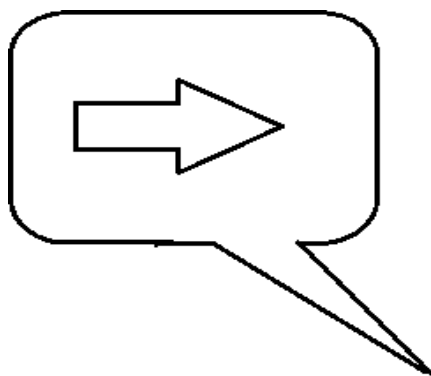
Fonte: Colombo Gonçalves (2016).

Figura 5: Linhas Zig-Zag – transmitem o som oriundo de um objeto.



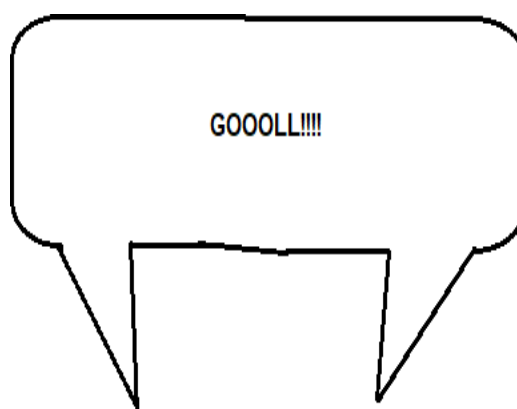
Fonte: Colombo Gonçalves (2016).

Figura 6: Sinaliza a voz de outro personagem que não aparece na ilustração



Fonte: Colombo Gonçalves (2016).

Figura 7: Representa a fala de um ou mais personagens no mesmo instante de tempo.



Fonte: Colombo Gonçalves (2016).

Diante do exposto, a utilização dos balões nas HQ surge com a finalidade da construção dos conhecimentos, permitindo não apenas a leitura do que está descrito, mas também estimulando uma leitura dos signos que estão propositalmente explicitados junto aos desenhos. Vale ressaltar que os balões mais utilizados neste projeto são os que indicam as falas e os pensamentos dos personagens (balão simples e formato de nuvem). Porém, é importante que se perceba que as HQ são atraentes e facilitam a leitura, pois os recursos das imagens permitem que a criança – leitor(a) – explore sua interpretação subjetiva, estimulando a fantasia, a imaginação e a criatividade.

Além disso, as HQ apresentam potencialidades pedagógicas significativas, devido a sua narrativa de conjugação imagem-texto: proporcionando o desenvolvimento da criatividade da criança, de forma a promover o debate sobre o tema gerado e sobre os aspectos estéticos/narrativos da história (EISNER, 1989).

Prosseguindo o caminho metodológico para a feitura do PE, a próxima etapa se desenvolveu por intermédio da transformação dos *sketchs* para a versão colorida, pois estes (*sketchs*) foram a base para os traços finais, conforme podemos verificar na figura 30.

Figura 8 – Sketchs dos cenários



Fonte: Designer Gráfico

6. TRIBOS SOCIAIS E O CICLISMO E VOLTA REDONDA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Na direção proposta por Maffesoli (2002), Magnani (2010) nos revela que as tribos sociais se caracterizam como um tipo de comunidade emocional e, portanto, singularizadas pela fluidez, pelos ajuntamentos e pela dispersão.

Nessa linha de pensamento, podemos notar que as diversas manifestações que demonstram a consonância e a harmonia dos grupos de ciclistas são como outras tantas manifestações – shows, eventos esportivos, expressões culturais – que as cidades atuais oferecem, para que os sujeitos possam exprimir-se numa sucessão de ambientes, de sentimentos, de emoções. É interessante notar que a atmosfera serve para descrever as relações que prevalecem no interior desses microgrupos sociais, no caso deste estudo, os grupos de ciclistas do município de Volta Redonda. A esse respeito, Maffesoli (1984, p. 58) reitera que

o afeto que instala a ligação ao território é uma maneira de viver no presente. Os menores gestos da vida cotidiana: o aperitivo ao final da tarde, os rituais do vestuário, os passeios à noite na praça pública, as conversas de bar e os rumores do mercado todos esses pequenos nada que materializam a existência e que inscrevem num lugar, são na verdade fatores de socialidade (...).

No que pese à aproximação ao campo de estudo, o autor procedeu inicialmente articulado às redes sociais, uma vez que tais plataformas proporcionam a conexão das pessoas e o compartilhamento de informações, tanto de caráter pessoal quanto profissional, comercial e emocional.

Assim, em decorrência da entrada no campo, iniciamos o acompanhamento da “forma” social, seguindo a proposição da sociologia compreensiva. Para o autor, a pesquisa se constitui no percurso, visto que está singularizada pelas questões e demandas que a particularizam.

Desse modo, no primeiro momento, tornou-se necessário compreender as especificidades dos grupos *Clube Bike Adventure*, *Voltaço MTB* e *Bike Anjo*, três grupos de ciclismo do município de Volta Redonda. Portanto, o registro das características dos locais, as *personas*, suas motivações e as experiências de vida fluíam, determinando os motivos para a escolha e permanência nos grupos supramencionados.

Entretanto, as observações iniciais realizadas nas redes sociais, apesar de significativas, se apresentaram limitadas quanto ao acesso às questões peculiares que buscávamos investigar, o que nos remeteu à necessidade de acessar os(as) ciclistas quanto à percepção deles(as) em relação às experiências nas referidas tribos urbanas.

Assim, inicialmente, os responsáveis pelos grupos de ciclistas intermediaram a entrada no campo. O primeiro foi o membro fundador e responsável ML, aos quinze dias do mês de junho de 2019. No contato com o ML, tivemos ciência de que um dos fundadores e administradores do *Clube Bike Adventure*, que foi fundado em 23 de novembro de 2003, é membro do Conselho Municipal de Transporte e Mobilidade Urbana (COMUTRAN) de Volta Redonda, representando a classe dos ciclistas no município.

Desse modo, o contato inicial foi realizado a partir do WhatsApp⁸, visto que essa rede social também já é utilizada para a comunicação dos membros dos grupos *Bike Adventure* e *Voltaço MTB*. Tal rede social serve para expor as ideias comuns a cada pequeno grupo de identificação, pois o referido aplicativo permite enviar e receber mensagens, fotos, vídeos, documentos e mensagens de voz, o que contagia e forma o cimento social dentro dos grupos supramencionados. Participar das conversas do grupo investigado, via aplicativo, revela-se, de certo modo, significativamente relevante para a pesquisa, pois “o que está em jogo é a partilha diária de afetos, da palavra, e muitas vezes também dos bens” (MAFFESOLI, 1984).

A esse respeito, Nobrega *et al.* (2013, p. 202) complementa, afirmando que esse comportamento pós-moderno, a partir das “tribos urbanas, sinaliza que vivenciamos uma mutação social que apela para o retorno de características que a modernidade julgava ultrapassada, havendo uma sinergia entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico”.

⁸ Para Henriques (2010, p. 11), as “novas concepções sociais estão sendo construídas, revelando particularidades que são características da emergência que a sociedade atual tem em interferir no processo comunicacional. Nesse sentido, pode-se observar que as formas dos indivíduos interagirem são alteradas pelo desenvolvimento da internet e da web, e pela potencialidade na qual esta última possui na ampliação do contato entre os indivíduos”.

Nessa direção, Henriques (2010, p. 125) complementa mencionando que essas “tecnologias nômades (*laptops, palms* e celulares) que vêm proporcionando que os indivíduos interajam e expandam seus contatos através destas redes telemáticas”.

Desse modo, cabe destacar que, especificamente o grupo *Bike Anjo*, apesar de também ter sido contactado pelo WhatsApp, não utiliza tal rede como articulação dos membros, mas outras redes sociais, como o Facebook e o Instagram.

Considerando a aproximação aos grupos, conforme supramencionado, é necessário reafirmar a relevância do pensamento de Maffesoli (2011, p. 16) para tal estudo, pois o autor nos chama a atenção para o “estar junto”. Para Maffesoli (2011), a tecnologia se constitui como um dos aspectos na transfiguração no vínculo social na atualidade, o que o autor denomina de socialidade. Outrossim, as conversas e os diálogos estabelecidos, por meio de múltiplas linguagens em tais aplicativos, nos servem como dados empíricos, nos permitindo compreendê-la como potência⁹.

Assim, é importante frisar que, após o contato inicial realizado pelas redes sociais, foi possível conhecer superficialmente o funcionamento dos grupos e suas características, conforme explicitaremos no item a seguir: primeiro o grupo *Clube Bike Adventure*; posteriormente, o grupo *Voltaço MTB*¹⁰ e; por fim, o *Bike Anjo*.

5.1 *Clube Bike Adventure, Voltaço MTB e Bike Anjo*

O primeiro contato com o grupo se deu por intermédio de um dos membros fundadores (M) que, na condição de responsável, após a exposição das minhas intenções como pesquisadora, autorizou a minha inserção no grupo de WhatsApp.

Diante dos diálogos estabelecidos com M, fui tendo acesso à forma social, à composição da rotina e aos modos de comportamento do grupo *Bike Adventure*: “a socialidade que nos ocupa é antes de mais determinada por aquilo a que Pareto chamava os resíduos, dando naturalmente a este termo as suas diversas acepções” (MAFFESOLI, 1989, p. 153).

⁹ Potência, em Maffesoli (2011, p. 17), se “constitui como elemento básico da vida em comum. É a cultura, o lençol freático que permite a existência da fauna e da flora, em suma, da vida”.

¹⁰ Abreviação de *Mountain Bike*. Bicicleta de estrutura leve e resistente para variados tipos de terreno.

Desse modo, fui compreendendo que, o referido grupo se subdivide em quatro subgrupos – *Adventure 1* (com 222 ciclistas), *Adventure 2* (com 201 ciclistas), *Adventure 3* (com 223 ciclistas) e *Pedal do Galo* (grupo criado para os ciclistas que estavam sem tempo ou não conseguiam pedalar nos horários determinados. Nesse caso, os pedais do galo acontecem das 6 horas até às 7h30 da manhã, daí o nome). Os grupos, atualmente, são administrados por 6 participantes que se espalham nos subgrupos para repassar as informações a todos(as).

Vale ressaltar, também, o nível de condicionamento dos ciclistas, já que não é preciso necessariamente estar em forma e em dia com a musculação ou outros exercícios, como acontece em outros esportes. A presença de alguma limitação clínica ou física não o impede de se manter na atividade.

Contudo, quando se começa a pedalar, independente do condicionamento físico da pessoa, é preciso conquistar maior habilidade específica no ciclismo. Um dos requisitos importantes é ter uma bicicleta indicada para o uso pretendido, ter um bom equipamento, regulado e com condições, pois, caso não se tenha o equipamento adequado, ao invés de obter os contornos do caráter lúdico ou a prática prazerosa do esporte, pode se transformar em transtorno.

Outro fator que pode ser mencionado e influenciar na divisão desses grupos é a faixa etária, que, segundo um dos integrantes, vai depender da distância e quilometragem do pedal, ou seja, se é um pedal longo ou curto, conforme narrativa de um dos integrantes do grupo:

Agora no caso da faixa etária, tem muito ciclistas com a faixa etária muito avançada, aqui em Volta Redonda, por exemplo, existem uns senhorzinhos aí que dão muita coça na garotada, eles pedalam muito. Na minha opinião quando mais tempo de pedal tiver o ciclista mais resistência ele tem, não em um pedal de explosão, mais em longa quilometragem... Minha opinião. (Conversa com JJ integrante do grupo *Adventure* realizada pelo *WhatsApp*, no dia 14 de março de 2020).
[sic]

O *Bike Adventure* possui cerca de mil ciclistas espalhados pelos subgrupos já mencionados e oriundos de várias cidades da região Sul Fluminense. Essa tribo social apresenta algumas especificidades, conforme explicitado por um de seus líderes:

Amigo(a) Ciclista, seja bem-vindo ao grupo do Clube Adventure. Aqui você faz boas amizades e fica por dentro dos pedais, contudo fique atento às regras do grupo. Os grupos Adventure 1, 2, 3 e Pedal do Galo foram feitos com a finalidade de marcar passeios de bike ou trekking.

Serão bem-vindos somente vídeos, fotos, divulgação, vendas de peças ou materiais relacionados a estes assuntos. Não enviem piadas, pornografia, política e futebol (Conversa com M. realizada pelo *WhatsApp*, no dia 15 de junho de 2019).

A narrativa supramencionada nos remete ao aspecto ético do grupo, visto que, para Maffesoli (2011, p. 26), é o que serve de “cimento e que, por sua vez, é particular, limitada a determinado grupo”. Para o autor, esse caráter ético que emerge no referido ajuntamento (ciclismo) serve como momento anômico¹¹ que consolida organicamente o sentimento de filiação da comunidade em questão.

Outro grupo investigado no presente estudo foi o *Voltaço MTB*, que nos foi apresentado por alguns integrantes do *Bike Adventure*. Amparados por inúmeros aparatos tecnológicos, as pessoas se conhecem mais facilmente e em maior número. Para De Almeida e Weymar (2013, p. 1), as tecnologias facilitam esse processo de identificação, pois “o compartilhamento de ideais, gostos, modos de ser e agir – que vai muito além do share próprio da rede – acaba por ser influenciador das relações das pessoas entre si e da relação entre sujeito e comunidade”.

Dessa forma, logo após as apresentações dos responsáveis, procuramos descobrir os aspectos que singularizaram a origem do grupo, que adveio do uso do aplicativo “Strava”, no intuito de monitorar os passeios de *Bike* em longas distâncias e os passeios do grupo. Na medida em que esse aplicativo era frequentado por outras *personas*, foi aumentando significativamente o interesse pela interação com o MTB, permitindo a criação do nome e da logomarca, conforme podemos ver na figura 3.

Figura 9: Logo do grupo Voltaço MTB



Fonte: Voltaço MTB

¹¹ Anomia – “refere-se ao que está além ou aquém da lei: ou seja, não simplesmente ao que é contra a lei, mas uma situação mais profunda, mais primordial, talvez próxima do impulso vital” (MAFFESOLI, 2011, p. 29).

Em conversa com seus criadores, nos foi narrado que a escolha do nome – *Voltaço MTB* – foi uma maneira do grupo homenagear a cidade e o time de futebol do município, com o uso da denominação simbólica da CSN (aço), que já é reconhecido em vários estados (Voltaço) e algumas competições em que participam.

Então antes da logo ser criada eu sempre estava fazendo grandes voltas e sempre colocava no título do passeio, como faço até hoje – VOLTAÇO – daí resolvemos criar o grupo com este nome incluindo o MTB. Fazíamos pedais e não tínhamos um grupo definido e foi sugerido a do Voltaço – MTB. Sim, pois somos de Volta Redonda, já temos o Voltaço Futebol, agora além de homenagear a cidade e o time temos o nosso próprio símbolo que já é conhecido em vários estados e competições (Administradores do grupo Voltaço MTB, em conversa pelo *WhatsApp*, no dia 24 de abril de 2020).

Já a figura expressa na logo, representa o símbolo da cidade (PMVR), que emerge da representação imaginária da curva do Rio Paraíba do Sul, razão de se denominar a cidade como Volta Redonda no período de sua construção.

Como nos chama a atenção Pais (2003), ao citar Antônio Machado – “Caminante no hay camino, se hace camino al andar” – optamos em mergulhar nos processos de pesquisa, nos inserindo no grupo oficialmente. Inicialmente, passeamos por um cadastro de reserva, criado por L e pelos administradores, como um procedimento de organização interna. Posteriormente – dia 9 de agosto de 2019 –, fomos adicionados ao grupo de reserva, especificamente a uma lista com mais seis integrantes. No dia 19 de agosto de 2019, fomos removidos do grupo de reserva e adicionados ao grupo *Voltaço MTB*. No mesmo dia, fomos informados sobre as regras do grupo, conforme narrativa a seguir:

Seja bem-vindo ao grupo de ciclistas VOLTAÇO MTB. Nosso grupo de amigos e família. Amigo(a) Ciclista, seja bem-vindo ao grupo do VOLTAÇO MTB. Aqui você faz boas amizades e fica por dentro dos pedais, contudo **fique atento às regras do grupo**. O grupo foi criado com a finalidade de marcar passeios de bicicletas ou trekking. Serão bem-vindos somente vídeos, fotos, divulgação, vendas de peças ou materiais relacionados a estes assuntos. **Não enviem piadas, pornografia, polícia, futebol e correntes religiosas ou qualquer assunto que não diga respeito aos passeios acima** o integrante do clube será **avisado no privado para a remoção do “POST”**, porém, caso **não o faça estará descumprindo às regras citadas poderá causar suspensão por 24 horas e a reincidência terá a suspensão definitiva**. Peço colaboração de todos os participantes. (Conversa com Administradores do grupo Voltaço MTB pelo *WhatsApp*, no dia 19 de agosto de 2019).

Ao adentrar no grupo e nos depararmos com a postagem – notificação supramencionada –, de imediato, recordamos Maffesoli (2011, p. 47) e a diferença entre a noção de social e socialidade. Para o autor, o social é apenas o estar junto de maneira racional, já a socialidade “é a expressão natural desse social baseada na racionalidade”, portanto a socialidade seria a expressão desse societal. Essa perspectiva nos permite perceber a retomada da “inteireza”, “possibilidade de integrar, na vida comum, os elementos essenciais que haviam sido deixados de lado” (idem). Desse modo, buscamos frisar que os administradores, ao estabelecerem os limites, explicitam evidências, princípios de ação dentro do aplicativo – grupo –, maneiras de viver da referida tribo urbana, conforme nos esclarece Maffesoli (2005, p. 23):

prevalece uma espécie de acaso. Mas o valor, a admiração, o *hobby* e o gosto partilhados tornam-se cimento, vetores de ética. Para ser mais preciso, denomino ética uma moral “sem obrigação nem sanção”, sem qualquer outra obrigação que não seja a de fazer parte do corpo coletivo; sem qualquer sanção que não seja a de ser excluído do grupo em caso de perda de interesse (*inter-esse*). A ética da estética faz do sentir algo junto com outros um fator de socialização.

Nesse sentido, ocorre um deslizamento, característico da cultura do sentimento, dos ajuntamentos, visto que as *personas* parecem migrar de uma lógica identitária, para uma lógica da identificação. Para Maffesoli (2005, p. 22), a “primeira é essencialmente individualista: a última, muito mais coletiva”.

Prosseguindo a aproximação aos grupos de ciclismo, no dia três de outubro de 2019, realizei o contato com L, procurando compreender o funcionamento do grupo *Voltaço MTB*. Seguindo a lógica do farejador social, conforme descrito por Maffesoli (1984, p. 14), ao discutir a sociologia compreensiva, retomamos o contato com o *Volta MTB*, pois esse movimento de “vai-vem” busca o instituinte, procura entender o “subterrâneo, e o taxinômico que classifica as formas ou as situações instituídas e oficiais”.

Assim, na retomada das conversas com L, fomos informados(as) de que o grupo tem, aproximadamente, 256 integrantes (aqueles que são adeptos de *Speed e MTB*, conhecida como bicicleta de estrada, utilizada para velocidade e por amantes da natureza). Outro aspecto relevante a ser mencionado é o propósito do grupo, que consiste em fazer passeios com a família, sempre que possível. Os passeios

acontecem diariamente, com pedais de segunda a sexta, de 6 horas às 8 horas, em um circuito de 7 km por volta.

Percebe-se que a maior parte dos grupos se concentra nas áreas de lazer e esporte, remetendo ao imaginário contemporâneo, o qual se valorizam formas de relações sociais mais abertas. Os grupos proporcionam interações e aglomerações sociais, além de trocas de informações e/ou mensagens, necessárias para dinamizar a sociedade e agregar valor ao vínculo social.

Dessa forma, torna-se necessário mudar os nossos modos de avaliar os reagrupamentos sociais. Desse ponto de vista, podemos utilizar a análise sócio-histórica da comunidade emocional, como caracteriza Maffesoli (2002), que afirma que as pessoas se unem por uma emoção coletiva, e configuram-se em laços sociais, comunidades, sendo estas passageiras, (no aspecto pouco duradouro) versátil (a formação do ambiente), e estruturadas pelo cotidiano (organização), ou seja, trata-se de uma “categoria”, algo que nunca existiu de verdade, mas que pode servir como indicador de situações presentes.

Assim, como nas duas comunidades anteriores, a aproximação com o grupo *Bike Anjo* se deu a partir da interação estabelecida com os grupos de ciclistas já mencionados. De imediato, percebemos que essa tribo urbana (MAFFESOLI, 2002) demonstrava uma intencionalidade de intervenção social, conforme pudemos constatar em seu *site* oficial (vide figura 2). Nesse sentido, Arroyo (2004) destaca os processos educativos que atravessam os movimentos sociais, as lutas e as vivências do cotidiano.

Cabe destacar ainda que o grupo de Volta Redonda surgiu por intermédio de um ciclista (V.S.) que conheceu o projeto *Escola Bike Anjo* (EBA), em São Paulo e, posteriormente, iniciou o processo de articulação para trazer o movimento para o município de Volta Redonda.

Em decorrência desse contato inicial, um dos voluntários do projeto EBA–RJ se propôs a desenvolver o primeiro treinamento no município de Volta Redonda, entretanto, para que isso ocorresse, seria necessário que V.S. conseguisse pessoas dispostas a dar prosseguimento ao projeto. Foi nesse momento que M. e 3 outros voluntários passaram a compor a equipe EBA–VR.

Talvez esse momento se caracterize como sendo o da emoção coletiva, a “alavanca metodológica que nos introduz no cerne da organicidade característica das cidades contemporâneas” (MAFFESOLI, 2002, p. 21). Para o autor, essa se constituiria como a estética do sentimento, porque não se trata de uma experiência individual, pelo contrário, “(...) representa o destino comum. É o que permite estabelecer um laço estreito entre a matriz ou aura estética e a experiência ética” (idem).

Assim, é importante ressaltar que a tribo urbana *Bike Anjo* é uma associação, uma rede nacional de ciclistas, que nasceu em 2010, com o objetivo de promover a bicicleta como processo de transformação sistêmica das cidades e da vida das pessoas, portanto se consideram uma rede orgânica, espontânea, colaborativa e voluntária, difusores dos benefícios da bicicleta, estando presentes em 37 países e 791 cidades¹². Na medida em que buscamos proximidade com aqueles que nos identificamos, procuramos companhia “daqueles que pensam e sentem como nós” (MAFFESOLI, 2002, p. 18).

Figura 10: Comunidade *Bike Anjo*



Fonte: Site oficial *Bike Anjo*¹³

¹² Informações retiradas do site oficial do grupo: <https://bikeanjo.org/>.

¹³ *Bike Anjo* é uma rede de ciclistas apaixonad@s pela bicicleta que promove, mobiliza e ajuda pessoas a começarem a utilizar esse veículo nas cidades. Acreditamos que a bicicleta é uma ferramenta **de transformação social e quanto mais gente, melhor serão nossas cidades** (SITE OFICIAL BIKE ANJO).

Cabe frisar que a referida comunidade se diferencia dos grupos de ciclistas anteriores, pois a preocupação central não é apenas o uso da bicicleta para desfrutar de espaços físicos, passeios ou prática de atividade e exercício físico, mas a intenção de ensinar as pessoas a andar de bicicleta, educação para o trânsito, proposição de projetos que interferem na mobilidade urbana, dentre outros. Os projetos desenvolvidos pela comunidade refletem esse processo de transformação social: *De Bike ao Trabalho; Bike Anjo no Dia Mundial sem Carro; Não vou de Bicicleta, mas respeito quem pedala; Bike na Periferia; Bike na Escola; Bicicleta nos Planos; Escola Bike Anjo.*

As Escolas Bike Anjo (EBAs) são oficinas gratuitas organizadas por grupos de anjos de uma determinada cidade, com data, hora e local para acontecer (SITE OFICIAL BIKE ANJO).

No caso de Volta Redonda, os voluntários da equipe do EBA utilizavam formas de divulgações nos grupos de ciclismo, de pessoas conhecidas, *Facebook* e até as próprias *personas* que solicitam apoio. As aulas, até pouco tempo, ocorriam no último domingo de cada mês. A partir de janeiro de 2020, o grupo mudou para o segundo domingo de cada mês, sendo necessária a inscrição dos interessados em aprender a andar de *bike*. A faixa etária atendida pela EBA é a partir de 3/4 anos de idade, sendo necessária a utilização de calça e tênis, além da exigência com a pontualidade do horário.

Nesse contexto, trazemos as ideias de Arroyo (2003), entendendo que podemos aprender com os movimentos sociais, desde que não nos orientemos no sentido de transferir a eles o que quer que saibamos, pois é necessário viver com eles a experiência de uma formação coletiva, voltada para a transformação de todos os sujeitos envolvidos.

No município de Volta Redonda, as ações das referidas tribos urbanas se particularizam por meio de um projeto desenvolvido com pessoas portadoras de necessidades especiais, especificamente com deficiência visual. O projeto conhecido como ODKV, que significa: o “ODKV e o di lá não vê”, pedal para cegos. O ensino desse projeto é diferente do EBA e acontece por meio de passeios e apoios voluntários: utilização de uma *bike* unida à outra, conduzida por um anjo (anjo, nome do aluno que se prontifica a ser voluntário) e um cego, ora um conduz, ora o outro

conduz. O próprio cego pedala, conduzindo e sendo orientado pela voz do anjo que enxerga.

FIGURA 11: Projeto Bike Para Todos



Fonte: Foco Regional (13/12/2018)

A bicicleta utilizada no projeto supramencionado precisa ter a medida e o ângulo certo para esse público, pois necessitam de quadros diferenciados, com ajustes, para serem articulados. A narrativa a seguir explicita o que queremos enfatizar:

(...) ideia da bicicleta adaptada para pessoas com mobilidade reduzida ou alguma limitação, no caso, a bike ODKV (o de cá, vê) (...). As bicicletas gêmeas são consideradas uma ferramenta de inclusão, acessibilidade e liberdade dando oportunidade ao deficiente visual de guiar, em uma experiência incrível, diz André Vaz, articulador do Bike Anjo – Volta Redonda (**FOCO REGIONAL – 13/12/2018**).

Convém salientar que EBA e ODKV são projetos diferentes, mas desenvolvidos pelas mesmas *personas*, pois a sua distinção ocorre devido ao público-alvo. Os projetos não se desenvolvem simultaneamente, por conta da necessidade da atenção e dedicação total às pessoas com necessidades especiais.

Assim, a visibilização das tribos urbanas que utilizam o ciclismo como modos de *fazerpensar* o mundo e as respectivas *políticaspráticas* presentes neste trabalho não possuem a pretensão ou a perspectiva de se caracterizar como uma maneira única de se desenvolver a experiência sobre rodas, mas o exercício de compreender e refletir sobre o modo como essas *personas* se utilizam da *bike* para experienciar o mundo.

Nessa perspectiva, o ciclismo se configura a partir de diversas “formas” de expressão que estabelecem interfaces com os processos de identificação, com a escolha pessoal e coletiva do grupo social a que está vinculado: competição profissional e alto rendimento, prática de exercício físico e saúde, deslocamento para o trabalho e mobilidade urbana, lazer e passeio com a família e amigos, dentre outros inúmeros interesses.

Percebemos, nesta fase da pesquisa, que há um lugar comum – estar junto - entre as tribos urbanas investigadas: a prática do ciclismo, da ação corporal sobre rodas. Porém, essa *políticaprática* de socialidade emerge entrelaçada a uma experiência ética que tem como cimento social múltiplas origens: os sentimentos, a relação com a realidade social entremeada de emoções, alegrias dos passeios, na socialidade com as pessoas que buscam o aprendizado da prática corporal sobre duas rodas, mas também no trágico de um acidente, na paixão, no conflito, no sofrimento, no lazer, ou seja, na complexidade que emerge da vida lábil.

Perceptível também foi o resgate que as experiências/memórias subjacentes ao subterrâneo nos promoveu, pois priorizamos aquilo que a razão moderna não privilegia, porque exclusivamente valoriza o conhecimento cognitivo, descredibilizando as criações oriundas das emoções e dos sentimentos.

Desse modo, gostaríamos de ressaltar aquilo que Arroyo (2003) nos chama a atenção para os processos educativos enredados aos movimentos sociais, ou seja, a possibilidade de compreender a educação que se dá além dos muros da escola, em espaços e “formas” diversas de *aprenderensinar* que são invisibilizados pelo pensamento colonizador que determina e estabelece a escola como único espaço de construção de saberes, descredibilizando os infinitos espaços de formação do humano.

Assim, considerando a cartografia supramencionada, aquela que se refere aos grupos de ciclistas de Volta Redonda, e o modo peculiar como cada comunidade pratica¹⁴ o deslocamento sobre rodas, optamos pelo mergulho com todos os sentidos

¹⁴ Para Certeau (1996, p. 39-40), a prática é entendida como uma “combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos (menu gastronômico) ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passados por uma tradição (de família, de um grupo social) e realizados dia a dia através de comportamentos que traduzem em uma visibilidade social, fragmentos de dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz nas palavras fragmentos de discurso. Prático vem ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de

– conforme nos ensina Alves (2008) –, nas práticas culturais do grupo *Bike Anjo*. Tal escolha se deve por considerarmos que a referida comunidade emocional apresenta uma potência como um espaço de socialidade, visto que apresentam diversos projetos, cuja proposição ou impacto interferem no social.

7. BIKE ANJO E A COMUNIDADE EMOCIONAL: UM MERGULHO NA CARTA DE VALORES

No intuito de aprofundar – investigar – os conhecimentos referentes à comunidade emocional (MAFFESOLI, 2000) de ciclistas (*Bike Anjo*), especificamente o grupo atuante na cidade de Volta Redonda, nos remetemos a mergulhar nas práticas da referida comunidade para compreender os seus modos de pensar e agir no social.

Assim, ao propormos o referido movimento de pesquisa – mergulho –, optamos por nos aproximar das discussões de Alves (2008), ao se referir às pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

Nessa trajetória, Alves (2008) nos chama a atenção para o fato de que pesquisar os cotidianos é se aventurar em águas turbulentas, necessitando estar atento aos aspectos invisíveis ao “olhar” desavisado, pois os cotidianos se apresentam na forma de pergaminhos, nos quais histórias se cruzam umas sob as outras, exigindo a dedicação para desvelar aquilo que está escondido: “como os pergaminhos, nas histórias da Idade Média, permitiam e obrigavam aos seus pesquisadores a descobrir o que era escrito, em camadas sucessivas” (ALVES, 2003, p. 3).

Outrossim, operar a partir da referida lógica nos exige quatro movimentos: mergulhar com todos os sentidos, virar de ponta-cabeça, beber em todas as fontes, narrar a vida e literaturizar a ciência.

O primeiro movimento se refere à necessidade de ampliarmos o modo de percepção da realidade para além daquilo que nos foi ensinado pela racionalidade moderna (SANTOS, 2002). Tal modelo investigativo trabalha com a lógica do

um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede das relações inscritas no ambiente”.

experimento laboratorial, buscando a constatação e privilegiando o sentido da visão, como nos chama a atenção Latour (1994), e do mesmo modo Najmanovich (2001), quando ressalta o modo como a perspectiva linear nos move a um lugar comum: o ponto de fuga.

De outra maneira, ao mergulhar com todos os sentidos, privilegiaremos o “sentimento do mundo” (ALVES, 2001, p. 16), buscando outras referências para fugir ao lugar “comum” onde outros(as) tantos(as) pesquisadores(as) já estiveram e “ver” o que já foi visto. Para isso, é preciso privilegiar as experiências (LARROSA, 2002) e outros sentidos que emergem da vida lábil: “buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do diário” (ALVES, 2001, p. 17).

O segundo movimento, virar de ponta-cabeça, emerge da compreensão de que os conhecimentos produzidos pela razão moderna ainda são recursos indispensáveis. Todavia, há de se reconhecer os seus limites e o modo como direcionam nossos “olhares”, de maneira que possamos percorrer outros caminhos e produzir outros sentidos (ALVES, 2001).

Outrossim, o movimento de virar de ponta-cabeça requer, conforme preconizado por Alves (2001), encontrar outras lógicas para além daquelas que nos foram ensinadas – hierarquizar, classificar, categorizar, agrupar –, visto privilegiar as múltiplas maneiras (CERTEAU, 1994) que os sujeitos ordinários encontram para habitar o *espaçotempo* investigado (comunidade *Bike Anjo*), encontrando diversas possibilidades para reinventar o consumo que lhes chega. Assim, mesmo sabendo que a referência do movimento sociológico escolhido para a pesquisa se aproxima da sociologia compreensiva (MAFFESOLI, 2000), ressaltamos a necessidade de uma abordagem multirreferencial, pois essa pressupõe uma leitura plural das práticas constitutivas do social (ALVES, 2001).

O terceiro movimento preconizado – beber em todas as fontes – por se constituir no enredamento com os anteriores, também opera a partir da multiplicidade, não aceitando a ideia da perspectiva monocultural (SANTOS, 2006), aquela que reconhece apenas a ciência como produtora de conhecimentos e o documento como única fonte de verdade. Pelo contrário, beber em todas as fontes exigiu a ampliação

e o reconhecimento daquilo que pode ser contado, não ficando restrito à ótica de quem elabora o documento, mas investimos no *site* da comunidade investigada, nas memórias e nas experiências dos narradores que participam dos projetos (BENJAMIN, 1994) e nas fotografias que emocionam, ao serem olhadas novamente, bem como as reportagens dos jornais que revelam fragmentos históricos (ALVES, 2001).

O quarto movimento exercitado foi o de narrar a vida e literaturizar a ciência (ALVES, 2001). Tal movimento nos remeteu à ideia de que não deveríamos meramente descrever como uma “prática escriturística” marcada pela linearidade e distanciamento entre aquele que observa o seu objeto de investigação (ALVES, 2001, p. 30), mas, caracterizada pelas narrativas e por um fazer textual marcado pelas táticas e pelas lógicas operatórias do praticante: “traçar/trançar as redes dos múltiplos relatos que chegaram até mim, neles inserindo, sempre, o fio do meu modo de contar” (idem, p. 32-33).

Considerando os movimentos necessários ao mergulho nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos e a intenção de compreender a “forma” (MAFFESOLI, 1984) como o grupo que constitui as relações de socialidade, optamos por acessar a “Carta de Valores”¹⁵ construída coletivamente por seus membros – beber em todas as fontes – e divulgada no seu *site* oficial. Cabe frisar que tal escolha permite o desvelamento dos valores que a referida comunidade emocional opera.

O referido procedimento metodológico – escolha da carta como fonte de dados – se justifica por sabermos que importantes mudanças de valores aconteceram nas sociedades no final do século passado, caracterizando a passagem da modernidade para a pós-modernidade, o que Maffesoli (2004) denomina de tribalismo. As narrativas que apresentamos a seguir revelam fragmentos do modo como a comunidade *Bike Anjo* realiza a tessitura¹⁶ (ALVES, 2003) dos seus valores.

Esta carta de valores construída colaborativamente pela **Articulação Nacional e Articulação Pedivela do Bike Anjo**, utilizando discussões de valores debatidas no 1º Encontro Nacional do Bike Anjo e a carta de valores do Bike Anjo DF e apresenta orientações de práticas fundamentais para a boa convivência entre os membros do Bike Anjo, seja no âmbito local ou no

¹⁵ A carta pode ser acessada no *site* oficial do grupo pelo link: <https://drive.google.com/file/d/0B7H7mkXqQmQKcjhRQ3pRVUxrSjg/view>.

¹⁶ De acordo com Alves (2003, p. 3), “o termo tessitura foi buscado na música permitindo compreender o modo como se relacionam as notas musicais para compor uma peça”.

âmbito nacional. **Este documento é vivo e poderá ser atualizado pelas/os voluntárias/os à medida que surgirem novas necessidades.** O mais importante é que ele seja significativo para você. Que ao lê-lo você se sinta abraçada/o pelo grupo e **inspirada/o a colaborar com o bem coletivo** da melhor forma possível! (CARTA DE VALORES – SITE OFICIAL BIKE ANJO).

Ao nos depararmos com a narrativa supramencionada, percebemos que ela revela sinais, evidências do modo como as *personas* que compõem a referida comunidade opera, pois nos parece que há uma “forma” coletiva para *pensaragir* “colaborativamente”. Igualmente apresenta indícios (GINZBURG, 1989), fragmentos de uma lógica que estabelece a fluidez – “documento vivo” – de uma comunidade emocional.

Todavia, os indícios mencionados – **colaboração e documento vivo** – se “vistos” separadamente do cotidiano da comunidade que a produziu, talvez se revelasse incompreensível àquele que “olha”, pois nada entenderia “das paixões e emoções sociais” (MAFFESOLI, 2009). Porém, compreendendo que a vitalidade de uma comunidade emocional apresenta como potência o fato de ser “ela, essencialmente, uma ligação: ela junta, é fonte de confiança” (idem, p. 89).

De outro modo, no início da carta, encontramos uma nuvem de palavras que emergiu do processo coletivo supramencionado e que apresentamos como uma narrativa coletiva:

Figura 12: Valores do grupo *Bike Anjo*



Fonte: Site oficial *Bike Anjo*

Trazer a nuvem de palavras para o diálogo se deve por três aspectos que entendemos serem significativos para a pesquisa: primeiro, porque, neste estudo, é concebida como uma representação gráfica coletiva que concede o valor das palavras pelo seu uso ou aparecimento nas discussões ou textos, tornando essa ou aquela palavra mais ou menos visível na representação visual; segundo por entender que essa nuvem de palavras é um êxtase pós-moderno; terceiro, entendemos a nuvem de palavras como uma forma de narrar o mundo.

Com relação ao primeiro aspecto, gostaríamos de trazer para o diálogo o sociólogo Howard Becker (2009), visto que ele questiona o monopólio do saber e do falar sobre a sociedade apenas aos sociólogos. Desse modo, qualquer representação social, no nosso caso a nuvem de palavras, e o “formismo” (MAFFESOLI, 2000) da comunidade aqui investigada, portanto, a representação social aqui apresentada – nuvem de palavras – é necessariamente parcial, mas revela e narra “apenas aquilo de que os usuários precisam para realizar o que quer que queiram fazer” (BECKER, 2009, p. 31). Becker (2009, p. 36) ainda complementa:

representações sociais só existem plenamente quando alguém as usa, lê, vê, ou ouve, completando a comunicação ao interpretar os resultados e construir para si mesmo uma realidade a partir do que o produtor lhe apresentou. O mapa rodoviário existe quando eu uso para chegar à próxima cidade, os romances de Dickens, quando os leio e imagino a Inglaterra vitoriana, uma tabela estatística, quando eu examino e avalio as proposições que sugere.

No caso deste estudo, a representação gráfica da nuvem de palavras nos remete à percepção dos valores presentes na pedagogia da tribo urbana, o que nos possibilita relacionar aos aspectos que mobilizam a referida comunidade emocional.

O segundo aspecto que nos motivou a abordar, no texto, sobre a representação gráfica emerge da compreensão de ser essa – a representação – a consequência dos encontros entendidos como “extases pós-modernos”: “Êxtases que vão buscar o sentido do visível numa aura invisível. Em algo mais profundo: instintos, tradições, culturas fundamentais, ideal comunitário que, indo além do indivíduo, asseguram a coesão societal” (MAFFESOLI, 2009, p. 91).

Já o terceiro aspecto que justifica o uso da nuvem de palavras considera que, partindo do pressuposto que estando mergulhados (ALVES, 2008) no cotidiano dessa comunidade emocional e, simultaneamente, fazendo uso do terceiro movimento mencionado – beber em todas as fontes (ALVES, 2008) –, concebemos a imagem

como uma forma de narrar o mundo, portanto como uma fonte de dados. Para Oliveira e Geraldi (2010, p. 23), o trabalho com outras formas narrativas contribui para a ampliação da percepção do mundo: “o que potencializa a contribuição dessas narrativas – musicais, imagéticas, românticas, contistas, etc. – são as múltiplas realidades constitutivas da sociedade em que vivemos (...)”.

Assim, justificando a razão de trazermos para o diálogo a nuvem de palavras – conforme figura 4 – salientamos que a carta passa a discutir cada uma das palavras nela contida. Discuti-las se torna necessário, pois, ao considerarmos a sociologia compreensiva de Maffesoli (2000), concebemos tais valores como pistas de uma ética, como sinais do vitalismo anunciado pelo autor.

Para Maffesoli (2000), a modernidade se constituiu a partir de uma configuração dicotômica, de maneira a fragmentar todas as manifestações do mundo: homem/natureza, ciência/arte, corpo/mente, filosofia/religião, dentre outras. Todavia, o autor nos chama a atenção para o fato de que o ser humano, na atualidade – pós-modernidade – se constituiu a partir de outras referências, denominada de reversibilidade. A esse respeito, Barros e Fonseca (2018, p. 43) salientam que

reconhecer estas singularidades do cotidiano – considerado espaço-matriz – está na base do “formismo” maffesoliano. “Formismo” é a rejeição do dualismo, da lógica da separação, do “ou” isto “ou” aquilo. Maffesoli faz um jogo de palavras, e assinala que a forma é formante, e não formal. Com isso, o autor procura uma categoria estruturante para dar conta da polissemia do cotidiano. **Esta reversibilidade é característica do pensamento maffesoliano:** a beleza do feio, o fundo das aparências, a razão sensível. (Grifos nossos).

Fica-nos evidente, a partir dessa percepção de mundo, que, ao interagir com o mundo, as *personas* não buscam uma mera ação utilitária e racionalista, mas um princípio, ou poderíamos dizer que uma outra maneira de estar junto, na conjunção dos afetos, do emocional, “[...] que recoloca a experiência vivida, quebrada pela interpretação unívoca proposta pelo racionalismo, (re)põe o vivenciado enquanto globalidade, enquanto estilo de vida” (OLIVEIRA, 2014, p. 21).

Outrossim, Oliveira (2014, p. 22) ainda afirma que a comunidade emocional, ao considerar o cotidiano, conforme proposto por Maffesoli (1984), como um lugar que rompe com a prática alienada da racionalidade moderna, opera a partir de uma lógica que privilegia a criação, pois age na ótica da criação e “a partir de um investimento

sobre aquilo que pode estar ao nosso alcance, sobre o cotidiano, fazendo do vivido uma obra de arte”.

Nessa linha de pensamento, recordamos Santos (2002), que também considera ser a racionalidade estético-expressiva da arte e da literatura o caminho para a construção de um conhecimento emancipatório, capaz de confrontar o pensamento colonial/moderno.

Assim, concebendo a produção da carta como uma ação coletiva que contém elementos já anunciados neste estudo – potência, reversibilidade, produção artística – explicitaremos cada um dos termos contidos na referida produção.

Conforme podemos perceber na figura 5, diversos elementos são explicitados, talvez no intuito de identificar o modo como a referida tribo urbana vai interagir para “estar junto”. Nessa trajetória, Pais (2011, p. 248), ao tecer considerações sobre os grupos, afirma que “(...) as identidades grupais entrecruzam-se com identidades pessoais em processos de identificação que refletem a intersecção de um ‘eu’ com um nós (...)”. Todavia, Pais (2011) ainda afirma ser possível encontrar duas formas de integração social: a comunidade e a sociedade/associação, sendo a primeira caracterizada no afeto e na emoção.

Assim, considerando o exposto, de imediato, a comunidade emocional já anuncia – “Praticamos uma comunicação não violenta” – o cuidado com a prática violenta como se a prever “o idealismo que querendo forçar a realidade a se ajustar ao molde do espírito, é o modelo e a justificativa teórica de todas as violências empíricas” (MAFFESOLI, 2009, p. 47).

Figura 13: Carta de Valores – *Bike Anjo*

LEVEZA

COMO O BIKE ANJO: ● QUER SER ● QUER MELHORAR ● QUER MELHORAR COM CRÍTICAS, SUGESTÕES ● PODE SER EXCLUÍDO

Praticamos uma comunicação não violenta. Muitas vezes expressamos nossas opiniões de forma muito incisiva e podemos invadir, mesmo sem querer, o espaço do outro de forma agressiva. Quando sua opinião divergir da opinião do próximo, exponha seus argumentos de forma leve e compreensiva. Uma boa dica: quando pensar em começar uma frase com “Mas...”, use “E...” para somar, em vez de divergir. ;-)

Procuramos respeitar sempre os limites individuais das pessoas. Cada indivíduo tem uma opinião e uma trajetória de vida única.

Tentamos solucionar conflitos pessoais diretamente com os envolvidos. Discussões abertas aos outros podem ser mais desgastantes do que uma boa conversa franca entre os interessados.

Quando recebemos um feedback negativo, ouvimos com empatia. Não reagimos buscando justificativas ou defesas. Confiamos no outro, dê espaço para si mesmo e tente refletir sobre o que pode lhe ser útil nessa situação.

Evitamos discussões desnecessárias. Sempre refletindo se o tema a ser debatido traz algum potencial de reflexão e crescimento para o grupo ou apenas causa desgastes, como as polêmicas discussões sobre o uso do capacete.

Fonte: *Site oficial Bike Anjo*

O que ressaltamos é que a concepção “vitalista” presente na mensagem para nos revelar a ausência da fragmentação entre o pensar e o agir, característico do discurso individualista e narcísico, conforme ressalta Maffesoli (2009, p. 56):

os teólogos de hoje mudaram de nome. Seus “modos odiosos” permanecem os mesmos. Depois da conspiração do silêncio, vem a invectiva e, em seguida, a maledicência e a calúnia. Tudo serve para invalidar, estigmatizar marginalizar um pensamento ou prática heterodoxos.

O que consideramos é que o pensamento moderno foi, se não o responsável, o principal articulador da lógica que opera fragmentando, dividindo, dicotomizando: ciência/arte, corpo/mente, natureza/cultura, dentre outros. Para Barros (2008, p. 183), a referida “separação colocaria de lado, segundo ele, a subjetividade. Ela, a separação, é o protótipo do cientificismo. Haveria um retorno, agora, da reversibilidade dos fenômenos, que Morin chamaria de complexidade”.

De outro modo, Maia (1997, p. 2) nos chama a atenção sobre a maneira como a comunidade emocional se apresenta: “o caminho para acessar esta possibilidade pode ser a sugestão, a leveza do ‘belo’. Aqui está a insustentável leveza da aparência”. E Maffesoli complementa tal assertiva, ao considerar que é exatamente

isso que a tribo urbana não aceita mais: “(...) que alguns em nome do saber que detém, decidam o que é melhor para todos, o que é justo”.

Nesse sentido, a carta ainda salienta que os membros devem sempre respeitar os limites individuais das pessoas, como se nos chamasse a atenção para o fato de querer pensar pelos outros ou agir no lugar dos outros, bastante característico de um “saber fazer” colonizador: “Esta é a era da página das variedades em que o fazer saber predomina, e muito, sobre o saber fazer” (MAFFESOLI, 2009, p. 58).

Um indício dos valores do grupo revela evidências do “cimento social” presente na comunidade *Bike Anjo*, que emerge da narrativa de um(a) de seus(as) participantes durante uma roda de conversa:

Ela coloca a nossa missão, e ela, sim, **ela foi elaborada pelos próprios anjos, nós participamos da elaboração dela e ela é mais ou menos como projeto político-pedagógico de uma escola**, ela também é renovada, ela também é alterada quando necessário. Isso tudo é feito dentro da plataforma com **a participação de todos os anjos que queiram participar, queiram opinar**. Volta Redonda, também sim, participou da elaboração dela (RODA DE CONVERSA – 31/07/2020 grifos nossos). [sic]

Desse modo, salientamos que parece emergir indícios (GINZBURG, 1989) do conhecimento comum preconizado por Maffesoli (1984), o que, de certa maneira, revela o “formismo”, a conexão entre o conteúdo e o contido, entre a forma exterior e a potência da comunidade emocional.

Outrossim, a narrativa supramencionada nos permite, via sociologia compreensiva, acessar “os contornos por dentro, os limites e a necessidade das situações e das representações que constituem a vida quotidiana” (MAFFESOLI, 1984, p. 16). Todavia, buscar conhecer a forma do social, mergulhando na vida lábil, se justificando pela necessidade de romper com a prática secular de reduzir o “real” à imagem especular.

Outro elemento que emerge da nuvem de palavras é o respeito ao diferente. Ao nos depararmos com a estética enunciada no recorte referente à diversidade, encontramos múltiplos aspectos que nos remetem à compreensão de que o grupo privilegia um comportamento plural, ao contrário de uma perspectiva monocultural: respeito ao próximo, gentileza, empatia, oposição a qualquer forma de preconceito, aceitação dos limites do “outro”, diversidade no modo como as pessoas se manifestam no mundo são algumas das características evidenciadas nesse item.

Figura 14: Carta de Valores – Bike Anjo

RESPEITO À DIVERSIDADE

COMO O BIKE ANJO: ● QUER SER ● QUER MELHORAR ● QUER MELHORAR COM CRÍTICAS, SUGESTÕES ● PODE SER EXCLUÍDO

Respeitamos o próximo. Somos gentis e educadas/os com as pessoas que atendemos com voluntárias/os e todas as outras pessoas que estiverem ao seu redor. Entendemos que cada um(a) possui diferentes limites, traumas e medos a serem superados. Somos pacientes e, caso precise, pedimos ajuda de outra/o voluntária/o. Rede/voluntários.

Abraçamos as diferenças. O Bike Anjo não faz distinção ou cria preferências entre as pessoas que recebe. Buscamos acolher a toda/os da mesma forma.

Praticamos a empatia. Coloquem-se no lugar da outra pessoa; tanto no lugar daquelas que você atende como na da/os outra/os voluntária/os do grupo.

Assédios e abusos contra qualquer pessoa (voluntário ou público em geral) não são aceitos no Bike Anjo.

Não aceitamos comportamentos homofóbicos, machistas, racistas ou que envolvam discriminação de qualquer tipo.

Fonte: *Site oficial Bike Anjo*

Ao pensar no caráter ético expressado por esse tópico, que defende a diversidade, fomos remetidos a perceber a oposição à racionalidade moderna que prima pelo uno: a credibilização da ciência como única forma de conhecimento do mundo é uma exemplificação do que salientamos (MAFFESOLI, 1996). Porém, aparenta que a comunidade *Bike Anjo*, mais uma vez, se aproxima do vitalismo preconizado pelo tribalismo, pois, ao contrário de seguir a lógica de racionalidade que opera a partir da linearidade moderna, privilegia a lógica barroca, aquela que “recorre à sensação (ambiente), procede por sedução (aparência), dispõe de efeitos (acontecimento)” (MAFFESOLI, 1996).

As narrativas de dois membros do grupo revelam a estética do *Bike Anjo* em relação ao respeito à diversidade:

F: Bike Para Todos que é um projeto que foi desenvolvido aqui também pelo Bike Anjo de Volta Redonda que a gente lida já com alunos especiais desde deficientes visuais, autistas, alguns deficientes motores (RODA DE CONVERSA – 31/07/2020). [sic]

M: (...) o projeto de inclusão Bike Para Todos, onde trabalhamos com pessoas com deficiências, a Hand Bike usada para cadeirantes, incentivamos a Bike na escola, o de Bike ao trabalho, tudo isso, porque “pedalar é maneiraço” (RODA DE CONVERSA – 31/07/2020). [sic]

Ao olharmos detidamente as narrativas supra-apresentadas, recordamos o pensamento de Santos (2006), que se reporta ao reconhecimento do direito como uma questão central. Desse modo, o reconhecimento da igualdade deve operar a partir da interculturalidade:

temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (SANTOS, 2006, p. 462).

Ao considerar a proposição de Santos (2006), Candau (2008) ressalta que a articulação entre igualdade e diferença afirma a passagem da afirmação da igualdade ou da diferença para a da igualdade na diferença.

Desse modo, nos parece que a comunidade ora investigada busca o respeito à diversidade como uma fórmula ética, conforme preconiza Maffesoli (2005). O autor, ao discutir o Mistério da Conjunção, nos chama a atenção para o fato de que a ética, na perspectiva das tribos pós-modernas, se caracteriza por “estar junto” compartilhando experiências: “claro que este só se cimentará a partir de elementos objetivos: trabalho, ação militante, festas grupais, uso de uniformes, ações de caridade, etc.” (MAFFESOLI, 2005, p. 15). Assim, a tribo procura privilegiar as pessoas que, de certa maneira, por alguma razão, não tiveram acesso ao ciclismo. Daí entender a *Escola Bike Anjo* – ver figura 7 –, que ensina pessoas de diversas idades a pedalar e, em decorrência, o projeto *Bike para Todos*.

Outro aspecto que parece se revelar nas ações apresentadas – *Bike para Todos* e *Escola Bike Anjo* –, nos parece um movimento político que busca intervir no social, permitindo que pessoas, como idosos, pessoas com deficiência, crianças de qualquer idade e sexo trabalhem voluntariamente ou usufruam dos projetos oferecidos pela tribo urbana.

Figura 15: Projeto Escola *Bike Anjo*



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=jBJI_jkAhOU&t=6s

No que diz respeito ao modo como a comunidade emocional se organiza e se relaciona, o valor horizontalidade nos auxilia a compreender tais questões.

Figura 16: Carta de Valores – *Bike Anjo*

HORIZONTALIDADE

COMO O BIKE ANJO: ● QUER SER ● QUER MELHORAR ● QUER MELHORAR COM CRÍTICAS, SUGESTÕES ● PODE SER EXCLUÍDO

As relações interpessoais entre voluntária/os do Bike Anjo se pautam pela horizontalidade, de modo que todas as opiniões tem o mesmo valor.

Valorizamos as trocas e construções coletivas. Ser voluntário no Bike Anjo é fazer parte de uma experiência dinâmica na qual as decisões são baseadas no diálogo e na aprendizagem coletiva.

Assuma seu lugar no grupo. Todas/os podem (e devem) ter a iniciativa de ajudar a melhorar nossas ações e a nossa organização. Somos toda/os responsáveis pelo que acontece no Bike Anjo.

Na horizontalidade, algumas decisões podem ser descentralizadas do grupo a fim de dar maior dinamismo às ações, mas não podemos fugir das diretrizes previamente tomadas.

Consultamos o grupo. A horizontalidade não exclui a necessidade de consultar o grupo sobre ações que envolvam o nome do Bike Anjo (como em eventos, debates públicos, feiras, palestras e parcerias).

Somos transparente. As proposições de parcerias e a construção de ações devem ser públicas e abertas à colaboração.

Fonte: *Site oficial Bike Anjo*

No que pese ao termo horizontalidade, precisamos frisar que o grupo investigado – *Bike Anjo VR* – busca no voluntariado um modo de organização e, em decorrência, o desenvolvimento de suas ações. Desse modo, recordamos que a referida comunidade se intitula como “uma rede de ciclistas apaixonad@s pela bicicleta que promove, mobiliza e ajuda pessoas a começarem a utilizar esse veículo nas cidades”¹⁷. Assim, o documento aqui analisado – Carta de Valores – revela evidências que nos permite perceber que o diálogo e a construção coletiva fazem parte dos processos decisórios do grupo.

Outrossim, ao trazer tal valor – horizontalidade – à tona, nos remete às discussões de Santos (2018) a respeito da democracia sem fim. Para Santos (2018), a democracia não se constrói apenas na perspectiva verticalizada entre o Estado e os cidadãos, mas por intermédio da partilha de autoridade no espaço da cidadania. Para ele (2018, p. 219), “(...) não se trata de obter a transparência total nas relações sociais, mas antes de lutar sem limites contra a opacidade que as despolitiza e desingulariza”.

O que ressaltamos, fundados na ideia de Santos (2018), é que encontramos no documento aspectos que nos remetem à obrigação política horizontal entre cidadãos e associações, ou seja, a comunidade não aceita a ideia de hierarquização e polarização do poder na figura de uma pessoa ou parcela de grupo.

Outro aspecto que nos parece estar articulado à perspectiva horizontalizante emerge, na Carta de Valores, por meio da temática denominada como “Consenso com Bom Senso”¹⁸. O documento menciona que as “decisões são tomadas coletivamente em reuniões, encontros ou por meio virtual, e todos os voluntários podem propor ao grupo suas ideias e apresentar suas dúvidas”.

De acordo com Cançado (2013), a tomada de decisão coletiva, por mais imprecisa e imperfeita que seja, representa, em última instância, que o indivíduo tem a oportunidade da construção do hoje, do agora, o que se aproxima das características da comunidade emocional de Maffesoli (2005), visto que, independentemente de o fato da oportunidade de participação no processo decisório ser ou não aproveitada, a possibilidade de participação por si só já demonstra a efetiva

¹⁷ Site oficial *Bike Anjo*: <https://bikeanjo.org/about/sobre-nos/>

¹⁸ Site oficial *Bike Anjo*: <https://drive.google.com/file/d/0B7H7mkXqQmQKcjhRQ3pRVUxrSjg/view>.

intervenção da *persona* na construção coletiva da realidade, mais ainda, se tem a oportunidade de tomar decisões.

Outro elemento que auxilia a tessitura da carta de valores do *Bike Anjo* está enredado à expressão “apartidarismo e leveza política”. Ao nos aproximarmos da temática anunciada, é necessário que tenhamos compreensão do significado expresso pelo grupo: “O Bike Anjo não se envolve com política de cunho partidário, nem com a promoção da imagem pessoal de agentes políticos” (CARTA DE VALORES – *BIKE ANJO*). O que buscamos salientar é que a tribo – *Bike Anjo* – ao se colocar em uma posição apartidária, evidencia a sua indisposição para se aliar a qualquer partido ou figura civil que opere politicamente no social. Todavia, não se isenta de intervir na sociedade para evidenciar uma contraposição à lógica que opera a favor da ótica monocultural.

A esse respeito, Silva (1999), ao entrevistar Maffesoli, evidencia que há uma transfiguração do político na sociedade em que vivemos, pois, o Estado/Nação que historicamente ocupou o lugar comum da unicidade, deixou de ter essa primazia, uma vez que, com o advento da internet, esta promoveu o desmoronamento do sistema hierarquizado da modernidade: “O uno perde terreno para a diversidade. As relações tornam-se policêntricas. A comunicação deixa de ser unilateral. O receptor torna-se também emissor” (SILVA, 1999, p. 21).

Do mesmo modo, Silva (1999, p. 21), ao problematizar a transfiguração do político, ressalta que a “internet estimula de fato a criar comunidade e que isso é positivo, pois significa participar, debater, opinar, estar presente. A política tradicional não consegue acompanhar isso”.

Nessa linha de pensamento, nos parece que as narrativas de *personas* que participam na referida tribo social nos apresentam sinais da potência – política – estabelecida no tecido social de Volta Redonda:

M: (...) então nós não temos ciclovias, ciclofaixas, não temos um projeto cicloviário para a cidade, a gente ver que o poder público não está interessado nisso e nós temos a falta de Educação no Trânsito, que é uma coisa gritante (...) (RODA DE CONVERSA – 31/07/2020). [sic]

F: (...) é inexistente, e olha que estou acostumado andar em São Paulo. Olha que sou um cara, que tipo assim, não ligo muito pra ciclovia, ciclofaixa, sabe, eu nem faço tanta questão disso, eu prefiro mil vezes que não tenha ciclofaixa, ciclovia, mas tenha uma metodologia de ensino desde a auto

escola, e campanhas para estar ensinando e fiscalização bem mais rígida ao motorista para respeitar o ciclista, respeitar os outros modais (...) (RODA DE CONVERSA – 31/07/2020). [sic]

Ao pensarmos as narrativas supramencionadas, percebemos o impacto da ausência do Estado na valorização do espaço público como um cenário que contribui para a produção de uma sustentabilidade via mobilidade urbana, pois a diminuição de carros nas ruas poderia contribuir para as dimensões socioambiental e econômica.

Os projetos desenvolvidos pelo grupo *Bike Anjo* nos revelam indiciariamente (GINZBURG, 1989) como a referida tribo social transfigura o poder político do Estado, ultrapassando a perspectiva do uno e da centralidade, pois buscam na diversidade de projetos e na lógica multiforme maneiras de inferir no social: o Projeto Mobilização da *Rede Bike Anjo* (fortalecer, promover e realizar a promoção do uso da bicicleta junto com a rede de ‘anjos’); *Escola Bike Anjo* (é uma oficina de aprendizado); *Bicicleta nos Planos* – campanha para orientar a sociedade civil organizada, cidadãos, técnicos municipais para o uso da bicicleta como transporte que auxilia na mobilidade urbana.

Outro indício que nos revela a “leveza política” mencionada na Carta de Valores (*Bike Anjo*) é a participação da tribo social na “Carta Compromisso com a Mobilidade de Veículos não Motorizados”, elaborada pelas comunidades de ciclistas do município de Volta Redonda, no ano de 2016, aos candidatos à prefeitura da cidade.

Outra evidência importante a ser mencionada sobre o caráter político que emerge no cotidiano da tribo urbana aqui investigada emerge dos dados produzidos na roda de conversa, e traz à tona a questão ambiental:

D: Pedalada climática, aí o Bike Anjo, voltado para bicicleta, fizemos a pedalada e durante ela fizemos plantio de árvores. Uma parceria entre Bike Anjo e a Equipe Água Viva (...) em busca de Educação Ambiental conscientizando as pessoas sobre a importância de não jogar resíduos no rio, na rua, entre outros espaços (Conversa com D pelo WhatsApp, no dia 15 de setembro de 2020). [sic]

Partindo do exposto na narrativa e na figura 10, é importante salientar que a Pedalada Ambiental e a Pedalada Climática trabalham o mesmo intuito de promover a discussão sobre o Meio Ambiente, a importância da preservação e o plantio de árvores.

Para Maffesoli (2010, p. 82), há a necessidade de superar o representacionismo moderno, aquele enredado a um modo de percepção abstrata do

mundo, pois estamos “(...) ligados entre si porque ligados à terra - ordem simbólica ou ordem emocional”.

Ao pensarmos as ações implementadas pela comunidade *Bike Anjo*, fica evidente que há uma política de dialogicidade e de interação com o mundo. A esse respeito, Maffesoli (2010, p. 82) complementa: “o homem não mais separa, parte em pedaços a realidade para tornar-se mestre e senhor dela, mas é um ser humano que, em sua inteireza, reencontra a especificidade e o aspecto fecundador da matriz”.

Assim, nos parece que há um movimento promovido pelo referido ajuntamento social *Bike Anjo*, no sentido de valorizar a cidade e o espaço comum, ampliando a socialidade, isto é, permitindo a interação e as trocas de experiências entre as *personas* (MELO; SCHETINO, 2009).

Figura 17: Projeto Voltado para o Meio Ambiente



Fonte: @bikeanjojr

Outro valor que aparece na carta, auxiliando a construção do cimento social que constitui a tribo social *Bike Anjo*, é a humildade.

Nesse sentido, virtudes como a humildade têm sido vistas com maior interesse e como essenciais para o caráter daqueles que lideram e trabalham dentro das organizações.

Do mesmo modo, podemos matizar afirmações de Barros (2008) com Maffesoli (2008) que nos remetem a húmus, humano e humildade, nas quais o “corpo social só pode existir porque há essa pele constituindo-o, que é da ordem da animalidade”. Isso nos leva a compreender algo: o autor privilegia a potência contra o poder, a

socialidade contra sociabilidade mecânica, o lúdico contra o produtivismo (DA SILVA,1999).

Podemos deduzir que o traço da humildade está conectado negativamente com características antissociais, como seja criminoso e, até mesmo, decisões empresariais não éticas. Nesse contexto, trata-se de uma qualidade positiva que pode contribuir para as relações sociais, por promover a formação, manutenção, fortalecimento e reparação dos laços sociais.

Figura 18: Carta de Valores – Bike Anjo

HUMILDADE

COMO O BIKE ANJO: ● QUER SER ● QUER MELHORAR ● QUER MELHORAR COM CRÍTICAS, SUGESTÕES ● PODE SER EXCLUÍDO

- Reconhecemos e acatamos as decisões tomadas pelo grupo, mesmo que você não tenha participado delas e/ou não concorde com elas. O Bike Anjo é um grupo dinâmico; nem todas as pessoas podem participar o tempo todo de todas as atividades e por isso trabalhamos internamente para que todos reconheçam e vivenciem os valores coletivos e possam tomar decisões pautadas neles.
- Ouvimos. Quando receber críticas, entenda que não são ataques pessoais.
- Exercitamos a capacidade de mudar. O Bike Anjo é um espaço amigável onde você é acolhido para reconhecer erros, falhas e rever opiniões. Estamos aqui para ajudar pessoas e melhorar como indivíduos, sempre.

Fonte: Site oficial Bike Anjo

Portanto, uma característica importante dessa virtude é o fato de que ela é mais valorizada pelas pessoas, quando está em contraste com seus opostos. Conforme Pereira (2016), a humildade representa uma característica individual que emerge nas interações sociais, ou seja, é baseada em um comportamento e é reconhecida por outros, se apresentando necessária para possibilitar um convívio harmonioso entre as pessoas.

O comprometimento é outro valor estabelecido pela tribo urbana como sendo imprescindível àquele que adentra o espaço comunitário, conforme podemos perceber na figura 12.

Como já mencionamos, a atuação no *Bike Anjo* é voluntária, com participação ativa nas decisões do grupo. É nesse ambiente que o consenso no grupo se concretiza, pois o reconhecimento, a seriedade e o envolvimento das pessoas são a base para a formação de um grupo coeso e sinérgico que se movimenta na mesma direção. Desse modo, o comprometimento é uma das causas relevantes que compõem a vitalidade do grupo e a capacidade única e exclusiva dele.

Figura 19: Carta de Valores – *Bike Anjo*

COMPROMETIMENTO

COMO O BIKE ANJO: ● QUER SER ● QUER MELHORAR ● QUER MELHORAR COM CRÍTICAS, SUGESTÕES ● PODE SER EXCLUÍDO

A sua atuação no Bike Anjo é voluntária, mas isso não quer dizer que ela seja descompromissada. Ao assumir qualquer compromisso em nome do Bike Anjo, esforce-se para executá-lo da melhor maneira possível, prezando pela qualidade e pela pontualidade.

Procuramos participar ativamente das decisões do grupo. Caso considere que não tenha nada a acrescentar, diga pelo menos que está de acordo com o que foi construído.

Se por acaso você não puder mais levar adiante um compromisso assumido, comunique o grupo e busque uma pessoa para substituí-lo. Passe para ela todas as instruções necessárias para o sucesso da ação.

O descumprimento de forma reiterada de compromissos assumidos com o grupo ou com terceiros em nome do Bike Anjo deve ser considerado falta de comprometimento com as outras pessoas e com os princípios do Bike Anjo.

Fonte: Site oficial *Bike Anjo*

Para Ribeiro e Bastos (2010), uma das características importantes que está presente nos grupos é o comprometimento, pois as pessoas tendem a ser mais leais, a assumirem condutas aplicadas, a se expressarem, dedicarem esforços extra e contribuir voluntariamente com o seu desenvolvimento e do grupo. Por isso, a rede *Bike Anjo* se destina a essas pessoas comprometidas.

Para Maffesoli (2010), o comprometimento poderia ser a definição de uma sociedade aplicada em que a manifestação e a alienação não são simplesmente econômicas, mas engloba a totalidade do ser em suas modulagens naturais e sociais, coletivas e individuais.

As expressões que se movem na rede *Bike Anjo* demonstram melhor capacidade de sentir e experienciar. No entanto, é o ponto de junção que nos aproxima das tribos descritas por Maffesoli (2006), pois elas refletem e retratam essa nova ambiência do descomprometimento.

Segundo Zacariotti (2015), ao mesmo tempo em que se vive intensamente o instante, sem compromissos ou comprometimentos presentes ou futuros, os vídeos, as fotos, a troca de mensagens no WhatsApp e demais redes sociais fazem reviver esses instantes. Diante desse posicionamento, inferimos que as redes sociais proporcionam a forma e a potência da interação da rede *Bike Anjo*.

A esse respeito, Tamayo (2005) ressalta que tem sido dada pouca importância à cultura da organização e aos valores prévios do comprometimento aos grupos que se organizam nas redes sociais, pois os princípios e metas escolhidas pelo grupo influenciam o comportamento dos seus membros.

8. POTÊNCIA E PODER: A VISIBILIZAÇÃO DOS PROJETOS SOCIAIS DO *BIKE ANJO*

Considerando a discussão desenvolvida no capítulo anterior, em que mergulhamos com todos os sentidos nas cartas de valores, no intuito de aprofundar os conhecimentos referentes à comunidade emocional dos ciclistas (*Bike Anjo – VR*) – especificamente o grupo atuante na cidade de Volta Redonda –, passaremos, neste momento, a visibilizar o modo como o grupo intervém no social.

Diante exposto, parece-nos que a comunidade emocional aqui estudada utiliza o ciclismo como uma potência para provocar discussões referentes à sustentabilidade, cidadania e mobilidade urbana, o que Troncoso, Toro-Arevalo e Puttini (2019, p. 129) consideram ser um movimento social cicloativista: “comprometido com o design do ambiente urbano voltado a favorecer melhores condições de vida coletiva”.

Desse modo, privilegiaremos a noção de potência advinda das discussões de Maffesoli (2011, p. 17), já que ele estabelece que a relação existente entre as noções de poder e potência emerge de uma dialogia, visto que um termo remete ao outro. A potência “(...) é exatamente o que constitui o elemento básico da vida em comum. É a cultura fundamental, o lençol freático (...), em suma a vida”.

Se Maffesoli (2011) concebe o vitalismo como uma potência que emerge do instituinte, o poder seria a institucionalização, a racionalização desse impulso vital. Portanto, se o poder se relaciona com o instituído, a potência se aproxima das *personas* e dos seus ajuntamentos. Assim, parece que nos deparamos com duas lógicas distintas, o poder que opera a partir de uma lógica monocultural – uno – e a potência que estabelece uma aproximação com a diversidade que estrutura o social (CHAVES, 2012).

A esse respeito, Maffesoli (2002) nos chama a atenção para uma força vital que rompe a todo instante com a lógica dominadora que, inicialmente, se revelou pela via da racionalidade visual – perspectiva linear e a determinação de uma ilusão realista (NAJMANOVICH, 2001) –, pelo reducionismo ao conhecimento científico e pela lógica monocultural que se roçou exclusiva, conforme disposto a seguir:

isto nos obriga a encarar a saturação da questão do poder (isto é, do político) em sua função projetiva, e o surgimento da questão da potência que move, no fundo, a multiplicidade das comunidades esparsas, fracionadas e, no entanto, ligadas umas às outras numa arquitetura diferenciada expressa

naquilo que chamei de harmonia conflitual. É nesta perspectiva esquemática que convém apreciar a apreensão do vitalismo (...) (MAFFESOLI, 2001, p. 46).

É, portanto, a partir dessa lógica subterrânea, porque se concentra nas comunidades, nas tribos, no local, que buscamos nos projetos sociais do *Bike Anjo* para problematizarmos a saturação do político e o ressurgimento de um espaço qualitativo que prima pela socialidade.

Outrossim, torna-se importante retornarmos ao pensamento de Arroyo (2014), para salientar o potencial pedagógico que os projetos sociais a serem aqui visibilizados apresentam, pois, ao romper com a lógica reducionista de que é na escola que se aprende, assumimos a necessidade de buscar em outras pedagogias a referência para tornar presentes outros sujeitos: “(...) Sujeitos sociais, invisibilizados, apenas destinatários de programas sociais compensatórios e de políticas educativas se mostrando presentes, visíveis, resistentes” (ARROYO, 2012, p. 26).

Sabemos que Arroyo (2012), ao se reportar a outras pedagogias, refere-se aos processos pedagógicos fundados na realidade campesina, indígena, quilombola, dentre outros, entretanto buscamos no referido autor fundamentos para perceber que há, nas práticas socioculturais do *Bike Anjo*, elementos de uma pedagogia que se constrói a partir de uma pedagogia do pedal: Ciclismo.

Desse modo, entendemos que a tribo urbana – movimento social – aqui estudada, é interpretada “como redes heterogêneas e dinâmicas, constituídas por atores que se diferenciam em diversos aspectos: formas de organização e de atuação, estratégias e objetivos, capacidades e recursos (OLIVEIRA; SILVA, 2018, p. 19).

Assim, é importante ressaltar que os espaços de formação existem para além das paredes da escola. Se, para Arroyo (2014), o processo de produção de teorias e práticas pedagógicas que se atualizam na medida em que outras pessoas surgem com outras experiências sociais, culturas, valores, descobrindo “Outros Sujeitos”, “Outras Pedagogias” são inventadas, outras formas de refletir e de cogitar a educação e outros saberes.

No que pese aos projetos desenvolvidos pela tribo urbana *BiKe Anjo*, diversas são as ações que buscam intervir no social, conforme disposto a seguir: *De Bike ao Trabalho, Bike Anjo no Dia Mundial sem Carro, Não vou de Bicicleta, mas respeito*

quem pedala, *Bike na Periferia*, *Bike na Escola*, *Bicicleta nos Planos*, *Escola Bike Anjo*, dentre outras.

Já especificamente na unidade do *Bike Anjo* do município de Volta Redonda, a referida tribo urbana se destaca pelo desenvolvimento de dois projetos: *Bike Para Todos* e *Escola Bike Anjo*, que serão mais bem compreendidos a partir do próximo item.

7.1 – Projeto *Bike Para Todos*

Ao iniciar as discussões dos projetos desenvolvidos pela tribo *Bike Anjo*, nos recordamos das advertências de Maffesoli (2011, p. 14), ao discutir a transfiguração do político e a implosão em cadeia do Estado-nação e os grandes impérios ideológicos: “(...) uns e outros estão cedendo lugar a confederações que, de maneira mais leve, cimentam comunidades, de proporções diversas, repousando mais sobre um sentimento de vinculação que sobre a moderna noção de contrato social (...)”, ou seja, Maffesoli (2011) ressalta que diferentes grupos sociais não aguardam que o estado promova as ações esperadas por eles, portanto se organizam efetivamente e realizam suas intervenções no social.

Assim, trazer à tona a referida advertência se deve pela percepção de indícios (GINZBURG, 1989) que revelam, na ordem das pequenas histórias locais e dos acontecimentos cotidianos, a efervescência em estado puro, a predominância de uma pulsão gregária que conduz as associações, os ajuntamentos: a “semelhança de família” (MAFFESOLI, 2011, p. 14).

Nessa direção, o projeto *Bike Para Todos* emerge com o objetivo de favorecer a inclusão e a acessibilidade por intermédio do ciclismo. No município de Volta Redonda, essa ação adquire peculiaridades que são atravessadas por uma versão exclusiva de se locomover em duas rodas, mais conhecido como ODKV (O De cá vê o De lá não vê). As narrativas das participantes do projeto nos auxiliam a compreender a dinâmica da referida ação:

Q.M: (...) para mim foi muito gratificante antes da gente começar, a fazer um treinamento, a andar de bicicleta com eles. **Eu enxerguei durante 30 anos, com 30 anos eu perdi a visão por um descolamento de retina** porque eu sou diabética desde criança e com isso, eu tive descolamento de retina

acabei perdendo a visão e lá eles apresentaram o projeto, várias ideias bacanas e o conheci assim. (...) **ODKV** porque o nome porque **o di cá vê o di lá não vê**, na verdade é uma pessoa enxerga e do outro lado na pessoa que não enxerga, no caso uma **pessoa deficiente visual** e esse trabalho foi muito bom conhecer as ações dele porque nos dá na verdade **a oportunidade de nós que já não enxergamos termos a sensação de poder andar de bicicleta** mesmo depois de perder a visão e **isso é muito importante essas ações esse trabalho que eles fazem com gente.** [sic]

N: (...) **tenho 61 anos**, moro em Volta Redonda e **sou deficiente visual**. Quando conheci, primeiramente, foi a Bike Anjo no dia 17 de setembro de 2017. Eu conheci a Bike Anjo para poder conhecer e se eu interessava... **foi uma experiência maravilhosa** porque foi quando, ali na Praça Brasil, pela primeira vez eu andei com instrutor “anjos”, instrutores ótimos, **maravilhosos, com carinho com a gente e foi na Tander. É aquela bicicleta que é para 2 pessoas, uma na frente e no caso a gente atrás.** Condutor na frente e nós, no caso eu, atrás. Foi a minha primeira vez foi pela Bike Anjo. (...) **eu sempre tive o desejo de andar, experimentar** e ela como já fazia parte foi no colégio, foi onde eles estavam tendo oficina e fez o convite, rapidamente eu aceitei. Então, foi através da professora C. S., hoje uma grande amiga a qual eu gosto muito e respeito. [sic]

C: (...) **tenho 60 anos**. Conheci o projeto ODKV através de uma amiga minha com nome de C. S. Ela estava realizando um projeto onde participava lá alguns anos e aí ela me chamou para participar, para conhecer o projeto. Por conta da minha conversa com ela e **da minha insegurança e tudo, de andar de bicicleta sozinha, aí ela me fez o convite e eu aceitei.** [sic]

Conforme podemos perceber nas narrativas, o projeto se desenvolve por meio de duas bicicletas paralelas conectadas a barras de ferro que possibilitam a uma pessoa com deficiência visual guiar sua bicicleta, tendo a companhia – processo educativo Pedivela – de um “Anjo”, conforme se pode observar na figura 13.

Figura 19: Projeto ODKV



Fonte: Revista Atenção (20/01/2020)¹⁹

¹⁹ Disponível em: <https://revistaatencao.com.br/bicicleta-para-cegos-se-torna-realidade-em-volta-redonda/>.

Outrossim, as narrativas de Q.M, N e C nos trazem indícios (GINZBURG, 1989) dos comportamentos que alimentam uma religião, pois, conforme salienta Maffesoli (2011), há no fundamento do estar-junto um aglomerado de sentimentos compartilhados que ultrapassa a mera ordem mecânica. Tal evidência se desvela quando Q.M menciona a oportunidade que a referida tribo urbana proporciona àqueles que não enxergam, readquirindo a oportunidade de acessar novamente a sensação de poder andar de bicicleta.

(...) é preciso lembrar **que o direito se constitui a partir dos costumes**; o instituído não é **nada sem o instintivo**; o poder deve tudo à potência que lhe serve de suporte. Existem momentos em que a **potência subterrânea explicita sua força e sacode tudo no seu caminho** (MAFFESOLI, 2011, p. 16, grifos nossos).

Cabe frisar que a tribo urbana *Bike Anjo* possui outras bicicletas diferenciadas que também operam na perspectiva inclusiva, visto que suas adaptações potencializam o acesso a pessoas que normalmente não teriam a oportunidade de experimentar o deslocamento em duas rodas: *handbike* (bicicleta que pedala com as mãos, para as pessoas cadeirantes); Tander (bicicleta dupla – um atrás do outro); Triciclo (ver figuras 14 e 15) e dobráveis, que permitem que pessoas com deficiência visual, síndrome de Down, TEA (Transtorno do Espectro Autista), com mobilidade reduzida e idosos possam vivenciar a experiência de pedalar com segurança e prazer em espaços específicos da cidade de Volta Redonda.

Figura 20: HandBike



Fonte: Arquivo Bike Anjo

Figura 21: Tander



Fonte: Arquivo Bike Anjo

Figura 22: Bicicleta compartilhada



Fonte: Arquivo Bike Anjo

Outro aspecto que consideramos relevante frisar em relação ao projeto é o caráter educativo possibilitado a todas as *personas* que se deslocam em meio ao movimento proporcionado por essas *bikes* alternativas no cotidiano da cidade. A narrativa de um dos integrantes da tribo urbana revela detalhes das pessoas, como dificuldade na mobilidade em detrimento das suas deficiências:

M: Então, para gente é um aprendizado, é um prazer, nós aprendemos muito mais do que eles cada dia. Para gente é um prazer muito grande poder proporcionar isso para eles porque a gente sabe que o autista, o portador da síndrome de Down e os cegos, eles têm dificuldade de se locomover pela cidade. E o nosso projeto abraça essas pessoas (RODA DE CONVERSA – 31/07/2020). [sic]

Assim, ao considerar o caráter educativo mencionado e a narrativa de M, recordamos o estudo de Troncoso *et al.* (2018) que, ao discutirem os processos educativos do ciclismo urbano na cidade de São Paulo, afirmam a condição do movimento cicloativista como um exercício de participação democrática e de luta pela autonomia das pessoas nos espaços da cidade.

Do mesmo modo, Aline Cavalcante – jornalista de formação – em Troncoso *et al.* (2018), nos adverte para o papel social que pedestres, cadeirantes e ciclistas proporcionam para o processo democrático que deveríamos estabelecer nos deslocamentos urbanos, portanto, no trânsito brasileiro.

Nessa linha de pensamento, Troncoso *et al.* (2018) nos chamam a atenção para a experiência que a *persona* adquire ao estabelecer a mobilidade ativa, pois obtém, a partir do deslocamento e da exposição do próprio corpo no espaço da cidade, a consciência da hostilidade do trânsito, permitindo refletir sobre a velocidade de deslocamento nas vias, riscos de colisão e acidentes fatais.

Figura 23: Projeto Bike Para Todos



Fonte: @bikeanjovr

Trazer para a discussão a questão abordada por Troncoso *et al.* (2018, p. 1016), isto é, a experiência da exposição corporal em meio ao trânsito hostil, se deve por perceber que o projeto aqui mencionado (ODKV) privilegia a interação “entre os indivíduos no ambiente social com o propósito de produzir bens e transmitir valores voltados para a formação pessoal na vida em sociedade”.

Igualmente, gostaríamos de salientar a intervenção política instaurada pela referida tribo urbana. Recordando Maffesoli (2011, p. 47) e sua discussão sobre a transfiguração do político, ressaltamos que, na Antiguidade, havia na própria base da noção de política a responsabilidade social: “(...) mas ocorre que esse escorregar-se se torna vacilante quando os cidadãos não colaboram mais com a cidade. Então é necessário que um grupo particular assegure o bom funcionamento (...)”.

O que buscamos evidenciar é a ruptura que a tribo urbana realiza ao retirar do âmbito desse grupo particular – o político – que pode estar encarnado de diversas maneiras: “(...) divindade qualquer na maior parte do tempo, mas de múltiplos avatares: Estado, Partido, Progresso, Ciência, Moral, Serviço etc. Longa é a lista dos substitutos ou das modulações de Deus” (MAFFESOLI, 2011, p. 30). Assim, percebemos que a tribo urbana assume a “gestão das paixões”, pois é essa condição a arte suprema da política, conforme nos chama a atenção duas *personas* com deficiência que participam do projeto:

R: A experiência foi muito bacana! Eu nunca havia andado na bicicleta dupla, chamada tander. Foi bem legal, uma sensação interessante pois, antes, eu andava em uma bicicleta individual acompanhando a que estivesse na

frente através do som emitido pela catraca (...). São ações que fazem a diferença na vida das pessoas, pois, através desse projeto, pessoas **que não tiveram oportunidade de andar de bicicleta**, podem assim **ter uma noção de como funciona e praticar o ciclismo.** [sic]

T: Hoje sou cadeirante, vim andar de bicicleta logo depois que fiquei cadeirante, graça à Bike Anjo. Eles precisavam de uma pessoa para testar os equipamentos que eles tinham, que é a Hand Bike, e **nesse projeto tive a experiência de estar voltando a andar de bicicleta de novo (...).** Minha experiência de andar de bicicleta na Bike Anjo foi maravilhosa, **pude sentir o vento bater no rosto de novo e a sensação de liberdade.** As ações do projeto ODKV são maravilhosas, **humanistas**, e me agradam muito. Uma porque **é lindo você ver um deficiente visual voltar a andar de bicicleta ou aprender a andar de bicicleta. Graça a esse equipamento e esse projeto.** (Grifos nossos). [sic]

As narrativas apresentadas nos remetem à percepção de que a administração da cidade não precisa permanecer sob o poder de uma pequena parcela do social, “(...) párocos, políticos burocratas”, permitindo ou possibilitando assegurar a privatização da sociedade, garantindo-se sua propriedade. (MAFFESOLI, 2011, p. 54). Pelo contrário, o que nos parece é que a tribo urbana investigada se aproxima do reencontro com os “(...)momentos de efervescência dos excessos esportivos, musicais, ou do lazer programado. Mas se trata aqui de orgias que escapam justamente ao controle do político”, visto que, é isso que qualifica os seres humanos (MAFFESOLI, 2011, p. 41).

7.2 – Projeto *Escola Bike Anjo*

A *Escola Bike Anjo* (EBA) emerge neste estudo como outro projeto da tribo urbana investigada. No município de Volta Redonda, tal projeto se configura como uma oficina de iniciação ao ciclismo.

Na oficina da EBA, os participantes aprendem a pedalar e a realizar pequenos consertos emergenciais de bicicleta. Importante frisar que cada cidade possui autonomia para estabelecer a agenda de atendimento à comunidade. O *Jornal Diário do Vale* nos revela pistas referentes às intervenções da EBA.

Ficamos surpreendidos com a grande adesão por parte da comunidade de Volta Redonda. O projeto da EBA, que não tem fins lucrativos, conta hoje com cinco voluntários, que se revezam ajudando os alunos a dar as primeiras pedaladas, **na recepção dos alunos e na mecânica das bicicletas, com ajuste da bicicleta para o início das aulas** – explicou o engenheiro Vicente Sacramento Junior, de 38 anos, um dos fundadores da Bike Anjo VR (JORNAL DIÁRIO DO VALE 10/03/2016, grifos nossos).

A EBA, por meio da bicicleta, tem como objetivo ensinar as *personas* a pedalar (de crianças a adultos, chegando aos idosos), auxiliando na educação para o trânsito, além de proporcionar ações que interferem na mobilidade urbana, saúde e meio ambiente, para conscientizar a população para a ocupação dos espaços físicos da cidade para múltiplos objetivos: lazer, exercício físico, treinamento, dentre outros, conforme figuras 17, 18, 19, 20 e 21.

Pensando nas ações da referida tribo urbana e na lógica explicitada por Maffesoli (2002), percebemos novamente que o projeto ora mencionado (EBA) opera a partir do ajuntamento, rompendo com a lógica da racionalidade monocultural, isto é, aquela que concebe o Estado como a única forma de intervenção social. Desse modo, nos parece que a *Escola Bike Anjo* também se constitui com um espaço educativo, pois utiliza o ciclismo e a experiência sob duas rodas como um espaço de mediação para desenvolver valores, como os dispostos nas cartas de valores (conforme disposto no capítulo 5), como, por exemplo: mobilidade urbana, meio ambiente, educação no trânsito, dentre outros.

Figura 24: Projeto Escola Bike Anjo



Fonte: @bikeanjvr

Figura 25: Projeto Escola Bike Anjo



Fonte: @bikeanjvr

Figura 26: Projeto Escola Bike Anjo



Fonte: @bikeanjojr

Figura 27: Projeto Escola Bike Anjo



Fonte: @bikeanjojr

Ao pensar o impacto social do referido projeto e o processo de intervenção propiciado pela *Bike Anjo*, somado às adversidades do momento atual – pandemia da SARS-CoV-2 –, é necessário refletirmos sobre a importância de um projeto como esse que opera de modo a educar crianças, pais, responsáveis, *personas* de todas as idades que nunca haviam tido a oportunidade de experimentar o deslocamento em duas rodas.

Tal relevância social se potencializa ao problematizar o aumento no número de ciclistas nos últimos anos. O estudo de Carli (2012, p. 3) salienta que a venda das bicicletas se configurou, no referido espaço/tempo, da seguinte maneira: “(...) 50% como meio de transporte, 32% destinado ao público infantil, 17% como recreação e lazer e 1% como competição”.

Os dados supramencionados nos permitem pensar que o ciclismo está sendo utilizado no cotidiano das cidades de forma mais intensa e significativa, principalmente quando consideramos a mobilidade urbana. Um artigo publicado em 20 de dezembro de 2020, na revista *Veja*, apresenta pistas do modo como o ciclismo se consolida como uma opção de mobilidade em decorrência da pandemia.

O ciclismo foi um dos esportes que **apresentou maior crescimento nesse período de pandemia**. Em São Paulo, por exemplo, o aumento na prática foi de 11%. Já em Minas Gerais, foi de 15%, aponta uma pesquisa da Semexe, marketplace de bicicletas seminovas. Para 89% dos entrevistados, pedalar ao ar livre é mais seguro do que no aparelho da academia, sendo que 50%

deles ainda têm receio de voltar aos treinos indoor. Outros 58% dos respondentes têm interesse em incorporar a bicicleta mais vezes no dia a dia como alternativa de mobilidade²⁰ (grifos nossos).

Outro estudo que nos permite perceber o ciclismo como um transporte que está impactando a mobilidade urbana emerge do estudo de Couto *et al.* (2020), visto que a pesquisa ainda revela o baixo custo e a possibilidade de evitar a aglomeração como aspectos relevantes para tal comportamento.

Nos Estados Unidos, as vendas de bicicletas adultas mais básicas, vendidas a preços inferiores a 200 dólares, duplicaram no mês de abril em comparação com o mesmo mês do ano passado, segundo pesquisa do NPD Group (2020). **No Brasil, a compra de bicicletas também aumentou, tendo sido registrado um aumento de 50%** nas vendas de bicicleta em comparação com o ano anterior, segundo dados da Associação Brasileira do Setor de Bicycletas (COUTO *et al.*, 2020, p. 573).

Ao considerarmos os dados apresentados, fica evidenciada a relevância social do projeto investigado, uma vez que a ausência do poder público com políticas que priorizem a mobilidade urbana ativa deixa a cidade de Volta Redonda com precariedade em ciclovias, se afastando do que dispõe a Política Nacional de Desenvolvimento Urbano (PNDU), que apresenta como um de seus eixos a mobilidade ativa. As narrativas que emergiram durante uma das rodas de conversa realizadas com a *Bike Anjo* nos permitem acessar algumas pistas referentes à importância da *Escola Bike Anjo* e sua relação com a educação de crianças para o trânsito:

F: (...) acho que deveria ter leis mais rígidas, só que não adianta ter só leis, sem ter uma fiscalização adequada, porque a maldição do brasileiro, ele não sabe cumprir normas, nem leis, nem nada, o brasileiro infelizmente é só funciona através de punição. Eu acredito que se tiver uma **fiscalização ativa**, uma **punição de valores altos** para brasileiro sentir no bolso, eu acredito que isso estaria melhorando. [sic]

M: (...) nós gostaríamos que a prefeitura intervisse, que fizesse o plano de mobilidade da cidade incluindo a bicicleta, porque a bicicleta é uma realidade na nossa cidade, mas infelizmente não temos isso (RODA DE CONVERSA – 31/07/2020). [sic]

Fica-nos evidente, a partir da narrativa de “F”, a necessidade de ações educativas que promovam uma mudança no modo como as pessoas agem no trânsito, ao contrário de somente fiscalizar e punir. Tal prática nos encaminha, como diria

²⁰ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/radar/no-ano-da-pandemia-ciclismo-se-consolida-como-opcao-de-mobilidade/>.

Foucault (1997), a uma sociedade controlada, disciplinada, docilizada por diversos dispositivos de controle. De modo contrário, o que a EBA proporciona é um processo educativo intermediado pela experiência em duas rodas que permite à *persona* perceber a necessidade de mudança de atitude, ao assumir a responsabilidade sob um transporte ativo.

Outras narrativas que justificam a relevância das ações do projeto *Escola Bike Anjo* emergiram na roda de conversa realizada com os integrantes da comunidade emocional investigada (*Bike Anjo*):

M: (...) o ciclista às vezes ele não é educado, não sabe usar, o motorista pior ainda, seja do carro, seja caminhão, seja do ônibus, todos eles na sua grande maioria têm uma intolerância com ciclista na via. Mas a via é para ser compartilhada, então, nós sim temos muito problema com trânsito, acidentes, xingamentos, pessoas intolerantes que não aceitam a bicicleta no trânsito e acabam forçando algumas ultrapassagens, tirando a tradicional fina, os motoristas de ônibus fazem isso muito com a gente o que deixa o risco muito grande. [sic]

F: (...) eu vejo muito isso hoje, vejo também além disso bicicletas sem iluminação adequada, bicicleteiros e até mesmo os ciclistas que não fazem sinalização para poder estar fazendo uma convergência de faixa, entrando em curva (RODA DE CONVERSA – 31/07/2020). [sic]

Ao considerarmos as questões apresentadas, o que nos chama a atenção é a ausência do cuidado daqueles que estão no trânsito, o que nos remete a refletir: até que ponto os motoristas entendem que a via pública foi construída para atender a diversos meios de transporte? Pensar na resposta a essa pergunta nos remete a outra questão: os motoristas recebem uma formação – educativa – que os esclareça sobre o respeito aos ciclistas ou simplesmente estudam o Código Brasileiro de Trânsito para realizar a prova e obter o direito a dirigir?

Tais perguntas nos remetem a pensar nas ações do projeto *Escola Bike Anjo* e na experiência sob duas rodas que a comunidade emocional proporciona à sociedade volta-redondense. A experiência aqui é entendida a partir de Larrosa (2002, p. 21): “(...) experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Trazer a referida noção à presente discussão se deve pelo entendimento de que há um processo de intervenção educativo durante o processo de *aprendizagem* *in situ* que se estabelece na EBA, fundamentalmente na relação entre as oficinas do projeto, o “Anjo” (responsável pelo processo de aprendizagem) e o

aprendiz. Desse modo, Larrosa (2002, p. 19) nos permite pensar na importância da experiência na constituição de nossa corporeidade.

Desse modo, a experiência como uma dimensão central no processo de *aprendizagem* *ensino* é concebida como um processo de constituição do ser humano. O que buscamos salientar é que, ao colocarmos a experiência como centralidade do processo educativo, nos aproximamos da noção de corporeidade que se forja a partir na enação (NAJMANOVICH, 2001).

O uso de tal noção – enação – se deve pela contraposição ao conceito moderno de representação, aquele que opera a partir da abstração e da racionalidade visual, portanto, “(...) não parte da suposição de um mundo independente e anterior à experiência” (NAJMANOVICH, 2001, p. 27). De modo contrário, a enação emerge do processo sincrônico da *persona* no mundo, pois considera o contexto social e histórico. As narrativas dos aprendizes da EBA nos trazem evidências da relação com a referida tribo urbana:

LD: A aprendizagem no tempo que participei, **gostaria de destacar valores, como compartilhar, cooperação, ensinar, aprender**. Ser voluntário nos permite **capitar e vivenciar experiências únicas** (Conversa realizada pelo WhatsApp, no dia 28 de maio de 2021, grifos nossos). [sic]

SI: Participar é maravilhoso, você tem a experiência **de lidar com pessoas de várias idades, cada uma com sua dificuldade**. Eu mesmo tive o prazer de **ensinar meu filho no EBA**, e ele saiu pedalando no mesmo dia, a felicidade, o orgulho foi imenso. **E cada evento era pessoas que chegavam com um sonho de sair dali pedalando e com muito esforço muita vontade**, as pessoas saíam realmente pedalando. Um grupo forte que se dedicam para isso acontecer e que estão buscando sempre novidades. Como pedal para deficientes visuais, um show ver esse pessoal gostando do pedal e para mim é um prazer imenso participar de tudo isso (Conversa realizada pelo WhatsApp, no dia 28 de maio de 2021, grifos nossos). [sic]

Partindo das noções de experiência e de enação, nos parece que as oficinas da EBA funcionam em interação com o mundo, ou seja, um mundo “enatuado” (NAJMANOVICH, 2001, p. 26): “um mundo co-criado em nossa interação com o ambiente. Um mundo que convocamos a ser em nossa experiência interativa com o que está fora, mas não separado de nós”.

Outro aspecto relevante a frisar e que está insinuado na narrativa de SI diz respeito às maneiras de *usar* *fazer* (CERTEAU, 2014) da referida comunidade emocional, como salienta Duran (2007, p. 116), ao discutir as pesquisas do cotidiano, o que nos interessa são as questões da vida lábil: “(...) as conversas, as expressões

faciais, os gestos, ligados ao contexto em que ocorrem nos instantes da vida diária das pessoas”.

O que salientamos é o modo como a referida tribo, no cotidiano de suas ações educativas, se articula ampliando o número de pessoas que dela se aproximam. Para Certeau (2014), os sujeitos ordinários possuem a capacidade de deslocar sua atenção do consumo, que as pessoas acreditam ser passivo, porque são produtos recebidos, para a reinventá-los a partir de uma criação singular, nascida das práticas, do desvio no uso desses produtos.

Portanto, SI nos sinaliza esse *modus operandi*, ao nos trazer pistas (GINZBURG, 1989) das suas experiências adquiridas com múltiplas *personas*: **“pessoas de várias idades, cada uma com sua dificuldade. Eu mesmo tive o prazer de ensinar meu filho no EBA”**. Simultaneamente, elas nos sinalizam, indiciariamente, a sua passagem de aprendiz para membro do *Bike Anjo*, ao mencionar o ensinamento que concedeu ao próprio filho.

O que buscamos desvelar, ao modo de Pais (2003) – retirar o véu –, é o processo educativo estabelecido no cotidiano das oficinas da EBA, por intermédio do que optamos por chamar de Pedagogia Pedivela (ver figura 22). Tal noção emerge no/do cotidiano da própria tribo urbana que atua de modo articulado, decidindo coletivamente as práticas e os projetos desenvolvidos nos espaços da referida organização.

Figura 28: Articulação Pedivela



Fonte: Site oficial Bike Anjo: www.bikeanjo.org/about/sobre-nos/.

Ao optarmos pela referida denominação – PediVela – porque buscamos dois aspectos relevantes: o primeiro, que emerge do processo educativo que se estabelece nas oficinas da EBA, e que se configura a partir da singularidade e dos valores que a referida tribo urbana opera (ver capítulo 5): leveza, respeito à diversidade, horizontalidade, consenso com bom senso, apartidarismo e leveza política, comprometimento, humildade; o segundo, a autodenominação do próprio coletivo: Articulação PediVela, conforme nos revela a figura 22.

Para finalizar, gostaríamos de frisar que nos parece haver um enredamento dos aspectos mencionados nos documentos da tribo urbana *Bike Anjo*, especificamente os valores apresentados no desenvolvimento do estudo e as práticas desenvolvidas nas oficinas da *Escola Bike Anjo*, que, em nossa percepção, potencializa a socialidade. Para Maffesoli (2000), a socialidade expressa a capacidade de aglutinação do fazer/sentir-em-comum, pois é aquilo que nos encaminha em direção ao outro: “essa moldura de solidariedade, de pertencimento e comunidade, expõe uma forma, uma estética da existência social na contemporaneidade” (DA SILVA GIOSEFFI, 1997, p. 1).

9. PRODUTO EDUCACIONAL

8.1 APRESENTAÇÃO

A presente proposta de material educativo, no formato de vídeo, busca como referência o trabalho de dissertação intitulado *Socialidade, Tribos Urbanas e o Cotidiano dos(as) Ciclistas de Volta Redonda*, desenvolvido a partir das ações educativas da comunidade emocional *Bike Anjo*, do município de Volta Redonda.

Desse modo, este produto educacional pretende contribuir com o referido ajuntamento social, ao potencializar o uso do ciclismo junto à faixa etária das *personas* que estão no Anos Iniciais do Ensino Fundamental (seis a dez anos).

Tal preocupação emerge do fato de que o trânsito brasileiro apresenta uma série de problemas de segurança, ocasionando diversos acidentes envolvendo crianças. Para Guerrero, Campos e Lollo (2013, p. 2), no Brasil, no ano de 2010, diversas crianças perderam a vida vítimas de acidentes no trânsito: “(...) ao considerar as mortes por causa externa, o traumatismo causado por acidentes de trânsito foi a segunda causa que mais matou crianças de 0-4 anos e a primeira causa entre crianças de 5-14 anos”.

Nessa linha de pensamento, ressaltamos também a aproximação à perspectiva que opera a partir da mobilidade ativa sustentável por bicicleta, um movimento que estabelece relação com o movimento social cicloativista, isto é, “comprometido com o design do ambiente urbano voltado a favorecer melhores condições de vida coletiva” (TRONCOSO; TORO-AREVALO; PUTTINI, 2019, p. 129).

Desse modo, a referida produção se torna relevante por se aproximar do apelo mundial por uma transformação da concepção de mobilidade urbana, que atualmente, tem sido potencializada pela participação social no debate público e nas intervenções no social, como, por exemplo: “(...) as ações da rede de ciclistas *Bike Anjo* promotora do ciclismo urbano para iniciantes e que, junto às associações locais (...), além de inúmeras outras organizações que promovem a bicicultura no Brasil” (TRONCOSO; TORO-AREVALO; PUTTINI, 2019, p. 130).

Outrossim, a proposição que se faz presente também nos aproxima do *Programa Bicicleta Brasil* (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2007), pois, ao se colocar ao lado do movimento cicloativista, concorda com a necessidade de perceber a dimensão do “uso da bicicleta como meio de transporte integrado às redes de mobilidade, cujo planejamento deve considerar os aspectos locais e regionais” (PROGRAMA BRASILEIRO DE MOBILIDADE POR BICICLETA, 2007, p. 25). Da mesma maneira, se articula com a Política Nacional de Mobilidade Urbana, visto que, conforme disposto na Lei 12.587/2012, incentiva a integração multimodal em que seriam disponibilizadas estratégias para criar um novo futuro para nossas cidades, e o ciclismo, em nossa percepção, poderia ser um dos transportes utilizados.

E de que maneira poderíamos propor a disseminação deste produto educativo, de modo que ele conseguisse afetar um maior número de *personas* preocupadas com a questão da mobilidade urbana, a poluição oriunda do combustível à base de petróleo e a violência no trânsito?

Para Maffesoli (2001), a “(...) internet é uma tecnologia da interatividade que alimenta e é alimentada por imaginários” e, desse modo, poderia promover significativo “afreiramento”²¹, isto é, “(...) reconhecer que além de uma subjetividade mestre dela mesma e de seus atos, existe alguma coisa mais profunda, que permite compreender, além dos egoísmos, a perenidade do laço social” (MAFFESOLI, 2012, p. 8).

Nessa linha de pensamento, frisamos a relevância do produto educacional ora proposto e da potência da Pedagogia Pedivela, no intuito de ampliar as redes de solidariedade da tribo urbana *Bike Anjo*. Para Maffesoli (2012, p. 11),

(...) no encontro de uma visão “economicista”, aquela do individualismo, do subjetivismo, do idealismo, que estava em questão, o prazer de ser só pode ser coletivo. Está em sua estrutura proceder **por contaminação. Epidemia que as redes de Internet, os sites comunitários, trabalham para consolidar**. O desenvolvimento do festivo ou do lúdico é testemunha. Não há nada de individual nestas áreas. A excitação e a histeria são comunitárias (grifos nossos).

²¹ Afreiramento: “(...) Através dele, exprime-se a ‘filadelfia’ ou mesmo a ‘filantropia’. Na língua da minha região, o languedociano, dizemos, para fraternizar, ‘se afreirar’. Frédéric Mistral (Moun espelido: memori e raconte, 1906) utilizou a seu prazer este termo tão cantado para exprimir, justamente, o laço profundo e afetuoso que nos liga às raízes e àqueles que comunham através delas” (MAFFESOLI, 2012, p. 7).

Portanto, ao considerarmos o momento atual, no qual a pandemia da covid-19 nos exige um isolamento social, fica mais uma vez evidente a potência do produto aqui mencionado e da internet como forma de fazer brotar o afreiramento, do estar junto, nos remetendo a perceber que, “(...) mutualidade e a cooperação lembram que o viver-junto antropológico baseia-se na complementaridade de uns e de outros, de uns para outros” (MAFFESOLI, 2012, p. 13).

8. 2 PÚBLICO-ALVO

O público-alvo a que se destina o presente PE diz respeito, privilegiadamente, a pessoas que frequentam a *Escola Bike Anjo*. Tal espaço se configura como uma oficina para pessoas que ainda não sabem pedalar ou precisam recordar a sensação de andar sob duas rodas.

Ressaltamos que o roteiro da história que compõe o PE foi elaborado com referência às crianças entre seis (6) e dez (dez) anos, visto ser essa a faixa etária de maior procura pelas oficinas e, em decorrência, pela característica de letramento que a configura, ou seja, é a faixa de idade que desenvolve as capacidades que conduzem as crianças ao aprendizado da leitura e da escrita.

8.3 LINK PARA ACESSO AO PRODUTO EDUCACIONAL

É uma grande tendência a digitalização de conteúdos que eram exclusivamente físicos. Com o surgimento do PDF e a internet para propagar tais conteúdos, os celulares tornaram-se canais para visualização de multimídias, transformando-se em um ambiente que potencializa o acesso dos referidos materiais.

Especificamente em relação ao presente PE, as crianças poderão, por meio do *link*, acessar o conteúdo em qualquer hora e local, pois foi criada uma página de *blog* que permite aos usuários a constituição de comentários. Entretanto, para que o leitor tenha acesso ao material, deverá se cadastrar, facilitando a mensuração do engajamento.

Para facilitar a leitura, optamos pela criação de uma página específica para a história, permitindo ao usuário clicar no quadrinho para fazer comentários. A intenção

é dinamizar as interações com as crianças e, a partir delas, fazer ajustes na história, considerando a percepção do público-alvo.

Para aqueles que desejam ver a HQ, mesmo estando *off-line*, criamos um espaço que permite o *download* em PDF e, assim, a criança poderá obter a HQs e guardá-la em seu aparelho, para ler a qualquer momento.

Sabemos das contradições econômicas que assolam um país continental como o Brasil, acarretando inúmeras dificuldades em relação ao acesso às novas tecnologias digitais: acesso à internet e às plataformas digitais, ausência de celular e/ou computador, ausência de espaços em suas residências favoráveis ao estudo, dentre outros (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020). Nessa linha de pensamento, ressaltamos que o presente PE poderá ser impresso para ser utilizado na intenção de atender às especificidades locais.

Link de acesso a página da *web*: <https://xn--bikedeaoy0a.com.br/> outra forma de acesso a página é o QR Code (figura 29), ou código QR, é a sigla de “*Quick Response*” que tem o significado de resposta rápida. Esse QR é utilizado para armazenar URLs (*links*) que são direcionadas para um *site*, *hotsite*, vídeos etc.

Outro fator importante dessa ferramenta é que ela pode ser facilmente escaneada por qualquer celular moderno, através de aplicativos específicos que têm a capacidade de ler o *link* e direcionar ao local, além das câmeras dos aparelhos celulares.

Poderá ser um código visual ou físico, com possibilidades de ser lido de forma digital, estando em um dispositivo eletrônico ou quando impresso em algum lugar. Dessa forma, trata-se de uma ferramenta acessível e de fácil uso. De forma geral, os QR são usados para fornecer mais informações e/ou conteúdo para aqueles que o utilizam, permitindo o armazenamento de diversos tipos de dados.

Figura 29: QR Code

**Use o leitor de
QR CODE
do seu celular
para acesso**



Fonte: Produto Educacional

8.4 Aplicação/Validação do Produto

A ação foi desenvolvida na Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL), no município de Volta Redonda. As atividades foram desenvolvidas no Ginásio Poliesportivo Francisco Gomes do Nascimento, no bairro da São Geraldo, com crianças entre a faixa etária de 6 a 13 anos.

O processo de aplicação e validação desenvolveu-se a partir de dois encontros distintos: o primeiro que objetivou a apresentação e reformulação da HQ, onde foi possível aos (as) participantes interferir no material por intermédio de suas impressões; o segundo momento se constituiu apenas como um espaço de interação dos (as) participantes com a HQ.

Especificamente, o primeiro encontro, que foi realizado dia 16 de março de 2022, se desenvolveu com a explicação da pesquisa que originou o PE e a relevância da referida HQ para a mobilidade ativa e educação socioambiental; posteriormente foi apresentado a HQ digital e, por meio da roda de conversa, foi solicitado que as crianças apresentassem em forma de desenho ou texto (figura 30), as seguintes informações: a) experiência com bicicleta; b) importância da bicicleta; c) e como aprendeu a andar. Outra informação solicitada aos (as) participantes foi as impressões referentes ao material.

Cabe salientar que utilizamos a roda de conversa na perspectiva freireana, visto que potencializa o diálogo entre os participantes, entretanto, também foi concebida como um espaço de produção de sentidos e de conhecimentos em redes (OLIVEIRA, 2012). Após esse processo de avaliação, a HQ foi reformulada.

Figura 30: Desenhos e produção textual a partir do PE



Fonte: Autoria própria

Figura 31: Desenhos e produção textual a partir do PE



Fonte: Fonte: Autoria Própria

Figura 32: Desenhos e produção textual a partir do PE



Fonte: Autoria Própria

Figura 33: Desenhos e produção textual a partir do PE

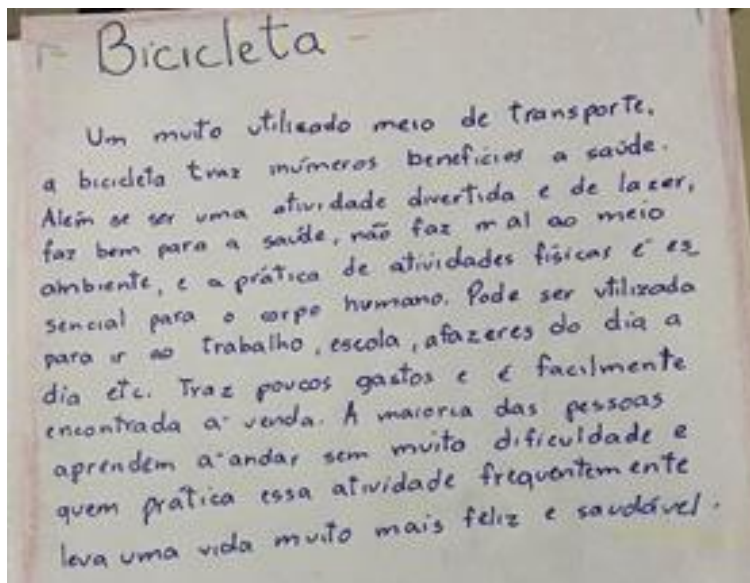


Fonte: Autoria Própria

No segundo encontro, dia 18 de março de 2022, foi solicitado que a turma realizasse a leitura da HQ e, posteriormente, produzissem uma elaboração textual

sobre o conteúdo aprendido com a HQ. A Figura 34 apresenta pistas (GINZBURG, 1989) da aprendizagem de um(a) dos(as) participantes:

Figura 34: O que aprendeu com HQ



Fonte: Autoria Própria

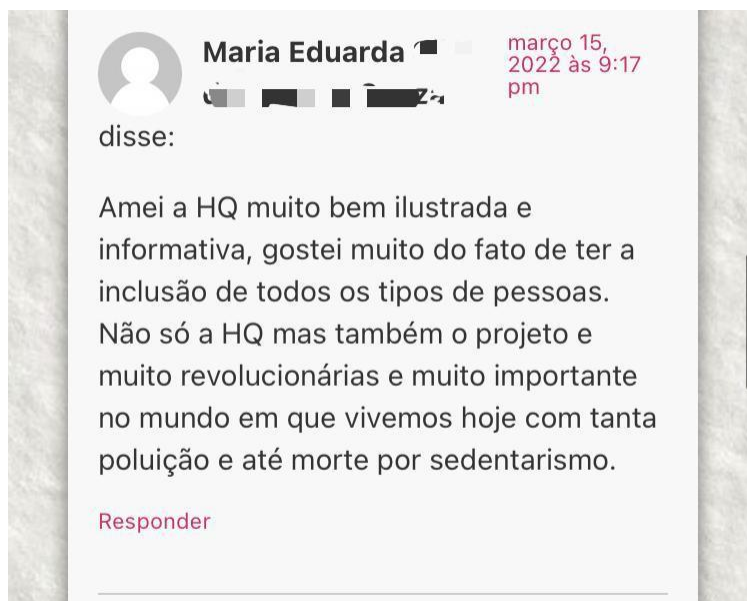
Fica explícito na produção textual supramencionada três questões centrais que dialogam com o aprendizado obtido na HQ: lazer, saúde e meio ambiente.

No que diz respeito ao ciclismo, Troncoso (2018, p. 1020) considera que o uso da bicicleta “faz bem à saúde individual e coletiva. Com efeito, o uso particular que fazemos da bicicleta na cidade é uma condição de participação da pessoa como cidadã, no seu direito de ir e vir com segurança”.

Nesta linha de pensamento, se considerarmos o disposto pela Organização Mundial de Saúde (2020), a mobilidade ativa poderia contribuir para que as pessoas pudessem realizar a indicação mínima semanal (de 150 a 300 minutos de atividade física), no intuito de combater o sedentarismo e as doenças cardiovasculares.

Para finalizar, gostaríamos de trazer outro indício que nos permite inferir sobre a importância do produto educacional, um comentário no site oficial da referida HQ:

Figura 35: Comentário a respeito da HQ no site do PE



Fonte: Imagem do site

Do mesmo modo que a narrativa anteriormente mencionada, este comentário revela o caráter inclusivo do trabalho realizado pela comunidade emocional investigada (Bike Anjo) e, simultaneamente, a necessidade de intervenção no âmbito socioambiental. Para Tagliari e Pawlowsky (2021, p. 2) o transporte ativo possibilita a aproximação com a lógica do desenvolvimento sustentável, pois “utiliza o próprio corpo humano como propulsão, realizando a atividade física, contribuindo assim para a saúde humana, e não emitindo gases poluentes, favorecendo o meio ambiente”.

10. CONSIDERAÇÕES

Esse trabalho pretendeu entender a Socialidade e Tribos Urbanas do cotidiano de ciclistas de Volta Redonda. Para o aumento de publicações das temáticas, assim como, o impacto social que o grupo Bike Anjo (BA) desenvolve e a potência desse movimento para as conquistas das demandas sociais.

A partir do quadro teórico que se constituiu a partir de Michel Maffesoli que trabalha a comunidade emocional no ajustamento social a partir de múltiplas formas.

Percebemos que, para se atingir uma compreensão das práticas culturais, definiu-se três objetivos específicos. O primeiro mapear as especificidades dos grupos, verificou-se que a maior parte dos grupos se encontra na área de lazer e esporte, onde a preocupação central está voltada para a locomoção, uso da bike, passeios, prática de atividades física e exercícios físicos.

Diferente do BA que a intenção é ensinar as pessoas a andar de bike, educar para o trânsito e a proposição de projetos, como esse, que opera de modo a educar crianças, pais, outros, dando a oportunidade de experimentar o deslocamento em duas rodas.

Depois, investigar os objetivos dos grupos e as práticas educativa desenvolvidos no cotidiano da cidade. Essa análise permitiu o mergulho nas práticas culturais e vimos que a sociedade a nível dos indivíduos e ao mesmo tempo, como o social se traduz na vida deles.

Percebemos que o autor, nos permite problematizar as transformações sociais características da sociedade pós-moderna, onde apresentamos uma discussão teórica que relaciona a noção de socialidade e ambiência emocional.

Portanto, a tecnologia se constitui como um dos aspectos na transfiguração no vínculo social.

Assim, apesar de haver no município de Volta Redonda outros grupos que atuam na perspectiva da comunidade emocional, a tribo BA se destaca pelos projetos de inserção social, que atua coletivamente com a carta de valores que direcionam suas ações na sociedade.

Portanto, os projetos sociais desenvolvidos pela tribo investigada, contribui para a disseminação de valores, vinculados a mobilidade ativa, de modo a contribuir com a educação no trânsito, a mobilidade urbana e as questões socioambientais.

Dessa forma, a HQ vai permitir a abordagem de conteúdos de modo divertido, com esquemas e linguagens que podem complementar o ensino aprendizagem das crianças, assim como, a prática do ciclismo, da ação corporal realizadas sobre rodas.

Dessa maneira, foi possível articular a ideia de que os espaços formativos ultrapassam os muros da escola, tendo em vista que os movimentos sociais são espaços formativos em potencial.

Para terminar, percebemos que os alunos durante a atividade preferem desenhar do que escrever, mostrando a dificuldade na construção da escrita nessa faixa etária. Porém, a HQ ajuda nesses hábitos de leitura e compreensão das ideias. É uma ferramenta que possibilita a interação entre as disciplinas, e faz com que o aluno adquira conhecimentos presentes no cotidiano, explorando formas de linguagem, ajudando na leitura e escrita.

A visibilização das tribos urbanas que utilizam o ciclismo como modos de *fazer pensar* o mundo e as respectivas *políticas práticas* presentes neste trabalho não possuem a pretensão ou a perspectiva de se caracterizar como uma maneira única a possibilidade de se desenvolver a experiência sobre rodas, mas um exercício de compreensão e reflexão sobre o modo como essas *personas* se utilizam da *bike* para experienciar o mundo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Victor Hugo Souza de.; TURINI, Larissa Rodrigues. O Transporte Ativo no combate à disseminação do Covid-19. **34º Congresso de Pesquisa e Ensino em Transporte da ANPET**, 2020.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In OLIVEIRA, INês Barbosa; ALVES, Nilda (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis, RJ: DP&A, 2008.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Revista Teias**, v. 4, n. 7, p. 8, 2003.

ARAUJO, José William C. **A noção de consciência moral em Bernhard Haring e sua contribuição à atual crise de valores** (Tese de doutorado – Departamento de Teologia – PUC-Rio), Rio de Janeiro 2007 – inédita.

ARROYO, Miguel G. A educação básica e o movimento social do campo. In M. G. Arroyo, R. S. Caldart, M. C. Molina (orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ARROYO, Miguel G. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos movimentos sociais. **Currículo sem fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 28-49, 2003.

BARROS, Eduardo Portanova; FONSECA, Antônio César Santos. Lash, Hall, Maffesoli: as forças ativas do desejo e a comunicação. **Comun. & Inf.**, Goiânia, GO, v. 21, n. 2, p. 32-50, jun./set. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. 1. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Zahar, 2003.

BECKER, Howard S. **Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF. 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 12 out. 2019.

CANÇADO, Airton Cardoso. Gestão social: um debate para a construção do campo. **NAU – A Revista da Residência Social**, Salvador, v. 4, n. 6, p. 191-209, maio-out. 2013.

CARITA, Renato Aparecido Corrêa; GRECO, Camila Coelho; PESSOA FILHO, Dalton Müller. Cinética do VO₂ durante o exercício realizado na potência crítica em ciclistas e indivíduos não-treinados no ciclismo. **Motriz: rev. educ. fis.**, Rio Claro, v. 19, n. 2, p. 412-422, June 2013.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAVES, Iduína Mont'Alverne Braun. O professor e a violência nas escolas: entre o poder e a potência. **Revista Portuguesa de Investigação Educacional**, vol. 12, 2012, pp. 219-234.

COLOMBO GONÇALVES, Davi. **Histórias em quadrinhos como recurso didático para o ensino de física na educação de jovens e adultos**. 2016. Dissertação de Mestrado.

COUTO, Cecília de Freitas Vieira et al. A Pandemia da COVID-19 e os impactos para a mobilidade urbana. **34º Congresso de Pesquisa e Ensino em Transporte da ANPET**, 2020.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 3 fev. 2021.

DA SILVA GIOSEFFI, Maria Cristina. Michel Maffesoli, estilística... imagens... comunicação e sociedade. **Logos**, v. 4, n. 1, p. 48-53, 1997.

DA SILVA, Dayana Melo. A ecosofia de Michel Maffesoli e suas implicações tecnocomunicacionais. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 2, p. 70-88, 2019.

DA SILVA, Juremir Machado. Michel Maffesoli: por uma política da transfiguração. **Revista FAMECOS**, v. 6, n. 10, p. 17-23, 1999.

DE ALMEIDA, Mariana Leite; WEYMAR, Lúcia Bergamaschi Costa. Processos de identificação nas Sociedades Virtuais. **XV Encontro de Pós-Graduação da UFPel - ENPOS**, UFPel, 2013.

DE MELO, Marcia Cristina Henares; DE CARVALHO CRUZ, Gilmar. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

DIEFENTHAELER, Fernando; VAZ, Marco Aurelio. Aspectos relacionados à fadiga durante o ciclismo: uma abordagem biomecânica. **Revista brasileira de medicina do esporte. São Paulo. Vol. 14, n. 5 (set./out. 2008), p. 472-477, 2008.**

DURAN, Marília Claret Geraes. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007.

FERNANDES, Cristiana de Almeida. **HQS: histórias que aproximam**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2018.

FRANCO, Edgar Silveira. **HQtrônicas: do suporte papel à rede internet**. 2. ed. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.

FRANCO, Edgar. HQ EXPANDIDA: DAS HQTRÔNICAS AOS PLUG-INS DE NEOCORTEX. **Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia**. Brasília: UnB, p. 457-465, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GIDDENS, Antony. **As consequências da Modernidade**. Tradução de Raul Fiker, - São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Isabelle Sena; DE OLIVEIRA CAMINHA, Iraquitan. Atitude blasé e inteligência: uma breve descrição do habitat do metropolitano. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, v. 11, n. 4, p. 147-158, 2013.

GUNTHER, H. Ambiente, psicologia e trânsito: reflexões sobre uma integração necessária. Em: M. H. Hoffmann, R. M. Cruz & J.C. Alchieri (Eds.). **Comportamento humano e trânsito**. (pp.49-57). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

HENRIQUES, Sandra. Novas tecnologias móveis: aspectos sobre o leitor e as redes sociais na Pós-modernidade. **INTERCOM SUL Perspectivas da Pesquisa em Comunicação Digital**. São Paulo: INTERCOM, p. 111-140, 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Consulta Cidades. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em: 23 abr. 2019.

LALANDA, Piedade. Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. **Análise social**, p. 871-883, 1998. Disponível em: http://nc-moodle.fgv.br/cursos/centro_rec/docs/sobre_metodologia_qualitativa_pesquisa.pdf. Acesso em: 21 out. 2019.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, Michel. **A república dos bons sentimentos**: documento. São Paulo: Iluminura/Itaú Cultural, 2009.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Famecos**, Porto Alegre, n.20, p.13-20, abr. 2003.

MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, Michel. A terra fértil do cotidiano. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, núm. 36, agosto, 2008, pp. 5-9. Disponível em: <file:///C:/Users/marce/Desktop/Maffesoli/Maffesoli%20e%20Poe.pdf>.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MAFFESOLI, Michel. Arcaísmo, cibercultura e reencantamento do mundo: as dobras do cotidiano tecnológico. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 21, n. 2, p. 4–18, 2018. DOI: 10.5216/ci.v21i2.54305. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/54305>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade**. O lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004a.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. Compêndio de Sociologia Compreensiva. São Paulo: Brasiliense; 1988.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

MAFFESOLI, Michel. Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social. **Revista Famecos**, v. 11, n. 23, p. 23-29, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.

MAFFESOLI, Michel; ICLE, Gilberto. Pesquisa como Conhecimento Compartilhado: uma entrevista com Michel Maffesoli. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 521-532, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/20637/12917>. Acesso em: 23 out. 2019.

MAGAGNIN, Renata Cardoso. Cidades Sustentáveis: O planejamento da infraestrutura urbana para a circulação de ciclistas. **Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo: Contexto Contemporâneo e Desafios**, v. 1, p. 23-36, 2011.

MAIA, João. Michel Maffesoli e a construção de uma nova ética. **Logos**, v. 4, n. 1, p. 41-44, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A comunicação na educação. **São Paulo: Contexto**, p. 7-42, 2014.

MASSAROLO, João Carlos. Storytelling transmídia: narrativa para múltiplas plataformas. **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, v. 1, n. 2, 2013.

MELO, Victor Andrade de; SCHETINO, André. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol.17, n.1, p.111-134, jan./abr. 2009.

MENDO, Anselmo Gimenez. **História em quadrinhos: impresso vs. Web**. Editora Unesp, 2008.

MEURER, Ane Carine; DE DAVID, Cesar. O projeto político-pedagógico dos movimentos sociais: o que a educação formal tem para aprender com eles?. **Educação** (UFSM), v. 37, n. 3, p. 509-521, 2012.

MOCELLIM, Alan. Simmel e Bauman: modernidade e individualização. **Em Tese**, v.4, n. 1, p. 101-118, 2007.

NETO, Carlos Dreyer et al. Desenvolvimento de uma plataforma de força em pedal de ciclismo. **Revista Brasileira de Biomecânica**, v. 2, n. 3, p. 39-44, 2001.

NÓBREGA, Juliana Fernandes da *et al.* Um olhar sensível às tribos pós-modernas: cuidando da saúde dos adolescentes no cotidiano. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 34, n. 3, p. 201-205, 2013.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como Criação Cotidiana**. [S. /]: MAUAD, 2012.

OLIVEIRA, V. F. Imaginário, cotidiano e educação: por uma ética do instante. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 48, p.18-31, maio/ago. 2014.

PAIS, José Machado. Grupos e Afiliações Sociais. **Revista Teias**. v. 12, n. 26, pp. 247-286, set./dez, 2011.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003a.

PAIS, José Machado; LACERDA, Miriam Pires Corrêa; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel Oliveira. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação – uma entrevista com José Machado Pais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 301-313, abr./jun. 2017.

PAIVA, Cláudio Cardoso. Michel Maffesoli, tribalista de cátedra: interfaces sociais no campo da comunicação. **Revista Famecos**, v. 11, n. 25, p. 29-39, 2004.

PALHARES, Marjory Cristiane. História em quadrinhos: uma ferramenta pedagógica para o ensino de história. **Dia a Dia Educação-Governo do Paraná**, p. 1-20, 2008.

PEREIRA, Daniel Carvalho. **O impacto da demanda física e cognitiva sobre o controle cognitivo e sua relação com o desempenho físico em praticantes de ciclismo**. 2019. 76f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

PEREIRA, Giovanna Souza. **Liderando com humildade: um estudo sobre o impacto da humildade do líder no desempenho e na cidadania dos liderados**. 2016. Tese de Doutorado.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

RIBEIRO, José Adauto; BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt. Comprometimento e justiça organizacional: um estudo de suas relações com recompensas assimétricas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 4-21, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. A gramática do tempo. Para uma nova cultura política vol. 4. 2006.

SILVA, Marli Appel da; GUARESCHI, Pedrinho Arcides; WENDT, Guilherme Welter. Existe sujeito em Michel Maffesoli? **Psicologia USP**, v. 21, n. 2, p. 439-455, 2010.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 11-25.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold (orgs.) **Simmel e a Modernidade**. Brasília: Unb, 1998. p.23-40.

SIMMEL, George. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio G (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

SOARES, Ismar de Oliveira. Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação (Editora Paulinas). **Comunicação & Educação**. São Paulo, nº2, jul/dez. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/81225>. Acesso em 09 de set. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. **Comunicação & educação**, v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar. de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 23, p. 16-25, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>. Acesso em: 25 jul. 2020.

TAMAYO, Álvaro. Valores organizacionais e comprometimento afetivo. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 6, n. 3, p. 192-213, 2005.

TAVARES, Fábio Lúcio et al. Ciclismo e saúde: as matérias sobre bicicleta veiculadas em um jornal de grande circulação no Espírito Santo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, v. 20, n. 2, p. 88-97, 2018.

TEIXEIRA, Kelly Silva; FIGUEIRÓ, Ronaldo; NASCIMENTO, Milena de Sousa; PARAISO ALVES, Marcelo. **Socialidade, Tribos Urbanas e o cotidiano dos(as) ciclistas de Volta Redonda**. Colóquio técnico-científico do UniFOA. In: *XIII Colóquio Técnico-Científico do Unifoa*, 2019, Volta Redonda, *Resumos: Humanas e Sociais Aplicadas, Ensino e Metodologias Ativas*. Volta Redonda: Centro Universitário de Volta Redonda – FOA, out. 2019.

TEJERA, Marta HD; HAUSSEN, Dóris Fagundes. Apontamentos sobre Georg Simmel: influências nos pressupostos da Sociologia Compreensiva e aplicabilidade no estudo das tecnologias da comunicação. **IV Mostra de Pesquisa da Pós- Graduação–PUCRS**, p. 359, 2009.

TRONCOSO, Leandro Dri Manfiolete; ARÉVALO, Sergio Toro; PUTTINI, Rodolfo Franco. A perspectiva do ciclismo urbano como sentido político em São Paulo, Brasil: experiências laborais na promoção da bicicultura. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación**, n. 36, p. 129-137, 2019.

TRONCOSO, Leandro Dri Manfiolete; PUTTINI, Franco, GONÇALVES JUNIOR, Luiz, TORO-ARÉVALO, Sérgio Alejandro. Ciclismo urbano como direito humano à mobilidade ativa na cidade de São Paulo. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 24, n. 3, p. 1015-1028, 2018.

VALENÇA, Marcelo M.; TOSTES, Ana Paula Balthazar. O Storytelling como ferramenta de aprendizado ativo. **Carta Internacional**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/917>. Acesso em: 25 jun. 2020.

VEJA. Pandemia aumenta demanda por bicicletas e ciclofaixas. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/pandemia-aumenta-demanda-por-bicicletas-e-ciclofaixas/>. Acesso em: 6 dez. 2020.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em Quadrinhos: Adaptações Literárias. **9ª Arte (São Paulo)**, v. 3, n. 2, p. 78-78, 2014.

ZACARIOTTI, Marluce Evangelista Carvalho. **(In)Visibilidades das Juventudes Pós-modernas: trilhas estéticas na cibercultura**. 2015. 155 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2015.

ZANANDREZ, Angelina. Rede Social Digital como ferramenta para mobilização social: um estudo sobre a Rede “Amigos do Baleia”. **Revista Três Pontos**, 2013.

ANEXOS

Anexo 1 – Produto de Ensino: História em Quadrinhos (Bike de Aço em Mobilidade Ativa: Uma história para mudar a nossa vida)













OH, SE ESTÃO GOSTANDO NÃO ESQUEÇA DEIXAR SEU LIKE E COMENTÁRIO AFINAL, PEDALAR É MANEIRAÇO!

AGORA VAMOS CONHECER, ALGUNS DIREITOS E DEVERES DOS CICLISTAS:

- APENAS OS CICLISTAS PODEM ULTRAPASSAR OS CARROS PARADOS EM FILAS NO TRÂNSITO PARA ESPERAR O SEMÁFORO.
- OS VEÍCULOS QUE PASSAREM OU ULTRAPASSAREM UMA BICICLETA DEVEM MANTER UMA DISTÂNCIA DE 1,50M.
- A BICICLETA TEM PRIORIDADE SOBRE VEÍCULOS MAIORES, ASSIM COMO, TEM RESPONSABILIDADE COM OS PEDESTRES.
- NÃO É PERMITIDO A CIRCULAÇÃO MONTADO NAS BICICLETAS NAS CALÇADAS SEM PERMISSÕES DAS AUTORIDADES, CASO CONTRÁRIO DEVERÁ CIRCULAR EMPURRANDO-A.
- A BICICLETA DEVE RESPEITAR OS SEMÁFOROS, ASSIM COMO, OS OUTROS VEÍCULOS. E AO ATRAVESSAR A PISTA DE PEDESTRE O CICLISTA DEVE DESÇER E CAMINHAR ATÉ O OUTRO LADO.
- IMPORTANTE: ASSIM COMO OS OUTROS VEÍCULOS, A BICICLETA TAMBÉM NECESSITA DE MANUTENÇÃO EM DIA E COM TODOS OS ACESSÓRIOS NECESSÁRIOS.

GENTE GRANDE SEMPRE ESQUECE QUE NÃO PODE COLOCAR O CARRO NA CALÇADA!!!


VERDADE, E ELES DIRIGEM MEXENDO NO CELULAR. OLHA QUE PERIGO!!!

ACHO QUE A GENTE PRECISA LEMBRAR ELES A RESPEITAR AS LEIS DE TRÂNSITO NÉ?

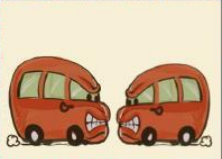





ISSO MESMO!!!

CÓDIGO DE TRÂNSITO

VOCE SABIA?



- QUE AS PIORES ATITUDES TOMADAS NO TRÂNSITO SÃO AQUELAS QUE TÊM COMO BASE O INDIVIDUALISMO. MAS DIRIGIR É INDIVIDUAL OU EM GRUPO (COLETIVAMENTE)?
- POR CONTA DO ISOLAMENTO SOCIAL (PANDEMIA COVID-19) E AS ATIVIDADES EM HOME OFFICE HOUVE UMA MELHORAR SIGNIFICATIVA NO TRÂNSITO:
- O LEVANTAMENTO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO SETOR DE BICICLETAS, AS VENDAS NO SEGMENTO AUMENTARAM. UM CRESCIMENTO MÉDIO DE 50% FRENTE A 2019.
- A BICICLETA NOS ÚLTIMOS ANOS TEM SIDO A MELHOR FORMA DE ATIVIDADE FÍSICA:
- AFWÁ É O ÚNICO MUNICÍPIO BRASILEIRO ONDE CARROS E MOTOS SÃO PROIBIDOS EM TODA SUA EXTENSÃO.
- SEGUNDO O INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA), OS BRASILEIROS TÊM MAIS BICICLETAS DO QUE CARROS, COM 90 MILHÕES DE BIKES E 41 MILHÕES DE CARROS APROXIMADAMENTE.

O USO DAS BICICLETAS CONTRIBUI PARA A MOBILIDADE E É SUSTENTÁVEL, POIS NÃO PROVOCA POLUIÇÃO AO MEIO AMBIENTE.


QUER SABER QUAIS OS BENEFÍCIOS DA BICICLETA?



- 1) REDUÇÃO DE HORAS NOS CONGESTIONAMENTOS:
- 2) PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA REGULAR:
- 3) LIBERTECÇÃO DOS RECURSOS ENERGÉTICOS NÃO RENOVÁVEIS (COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS):
- 4) MELHORIA DAS CONDIÇÕES AMBIENTAIS POR MEIO DA REDUÇÃO DA EMISSÃO DE GASES POLUIDORES (COMO DIÓXIDO DE CARBONO E O ENXOFRE):
- 5) MELHOR APROVEITAMENTO DOS ESPAÇOS ABERTOS (AMPLIANDO O CONTATO DO SER HUMANO COM A NATUREZA):
- 6) MELHOR QUALIDADE DE VIDA.
 - COMBATE AO ESTRESSE;
 - CONTRIBUEM PARA O EQUILÍBRIO FÍSICO E MENTAL;
 - MELHORA NA FUNÇÃO CARDIOVASCULAR E A CIRCULAÇÃO;
 - AUMENTA O TÔNUS MUSCULAR;
 - É UMA PRÁTICA COM BAIXO IMPACTO NAS ARTICULAÇÕES (DIMINUINDO OS RISCOS DE LESÕES);
 - REDUZ A CHANCE DE OBESIDADE, DOENÇAS CORONÁRIAS, DIABETES, ANSIEDADE E DEPRESSÃO.
- 7) TAMBÉM GERA BENEFÍCIOS SOCIAIS, POTENCIALIZANDO O CONTATO "REAL" ENTRE AS PESSOAS.
 - MELHORANDO A INTERAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO (CONVÍVIO SOCIAL):








BENEFÍCIOS DE ANDAR DE BICICLETA

- REDUZ O RISCO DE DIABETES E PRESSÃO ALTA
- SEM POLUIÇÃO SONORA
- CORAÇÃO MAIS FORTE E PULMÕES MAIORES
- REDUZ O STRESS
- ADEUS AOS PNEUZINHOS
- VER O MUNDO COM OUTROS OLHOS
- AUMENTA O TÔNUS MUSCULAR
- REDUZ MORTE NAS ESTRADAS E SALVA ANIMAIS
- DINHEIRO NO BOLSO E NÃO NO TANQUE DE GASOLINA
- GLÚTEOS DE AÇO
- MAIS RÁPIDO DO QUE CAMINHAR
- QUEIMA DE GORDURA NÃO COMBUSTÍVEL
- PERNAS TORNEADAS
- ESTACIONAMENTO GRATUITO ILIMITADO

BIKE DE AÇO

MOBILIDADE ATIVA

Uma história para mudar a nossa vida!

Ficha técnica

Ilustrações:
Bento

Argumentos:
Kelly Silva/Bento

Autoria e Revisão:
Kelly Silva Teixeira
Marcelo Paraíso

UniFOA
Centro Universitário de Volta Redonda

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
E DO MEIO AMBIENTE

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CoEPS/UniFOA

1- Identificação do responsável pela execução da pesquisa:

Título do Projeto: SOCIALIDADE, TRIBOS URBANAS E O COTIDIANO DOS(AS) CICLISTAS DE VOLTA REDONDA

Coordenador do Projeto: Kelly Silva Teixeira

Telefones de contato do Coordenador do Projeto: (24) 99859-4714

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa: UniFOA - Campus Universitário Olezio Galotti - Prédio 1 – Av. Paulo Erlei Alves Abrantes, nº 1325, Três Poços, Volta Redonda- RJ. CEP: 27240-560 ou pelo telefone 3340-8400, ramal 8540.

2- Informações ao participante ou responsável:

(a) Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem como objetivo é investigar os aspectos que mobilizam os indivíduos em diversos segmentos sociais a utilizar o ciclismo como atividade física.

(b) Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações abaixo que informam sobre o procedimento: Roda de Conversa e Entrevista.

(c) Você poderá recusar a participar da pesquisa e poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo. Durante o procedimento Roda de Conversa e Entrevista, você poderá recusar a responder qualquer pergunta que por ventura lhe causar algum constrangimento.

(d) A sua participação como voluntário, não auferirá nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza, podendo se retirar do projeto em qualquer momento sem prejuízo a V.Sa. ou menor.

(e) Serão garantidos o sigilo e privacidade, sendo reservado ao participante ou seu responsável o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometer-lo.

(f) Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes.

(g) Confirmando ter conhecimento do conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu consentimento.

Volta Redonda, _____ de _____ de 20_____.

Participante: _____